

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA PAULA MASTROCOLA

**Treinadoras de Futebol no Brasil:
O processo de relação entre os atributos pessoais e o contexto ao
longo da carreira**

São Paulo

2021

ANA PAULA MASTROCOLA

**Treinadoras de Futebol no Brasil:
O processo de relação entre os atributos pessoais e o contexto ao
longo da carreira**

Dissertação apresentada à Universidade São Judas Tadeu como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Regina Ferreira Brandão

São Paulo

2021

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Universidade São Judas Tadeu**

Bibliotecária: Adriana Aparecida Magalhães - CRB 8/10264

Mastrocola, Ana Paula.

M423t Treinadoras futebol no Brasil: o processo de relação entre os atributos pessoais e o contexto ao longo da carreira / Ana Paula Mastrocola. - São Paulo, 2021.
f. 117: il.; 30 cm.

Orientadora: Maria Regina Ferreira Brandão.

Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021.

1. Futebol. 2. Treinadora. 3. Carreira. 4. Desenvolvimento humano I. Brandão, Maria Regina Ferreira. II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física. III. Título.

CDD 22 – 796

*D.^a Ana (in memoriam), minha linda, querida e amada mãe,
a ti dedico este estudo,
com todo meu amor!*

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento inicial é a você, *Meme*, a pessoa mais especial na minha vida, minha companheira, parceira, amiga, esposa, confidente; aquela que me estimulou, incentivou e apoiou incondicionalmente durante todo esse período dedicado aos meus estudos, que me ajudou nos afazeres de casa, do trabalho, da pesquisa e que ao meu lado ficou por todos os finais de semana ensolarados que permaneci estudando, seja no A.P ou na nossa ilha. Esse título de mestre virá para nós duas!!!

Agradeço ao meu pai, Claudio Mastrocola (meu exemplo, meu herói), às minhas irmãs (Ana Silvia e Ana Claudia), aos meus sobrinhos (Ni e Andy) e a todos os meus familiares pelo apoio e incentivo desde o início.

Agradeço aos meus amigos de mestrado: Bruno (foi meu parceiro nessa jornada e um incentivador), Daniel (um irmão que ganhei), Mirvane (uma entusiasta sobre meu tema) e a Vânia Hernandez (amiga querida que ganhei e contribuiu demais com a pesquisa). Agradeço também aos meus amigos e colegas de trabalho da Prefeitura de Santo André, às treinadoras que participaram deste estudo e a todos que, de alguma forma, contribuíram.

Agradeço a todo corpo docente da Universidade São Judas Tadeu, especialmente às professoras doutoras da minha banca, Elisabete dos Santos Freire e Heidi Ferreira Jancer, pois é um grande orgulho ter vocês em minha trajetória.

E o meu agradecimento mais que especial à minha querida orientadora Prof.^a Dr.^a REGINA BRANDÃO, que primeiramente me escolheu como orientanda e me mostrou que devo e posso contribuir com uma modalidade que sempre amei e lutei por visibilidade. Obrigada pela paciência, por dividir todo seu conhecimento e obrigada por acreditar em mim. É um orgulho imenso e um privilégio ter você como orientadora e agora como amiga. Mais uma vez ... OBRIGADA!!!

E assim a vida continua, porém com muito mais conhecimento adquirido devido a todos vocês!

E viva o futebol, uma alegria, uma paixão!!!

RESUMO

Treinadoras de Futebol no Brasil: O processo de relação entre os atributos pessoais e o contexto ao longo da carreira.

O objetivo do presente estudo foi compreender o processo de relação entre os atributos pessoais das treinadoras de futebol no Brasil e o contexto ao longo da carreira, sob a perspectiva do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. O modelo postula que o desenvolvimento da pessoa é resultado da interação e das modificações geradas reciprocamente entre ela e o ambiente ao qual está inserida. Participaram deste estudo oito treinadoras de futebol, brasileiras, em atuação, com idade superior a 18 anos e com o mínimo de dois anos de experiência em equipes masculinas e/ou femininas nas diferentes categorias do futebol. As treinadoras participaram de uma entrevista individual, semiestruturada de repostas abertas. A análise das entrevistas foi realizada de acordo com os procedimentos de Miles e Huberman (2004). Os resultados mostraram que as treinadoras estão inseridas em um contexto que ainda é culturalmente masculino, que apresenta resistência por parte dos homens em relação às mulheres, seja atleta ou treinadora, um ambiente no qual as treinadoras são avaliadas constantemente e a desconfiança sobre a sua competência em treinar equipes aparece com frequência. As relações interpessoais com dirigentes e comissão técnica se apresentou muitas vezes de forma negativa; porém, as relações interpessoais com a família, amigos e atletas se mostraram positivas, atraindo uma disposição geradora para o engajamento e permanência na carreira. Observou-se, também, que essas treinadoras possuem um sentimento de paixão pelo futebol e pela carreira, além de atributos pessoais (disposições, recursos e demandas) que se mostraram tão fortes que as fizeram superar as barreiras, as dificuldades e desempenhar suas tarefas com competência, permitindo, assim, a ocorrência dos processos proximais, apesar de um contexto que se apresenta de forma desfavorável às mulheres. Finalmente, pode-se considerar que não há dúvidas sobre o lugar de destaque que o futebol ocupa no mundo, mobilizando milhões de pessoas. No Brasil, chegou em 1895, trazido por Charles Miller, e logo se popularizou e transformou-se em esporte de massa no país. Entretanto, as mulheres não pertenciam a esse contexto, foram interdidas, proibidas de sua prática, assim como não pertenciam ao contexto esportivo em geral, dominado por uma sociedade predominantemente de práticas masculinas. Apesar da inserção das mulheres ter sido conflituosa, com a insistência se observou, ao longo do tempo, uma progressiva equalização de gêneros nas práticas esportivas. E, embora as assimetrias venham sendo superadas, o acesso aos cargos técnicos e diretivos ainda é um dos maiores desafios para as mulheres dentro do cenário esportivo, pois o que se vê, principalmente no futebol, é uma baixa representatividade, a existência do preconceito e a dificuldade em transpor barreiras.

Palavras-chave: Treinadoras de futebol; Futebol; Carreira; Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

Female soccer coaches in Brazil: the process of relationship between personal attributes and context throughout their career.

The aim of this study was to understand the process of relationship between the personal attributes of female soccer coaches in Brazil and the context throughout their career, from the perspective of the Bioecological Model of Human Development. The model postulates that the development of the person is the result of the interaction and modifications generated reciprocally between him and the environment to which he is inserted. Eight Brazilian female soccer coaches, working older than 18 years and with a minimum of two years of experience in men's and/or women's teams in different soccer categories, participated in this study. The coaches participated in an individual, semi-structured interview with open responses. The analysis of the interviews was performed according to the procedures of Miles and Huberman (2004). The results showed that the coaches are inserted in a context that is still culturally masculine, which presents resistance on the part of men in relation to women, whether athlete or coach, an environment in which female coaches are constantly evaluated and which the distrust of competence in coaching teams appears frequently. Indeed, interpersonal relationships with managers and technical committees were often presented in a negative way; but interpersonal relationships with family, friends and athletes proved positive, attracting a generating willingness to engage and stay in the career. It was also observed that these female coaches have a feeling of passion for soccer and their own career, in addition to personal attributes (dispositions, resources and demands) that proved so strong that it makes them overcome barriers, difficulties and perform their tasks competently, thus allowing the occurrence of proximal processes despite a context that presents itself in an unfavorable way to women. Finally, it can be considered that there is no doubt about the prominent place that football occupies in the world, mobilizing millions of people. In Brazil, it arrived in 1895, brought by Charles Miller and soon became popular and turned into a mass sport in the country. However, women did not belong to this context: they were banned from their practice, as well as did female not belong to the sports context in general, dominated by a society predominantly of male practices. Although the insertion of women was conflicting, with the insistence, a progressive equalization of genders in sports practices was observed over time. Although asymmetries have been overcome within this practice, access to technical and management positions is still one of the greatest challenges for women within the sports scene, because what is seen, especially in soccer, is a low representation, the existence of prejudice, and the difficulty in breaking barriers.

Keywords: Female soccer coaches; Soccer; Career; Bioecological Model of Human Development.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Definição do Problema	9
1.2 Objetivos	14
1.2.1 <i>Objetivo Geral</i>	14
1.2.2 <i>Objetivos Específicos</i>	14
1.3 Justificativa	15
CAPÍTULO 2. REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 Mulheres no Esporte	17
2.2 Surge o futebol “dos homens”... e o das mulheres, de “interdições e práticas” ..	19
2.3 Treinadoras: os desafios da carreira	24
2.4 Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano	27
CAPÍTULO 3. MÉTODOS	34
3.1 Pesquisa qualitativa	34
3.2 Participantes	35
3.3 Instrumentos e procedimentos	35
3.4 Análise de dados	36
CAPÍTULO 4. RESULTADOS	38
4.1 Dimensões do Modelo Bioecológico	40
4.1.1 <i>Contexto (Microssistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema)</i> ..	40
4.1.2 <i>Atributos Pessoais (Disposições, Recursos e Demandas)</i>	45
4.1.3 <i>Significado (Futebol e Carreira)</i>	52
CAPÍTULO 5. DISCUSSÃO	54
CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
APÊNDICE A - Dados Biográficos	81
APÊNDICE B – Perguntas geradoras baseadas nas características do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano.....	82
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	85
APÊNDICE D - Transcrição das Entrevistas	87

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. Definição do Problema

O meu gosto pelo esporte, principalmente o futebol, teve início na infância por influência do meu pai e dos meus avós, que eram praticantes do futebol e adoradores do esporte. Meu pai atuava nos campos de várzea e, todos os domingos, ele me levava para assistir seus jogos, ressaltando que essa prática de levar mulheres para os jogos de futebol não era comum na década de 1970. Eu adorava: queria estar lá dentro do campo, tocando na bola junto com eles. Passei por situações de muito preconceito por gostar de futebol: na pré-escola, fiquei “de castigo” por jogar futebol com os meninos e tive que me limitar a olhá-los correndo atrás da bola; sendo assim, eu preferia ficar olhando a ter que brincar de boneca ou casinha com as meninas, uma vez que, em 1978, as mulheres eram proibidas de jogar futebol. Por algumas vezes fingi ser menino para poder jogar futebol na rua, e essa foi a minha saída para poder fazer o que eu gostava.

Iniciei como atleta aos dez anos, quando meu pai me levou para realizar testes na equipe de voleibol da cidade. Eu queria praticar esporte, queria ser atleta de futebol, mas naquela época não existiam equipes de futebol feminino, então resolvi aceitar e me dedicar aos treinamentos do voleibol. Porém, mais tarde migrei para o handebol, e o que me chamava a atenção nessa modalidade era o fato de estar mais próxima do futebol, do gol, algo que me trazia prazer, que aumentava a minha adrenalina e onde mulheres eram aceitas na modalidade. Por lá fiquei seis anos, mas sem o apoio do meu pai, que não acreditava na modalidade e muito menos que me levaria a uma carreira sólida como o voleibol talvez o fizesse.

Concomitante a esse período de atleta de handebol, o futebol feminino começou timidamente a despontar. Alguns clubes da cidade organizavam torneios para as associadas e, aproveitando a oportunidade, inseri-me no time do Primeiro de Maio F.C., tendo destaque e mostrando habilidade com a bola nos pés, mesmo sendo atleta de handebol. Porém, ali no futebol tudo acontecia de forma muito tímida: a prática era vista somente como lazer e regada de preconceito contra mim e tantas outras mulheres, tendo que conviver com falas machistas

como “lugar de mulher é na cozinha”, “no tanque”, que “mulher jogando futebol era ‘mulher macho’” e outros comentários desqualificando as mulheres.

Continuei jogando handebol até que sofri uma lesão e essa trajetória foi interrompida, e me fez resignificar o que eu realmente desejava para minha carreira de atleta; fez-me pensar que meu objetivo nunca tinha sido alcançado, que pratiquei modalidades que serviram somente como um alento para quem verdadeiramente não queria estar ali e sim nos campos de futebol. Porém, a falta de oportunidades, o preconceito, as interdições, não me permitiram chegar à modalidade da forma desejada. Recuperada da lesão, decidi abandonar o handebol e me dedicar à faculdade. E foi quando a vida me surpreendeu e, aos vinte anos de idade, começava ali a minha felicidade no esporte: jogar futebol e fazer gols com os pés, não mais com as mãos.

Ingressei na equipe universitária, sendo logo em seguida convidada para realizar testes na equipe *EuroExport* (clube/empresa que exportava talentos); fui aprovada e minha carreira no futebol teve início em 1993, tardiamente e sem trabalho de base. Vale aqui destacar que o desenvolvimento técnico das mulheres no futebol brasileiro é escasso: ingressam já com idade avançada (em relação aos homens), normalmente acima dos 18 anos, e são poucas as equipes que oferecem esse desenvolvimento técnico de atletas. Tive passagens por outras equipes, como Vasco da Gama, Seleção Paulista Universitária, Seleção Catarinense, *Scorpions* (SC) e Fefisa, disputando campeonatos municipais, estaduais, brasileiro e sul-americano. Vivenciei todo tipo de preconceito, entre eles o questionamento social sobre a minha feminilidade e consequente “masculinização” pela prática da modalidade; mas persisti e segui com a carreira. Nesse período, tive o apoio incondicional da minha família, inclusive com meu pai estudando, aperfeiçoando-se e dirigindo equipes de futebol feminino. Essa aceitação familiar foi um dos fatores que me fez continuar, apesar do preconceito na modalidade.

Entretanto, tinha como certo que não sobreviveria do salário de jogadora de futebol no Brasil e optei por, ao final da graduação, concomitantemente com a carreira de atleta, ser treinadora de futebol, pelo gosto, pela prática, pela paixão ao futebol e pela sobrevivência. Encerrei a carreira de atleta aos 38 anos, em 2010, em função não apenas do problema salarial, mas também da idade avançada, das lesões, da falta de organização, do desrespeito com as atletas, o que fazia com que muitos jogos fossem disputados em campos com situações precárias, vestiários sujos, horários inadequados para prática esportiva, preconceito de dirigentes, árbitros e torcedores. Desapontei-me como atleta naquele momento, mas a paixão pelo futebol sempre foi maior e optei por lutar pelo futebol feminino de uma outra forma: dando continuidade à minha carreira como treinadora.

Minha primeira experiência como treinadora foi em uma equipe onde eu tinha noção de que a contratação estava vinculada ao meu destaque como atleta, não à experiência na função; era um novo momento, com as mesmas dificuldades da modalidade no âmbito feminino, porém com a mesma paixão. Por essa equipe atuei quatro anos, formando atletas, ganhando e perdendo títulos, enfrentando barreiras sociais, até que, em um determinado momento fui convidada, diretamente por um ex-jogador de um clube grande de São Paulo e da Seleção Brasileira, para treinar a equipe de base (garotos de 7 a 9 anos) do clube do qual ele era um dos dirigentes, na cidade de Santo André. Imensamente feliz pela oportunidade vinda de uma figura importante no mundo do futebol, aceitei. Porém, ali pude perceber que esse universo realmente não contempla as mulheres, pois mesmo realizando o trabalho com resultados expressivos dentro e fora de campo, os pais e diretores não queriam uma mulher como treinadora. Fui demitida após dois anos no cargo!

Não há tempo para lamentações quando se tem motivação para transpor barreiras e permanecer engajada naquilo que nos faz feliz. Parti em busca de novos (e velhos) caminhos: ingressei em outros clubes e continuei vivenciando atitudes machistas, como participar de campeonatos e, no momento da premiação, os primeiros colocados das equipes masculinas serem contemplados com troféus e medalhas e as equipes femininas, somente com medalhas! Encerrei a carreira de treinadora após apenas nove anos de experiência, motivada pelo cansaço de precisar provar, a todo instante, minha competência e habilidade para exercer a função e, mesmo com esses atributos, perceber a invisibilidade e falta de espaço das mulheres no esporte, incluindo o futebol, seja como atleta seja como treinadora.

Entretanto, após um período, senti a necessidade e a vontade de adquirir conhecimento, de me atualizar e, assim, alavancar a minha carreira profissional e acadêmica. Foi então que a vida me surpreendeu novamente, quando me vi frente a frente com a possibilidade de ingressar no mestrado e trazer o futebol e, principalmente, as questões que envolvem suas treinadoras de volta à minha vida. Ingressei na pós-graduação e meu tema de pesquisa foi, então, definido: as treinadoras de futebol e suas carreiras. Isso fez meus olhos se brilharem porque era ali que eu poderia contribuir de fato com as treinadoras de futebol no Brasil, compreendendo melhor a questão, analisando o que poderia fazer com que elas fossem inseridas nesse contexto masculino e de difícil acesso, de acordo com as minhas vivências e experiências. A curiosidade e a sede de compreensão me levaram a leituras e a buscas incessantes sobre tema, preenchendo esse espaço vazio que o futebol havia deixado na minha vida, como atleta e, principalmente, como

treinadora. Assim, fui me aprofundando e compreendendo os fatos e acontecimentos, inclusive históricos, sobre a inserção das mulheres no esporte, sobre o futebol e a carreira de treinadora.

Entre as pesquisas feitas, pude verificar que, de acordo com Goellner (2005b), a inserção da mulher no esporte se deu de forma irregular, conflituosa e com muita dificuldade. Nesse momento pude perceber que não era uma dificuldade só minha, mas sim de outras mulheres também, pois a sociedade não via como certa a prática das mulheres em atividades consideradas masculinas; o ideal era que elas apenas fossem espectadoras. Alimentava-se um medo nas famílias a ideia de que, ao participarem de competições esportivas, fossem levadas à vulgarização, comprometendo, inclusive, a maternidade.

Ainda de acordo com Goellner (2007), pensava-se na valorização da família e essa ideia partia da premissa da mulher sendo feminina e ser feminina era ser saudável e bela para poder cumprir com suas obrigações dentro de casa, no espaço privado, obrigações essas do casamento, da procriação, da maternidade. Conforme esse discurso, a participação das mulheres no esporte seria masculinizá-las, alterar as formas e contorno do seu corpo, concedendo-lhes um caráter viril. Além disso, a dimensão espetacular do esporte mobiliza paixões e energias, despertando sensações e desejos que nem sempre são passíveis de serem controladas. Portanto, o ideal era que as mulheres pudessem buscar práticas corporais e esportivas que lhes conferissem gestos e comportamentos que não ferissem a sua feminilidade, beleza e graciosidade.

Diante desse contexto, podemos conferir as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para a inserção no esporte e, principalmente, no futebol. De acordo com Damo (2007, p. 137), “não é preciso ser especialista para identificar que na modalidade há um predomínio masculino acentuado seja ele prático ou simbólico”. O autor reforça esse acerto dizendo que, embora a participação das mulheres na modalidade, nos dias atuais, dê essa impressão de aumento da prática ou maior visibilidade, isso não significa que o futebol deixou de ser um espaço masculino. Esse ambiente esportivo consiste em um lugar de afirmação da identidade masculina e continua a ser um dos espaços sociais em que é visível a preservação de uma clara fronteira entre os gêneros (Coelho, 2009). Talvez seja o desporto onde tal fronteira se mostre mais enraizada, levando em conta o fato de ser um esporte construído socialmente por homens e para homens (Vaz, 2005), onde a presença das mulheres ainda é vista com estranheza, quase como uma afronta.

Porém, na sua prática, o futebol feminino foi tentando se apropriar de um espaço próprio e, a partir da década de 1980, foi conquistando uma pequena notoriedade, com a criação de

ligas e a convocação de uma seleção brasileira feminina para disputar torneios internacionais, com aparecimento de jogadoras como Sissi, Roseli, Tafarel, Formiga e Marta, entre outras. Vale lembrar que essas jogadoras estabeleceram carreira fora do país, deixando claro que o futebol praticado em outros países possui uma maior visibilidade e oportunidades do que no Brasil. A equipe brasileira ganhou e vem ganhando alguns títulos e apresentou seu futebol ao mundo. Porém, a trajetória feminina na modalidade foi, e ainda é, desigual, discriminada e interdita, e existem barreiras a serem quebradas. De acordo com Haag (2018), o elemento central dessa desigualdade é a profissionalização e organização do futebol feminino, ou melhor, das tentativas de profissionalização, pois até o momento a modalidade ainda está buscando alcançar o *status* de esporte profissional. A ausência da profissionalização do futebol feminino, seja como atleta ou como treinadora, desvela vários problemas para as mulheres envolvidas na prática.

Apesar do aumento de participantes na modalidade, de federações, confederações e da Federação Internacional de Futebol (FIFA) mostrar um olhar mais democrático e menos excludente, o futebol feminino ainda é invisível, seja para as atletas como para as treinadoras, pois o acesso aos cargos técnicos e diretivos ainda é um dos maiores desafios para as mulheres dentro do cenário esportivo. E, quando conquistam esses cargos, precisam enfrentar uma série de barreiras, sobretudo, pela forma como as relações de gênero estão instituídas no mundo desportivo (Mourão & Gomes, 2004).

Para Ferreira, Salles, Mourão e Moreno (2013), a baixa representatividade de mulheres em cargos de comando tem sido explicada por meio da metáfora do “teto de vidro”. O significado figurativo da expressão “teto de vidro” indica que as mulheres ocupam posições inferiores, a partir das quais elas visualizam os postos acima delas por meio da transparência dessa separação de vidro, mas não conseguem ultrapassá-la. Esse fenômeno evidencia que a maioria das mulheres se limita a ocupar a base da pirâmide de organização hierárquica, expondo a exclusão feminina em setores específicos. Exclusão essa que não tem a ver com falta de habilidade e capacidade das mulheres, mas com o simples fato de serem mulheres.

Norman (2010b) também apresenta as dificuldades que as treinadoras enfrentam na carreira, como se deparar com a desconfiança sobre a sua competência e, a todo momento, necessitar provar que são merecedoras de ocupar tal posição. Para se firmarem na carreira, elas carregam o pesado fardo da dúvida e suspeita dos homens. Ainda de acordo com a autora, a associação da figura masculina é uma imensa e poderosa barreira para a aceitação de mulheres como treinadoras.

Diante do exposto, ao buscarmos estudos sobre a participação de mulheres treinadoras no futebol brasileiro, surgiram algumas inquietações: dado o contexto masculino do futebol, uma modalidade com um ambiente desfavorável às mulheres, carregado de preconceitos e barreiras, o que as leva a iniciarem na profissão de treinadora? Quais atributos pessoais podem explicar a participação dessas treinadoras nesse tipo de contexto de prática? Qual a relação entre os atributos pessoais identificados e os parâmetros dos contextos nos quais as treinadoras estão envolvidas direta ou indiretamente? Qual significado tem essa profissão para essas mulheres? O que as faz continuar inseridas nesse contexto?

Para poder responder a essas inquietações houve a necessidade de encontrar um modelo teórico que pudesse auxiliar na compreensão da profissão de treinadora no contexto do futebol e suas facetas. Partindo dessa perspectiva, o Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner (2005) – que concebe o desenvolvimento humano a partir da integração de quatro elementos: processo, pessoa, contexto e tempo – foi o escolhido, por ser capaz de compreender a influência sociocultural na relação recíproca e dinâmica entre indivíduo/ambiente, em outras palavras, treinadora/futebol. O modelo proposto por Bronfenbrenner (1996, 2005) permite compreender esse processo de relação entre a treinadora e o futebol por meio de um conjunto de sistemas nos quais a treinadora é um ser ativo, capaz de sofrer influências desses sistemas, ao mesmo tempo em que neles determina mudanças.

Portanto, essa dissertação teve os seguintes objetivos:

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender o processo de relação entre os atributos pessoais de treinadoras de futebol do Brasil e o contexto ao longo da carreira.

1.2.2 Objetivos Específicos

- 1) Analisar o significado atribuído pelas treinadoras ao futebol e à carreira de treinadora de futebol no Brasil;

- 2) Compreender o contexto do futebol, do micro ao macro, e sua influência ao longo da carreira das treinadoras;
- 3) Compreender como as atividades e as relações sociais do microsistema impactam no papel da treinadora;
- 4) Compreender os atributos pessoais (disposições, recursos e demandas) das treinadoras e a relação com os diferentes contextos; e
- 5) Compreender os facilitadores e as barreiras para o desenvolvimento de processos proximais.

1.3 Justificativa

Compreender e analisar as treinadoras de futebol no Brasil é ir além de todas as perspectivas que envolvem essa pesquisa; é dar voz a essas mulheres que carregam o imenso fardo de lutas, interdições, invisibilidade e preconceito.

O esporte nunca foi “lugar de mulher”. Quando criou os Jogos Olímpicos da Era Moderna, Barão de Coubertin disse, em 1896, que as mulheres seriam sempre “imitações imperfeitas”. Ao proibi-las de participar das competições, ele sentenciou: “Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para a sua saúde” (Coubertin, 1938, p. 46 apud Goellner, 2005a, 144). O medo de que elas praticassem esportes no passado gerou uma lei no Brasil para proibir determinadas modalidades femininas. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”, dizia o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Entre esses esportes incompatíveis, estava o futebol. Foram inúmeras situações criadas e referenciadas para argumentar em favor do afastamento das mulheres no esporte. Sendo assim, ocorreu uma inserção lenta, irregular e conflituosa.

De acordo com Goellner e Kessler (2018), é possível identificar que o futebol feminino não conseguiu se desenvolver como deveria. Ainda que esse retardo não se justifique apenas pela oficialidade das leis, é certo que elas reverberaram na sociedade brasileira em relação às iniciativas de ampliação da participação das mulheres, inclusive na gestão dos clubes de futebol.

Apesar do número de mulheres atletas no contexto esportivo ter crescido recentemente, de acordo com o Comitê Olímpico Internacional (2019), não é o que se observa nos cargos de gestão, principalmente de treinador. No comando esportivo, os homens constituem a grande

maioria do efetivo. O público masculino ocupa majoritariamente os cargos de administração esportiva, como também aqueles relacionados ao treinamento esportivo propriamente dito. O domínio masculino já está naturalizado ao ponto de existir a percepção de que a profissão de técnico esportivo deve ser exercida apenas pelos homens. Mediante esse contexto, Norman (2010b) nos indica que a figura masculina está relacionada ao treinamento e isso se torna uma barreira difícil de ser transposta pelas mulheres.

A opção pelo estudo nesse segmento prendeu-se aos fatores relacionados à invisibilidade feminina em diversas áreas do esporte, principalmente no futebol, seja como atleta, seja como treinadora. Existem muitos estudos direcionados aos homens no futebol, aos homens treinadores esportivos, e pouquíssimos estudos direcionados às mulheres. Mediante esse contexto, vimos possibilidades de identificar quem são essas mulheres inseridas no futebol como treinadoras da modalidade.

Direcionamos este estudo aos atributos pessoais das treinadoras de futebol e ao contexto em que elas estão inseridas, relacionando-os a suas carreiras. De acordo com Bronfenbrenner e Morris (1999), os atributos pessoais apresentam características da pessoa que podem influenciar seu desenvolvimento futuro. Ao aceitarmos essa afirmação, é possível conhecer os atributos pessoais que constituem as treinadoras e as características facilitadoras ou inibidoras durante esse processo.

Este estudo poderá contribuir para preencher lacunas existentes na literatura, como a escassez de estudos sobre treinadoras de futebol no Brasil, assim como poderá contribuir com a criação de estratégias que potencializem o início e favoreçam a permanência, bem como para que se reduza o número de treinadoras que abandonam a carreira, focando naquelas que alcançam a *expertise*, e criando um modelo que sirva positivamente de fio condutor para o futuro e dar visibilidade às mulheres que sustentam e resistem no campo da liderança esportiva.

Cientificamente, o estudo poderá contribuir caracterizando-se como o primeiro estudo brasileiro realizado com treinadoras de futebol, abordando diversos aspectos relacionados aos atributos pessoais, ao contexto em que elas estão inseridas e à carreira. E, conseqüentemente, fornecer dados para que novos estudos sejam conduzidos, ampliando esse universo de treinadoras de futebol em potencial no Brasil.

CAPÍTULO 2

REVISÃO DE LITERATURA

Com o objetivo de proporcionar um referencial teórico para uma melhor compreensão dos aspectos abordados no presente estudo, essa revisão de literatura foi organizada em quatro tópicos, a saber: o primeiro, a análise das mulheres no esporte; no segundo, o futebol de homens e mulheres; no terceiro, a carreira das treinadoras; e, por fim, uma descrição do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner.

2.1 Mulheres no Esporte

O caminho trilhado pelas mulheres dentro da sociedade mundial foi construído por meio de muitas resistências, exclusões e rupturas em uma estrutura controlada por uma ideologia patriarcal. Isso fez com que as mulheres fossem discriminadas em várias instâncias da sociedade, não somente no esporte, deixando-as invisíveis na História (Lopes, 2006; Silva, 2008).

Segundo Mourão e Morel (2005), a inserção do corpo feminino em práticas culturais historicamente delegadas aos homens ainda é carregada de julgamentos em torno das capacidades físicas, emocionais e, também, de uma não feminilidade. A generificação da cultura (re)produzida opera posicionando homens e mulheres em lugares distintos, julgando, humilhando, ridicularizando aquelas e/ou aqueles que ousam invadir ou mesmo trocar as fronteiras sexistas (Meyer, 2004).

Em se tratando especificamente das práticas esportivas, o suor excessivo das mulheres, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, a liberdade de movimento, a leveza das roupas e a seminudez levantavam suspeitas, eram identificados pelos moralistas como natureza vulgar e abandono das práticas dos bons costumes. Eram direcionadas recomendações e restrições em relação aos exercícios corporais femininos, para a preservação e constituição de uma boa maternidade, considerada, naquele momento, como a mais nobre missão da mulher, pois dela depende a regeneração da própria sociedade. Os exercícios físicos deveriam ser restritos e limitados e, sendo assim, alguns esportes, como o futebol, o *rugby*, o pólo, o *baseball* e as lutas, eram marginalizados. Além de desestabilizar um terreno criado e mantido sob o domínio masculino, cuja justificativa deveria atestar a superioridade dos homens

em relação às mulheres, era um grande temor na sociedade (Goellner, 2005). E foi somente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres conquistaram maior espaço no território esportivo, tido “essencialmente” como masculino.

O Comitê Olímpico Internacional (COI), criado e controlado essencialmente por homens, acabou por reforçar o lugar subalterno da mulher em relação aos homens também nos Jogos Olímpicos (JO), reforçando o papel secundário da mulher na sociedade. Pierre de Coubertin, idealizador do COI, tentou manter as mulheres afastadas da participação dos JO. De acordo com Guttman (2002), para a geração de Coubertin, o corpo feminino trazia a explicação que naturalizava as diferenças entre homens e mulheres, colocando as mulheres como sendo de natureza frágil, cuidando da maternidade e da casa. Cabia aos homens o conceito de virilidade, vigor e moralidade. “A inserção performática das mulheres no esporte era observada como forma de masculinizá-la, seja porque alteraria seu corpo, potencializando-o, seja concedendo ao seu caráter atributos reconhecidos como viris” (Goellner, 2016, p. 33).

As primeiras participações femininas nas competições olímpicas foram em 1900, no golfe e no tênis, modalidades consideradas belas esteticamente e por não possuírem contato físico, preservando a beleza do corpo feminino. O fato é que a entrada das mulheres nos JO foi discreta, restrita e aconteceu lentamente.

A participação de brasileiras nos esportes teve seu início de forma mais contundente em 1920, nos clubes. É o caso de Maria Lenk (filha de alemães), o que reforça o fato de as filhas de imigrantes serem as precursoras da inserção das mulheres nos esportes. Maria Lenk abriu as portas da natação competitiva ao conquistar o título da Prova Rio de Janeiro - São Paulo, em 1931, sendo, logo em seguida, em 1932, a primeira mulher a representar o Brasil em olimpíadas (Oliveira, Cherem & Tubino, 2009). Ao longo dos anos, a mulher brasileira ampliou sua participação no cenário esportivo, ganhando, inclusive, maior visibilidade e reconhecimento (Goellner, 2005).

Entretanto, isso não significou a massificação e a evolução imediata do esporte feminino no Brasil, pois as primeiras medalhas olímpicas vieram somente nos jogos de Atlanta, em 1996 (Rubio, 2011). Conforme os autores Romariz, Votre e Mourão (2012), no que tange à participação esportiva na condição de atleta, a diferença quantitativa entre homens e mulheres diminuiu ao longo dos anos a partir de 1996, e na última edição dos Jogos Olímpicos, sediada no Rio de Janeiro, destaca-se que a participação das mulheres aumentou 70% em relação a Londres, em 2012 (Comitê Olímpico Brasileiro, 2019). Nesse sentido, observa-se que o esporte

contemporâneo de rendimento no Brasil assiste a uma progressiva equalização das oportunidades relacionadas a gênero, sendo possível dizer que, hoje, o esporte é prática para homens e mulheres em “quase” todas as modalidades.

2.2 Surge o futebol “dos homens”... e o das mulheres, de “interdições e prática”

De acordo com Oliveira (2012), a história do futebol está intrinsecamente ligada ao confronto entre as classes sociais. Desde a época dos camponeses e nobres na Inglaterra, até sua chegada elitista no Brasil, a prática futebolística esteve presente nos conflitos entre pobres e ricos. Essa disputa de forças entre poderosos e oprimidos é a origem do futebol na Inglaterra e no Brasil.

Quando trazido da Europa, em 1895, pelas mãos – e pés – do descendente de ingleses Charles Miller, o esporte ficou recluso à parcela mais abastada da população. Ao introduzir o esporte, já difundido na Inglaterra, entre conhecidos seus e de seu pai, calhou formar times com jogadores de uma elite, portanto, brancos, os “bem-nascidos”, o pegaram para uso exclusivo. Jogavam com roupas de seda. Enquanto isso, recém-abolida a escravidão, no início do século XX, o grosso do povo brasileiro não possuía nada, tinha apenas o seu corpo e a rua. De uma hora para outra, essa vasta camada da população foi simplesmente abandonada à própria sorte.

Tal desigualdade estrutural entrou República adentro e com ela se fundaram clubes de elite no Rio de Janeiro e em São Paulo. O contraponto da elegante plateia do Fluminense – o primeiro estádio a ser construído, na então capital federal – eram os pés descalços de negros e mestiços que só podiam assistir do alto dos morros ao que se passava nos estádios (Kaz & Costa, 2013). Entretanto, em 1927, entram em cena os melhores jogadores, não importando a origem nem o berço. Não se ganhava campeonato com times só de brancos. As cores começaram a se misturar em campo. O rapaz branco, educado, de boa família, tinha de competir em condições de igualdade com o analfabeto, o negro e o mulato. Aos poucos, a popularização do futebol foi acontecendo; a dimensão do jogo, a disputa em campo. Criava-se um plano potencialmente democrático em um esporte que foi, a princípio, destinado somente a elites brancas e eurocêntricas, tomando o jogo para si e transformando-o em esporte de massa no Brasil.

A apropriação brasileira foi rápida, como fogo sua chama viveria no tempo de um combustível sólido e renovado com cada geração. O esporte parecia ser sustentável por natureza e sempre atraiu novos praticantes e espectadores. Muito rapidamente, foi-se perfilando o ideal de um estilo brasileiro baseado na habilidade, na criatividade, na improvisação, no drible, na

alegria e em tudo aquilo que até hoje se admira e reivindica como estilo nacional. Kaz e Costa (2013) citam que foi um magnífico encontro: futebol e Brasil parecem ter sido feitos um para o outro, o povo tomou o esporte para si e o reverenciou.

Lovisoló (2013) também aponta que o futebol surgiu no Brasil inicialmente como um esporte trazido para elite, porém convertido rapidamente em esporte de massa. Seus praticantes, oriundos de qualquer classe social, predominantemente das populares, tornaram-se profissionais, sobressaindo-se nos processos de seleção. É o amadorismo sendo derrotado pelo futebol organizado e reconhecido por clubes, federações e confederações. A partir desse momento, o sonho de ser jogador de futebol tornou-se realidade para um pequeno percentual na aliança da disposição, talento e relacionamentos. O futebol passou a ser visto como um caminho legal, no duplo sentido da palavra no Brasil, e valioso de ascensão social, aparece como atividade que canaliza ou gera emoções significativas, como referências identitárias, solidariedade, pertencimento, consumismo, conflitos e violência sob o ponto de vista coletivo. No plano individual, é uma máquina de sonhos e decepções, que podem ser maiores ou menores dependendo do tamanho do sonho e de suas expectativas.

Em poucos anos, entre 1958 e 1970, o Brasil ganhou três copas mundiais de futebol masculino e, anos depois, mais duas. O “Pentacampeão” do futebol de homens passaria a ser visto como País do Futebol no mundo todo. De acordo com Luz, Pugliese, Cavalcante e Lise (2015), uma das vertentes do negócio passou a ser a crescente exportação de jogadores e técnicos; ao objetivo de jogar em times prestigiados de primeira divisão brasileira e na seleção nacional, agregou-se o desempenho e a migração para times do Velho Mundo. O futebol profissional e espetacular cresceu como negócio. Esse processo sempre encontrou críticas, desde o entendimento de que o motivo do ganho estaria substituindo o da paixão ou amor pela camisa, até o suposto esvaziamento do futebol nacional pela venda de jogadores que se destacam. As críticas sempre ganham intensidade nos momentos de crise dos clubes ou da própria Seleção Nacional.

Entretanto, com toda essa paixão, a sensibilidade do brasileiro e a cultura abarcada nessa modalidade, sendo o esporte nacional preferido, o esporte de massa, com mais adeptos no país, onde estão as mulheres praticantes desse esporte? Para quem, de alguma maneira, convive com o futebol feminino, a afirmação “O Brasil é o país do futebol!” – que já foi exaustivamente repetida e nela nada se estranha, pois realmente assim o país é culturalmente denominado – deveria causar certo incômodo, já que nada nela define que o Brasil seja o país do futebol de homens. Quando se afirma tal máxima, é omitido todo o processo de exclusão das mulheres,

não só de sua prática, como de as estabelecerem como seres legítimos dentro do contexto cujo eixo central é o futebol. De acordo com Silva (2015), o futebol não é entendido como um espaço de possível afirmação da mulher. A própria prática exercida por mulheres é fruto de longa e intensa luta, vista muitas vezes como uma concessão de espaço feita pelos homens, donos da bola e do esporte. Ainda nessa perspectiva, existe a asseveração de que toda essa paixão exaltada pelo brasileiro e pela denominação “país do futebol” mascara um privilégio que é dado aos homens, pois, no processo de tradução, interpretação, incorporação do futebol em solo brasileiro, as mulheres ficaram de lado, tendo uma incorporação lenta e tardia nesse universo pautado pela desconfiança e até por um certo estranhamento. O futebol para as mulheres foi uma das formas de expressão das características emocionais mais profundas guardadas por décadas (Magalhães, 2008).

É interessante a construção histórica feita por Pisani (2015) quando explana sobre o entendimento do espaço que a mulher deveria ocupar naquela época (século XIX, início do século XX), bem como a reação da população que acompanhava as pequenas aparições femininas dentro de campo. As mulheres sempre foram colocadas à margem na produção histórica sobre o futebol brasileiro. Até o ano de 1920, quando apareciam nas crônicas esportivas e colunas sociais, eram retratadas como meras espectadoras que traziam beleza e charme para as arquibancadas. No ano de 1921, os jornais do país noticiaram – não sem algum assombro – a primeira partida de futebol disputada por mulheres. À época, elas foram chamadas de “audaciosas e destemidas”, e a partida, por sua vez, foi motivo de chacota e desconfiança do grande público brasileiro. Passados 20 anos, conforme já citado, sob o pretexto de preservar a saúde reprodutiva dessas mulheres, o Conselho Nacional de Desportos (CND) decretou que alguns esportes não seriam compatíveis com a natureza feminina. Acreditava-se que a prática do futebol colocaria em risco a integridade física das mulheres brasileiras: uma forte pancada no baixo ventre poderia torná-las inférteis, comprometendo a maternidade. Dessa forma, até 1979, as mulheres foram proibidas por lei de jogar futebol.

“Foi somente em 1983 que o CND regulamentou a prática por meio da Deliberação 1/83 reconhecendo a modalidade como esporte e possibilitando a formação de ligas e clubes” (Almeida & Pisani, 2017, p. 22). Pode-se afirmar que a prática contínua e minimamente organizada do futebol de mulheres ocorreu nas últimas décadas do século XX; ou seja, ainda existem barreiras de acesso, inclusive formal, de reconhecimento profissional e estrutura organizacional a serem enfrentadas.

Como modelo de ideologia machista que, de acordo com Franzini (2005), predomina no futebol brasileiro, no ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF) estabeleceu que, para que uma atleta pudesse participar do campeonato, precisaria apresentar sinais de feminilidade: cabelos compridos, corpo mais delicado e com curvas, uniformes mais curtos e justos, jogarem maquiadas. De acordo com Goellner (2005b), esse momento é retratado como a erotização dos corpos femininos e apelo à beleza como estratégia de *marketing*, pois a Federação deixava clara a intenção, em seu regulamento, de valorizar as questões estéticas em detrimento às questões técnicas e táticas.

Em razão de todo esse olhar sob as mulheres, pode-se dizer que a resistência com o futebol feminino no Brasil não é algo que acontece somente nos dias atuais, e sim que o cenário de hoje é um claro reflexo da história que há por trás de uma luta que começou na década de 1920, quando as mulheres brasileiras iniciaram sua busca pelo direito de jogar futebol, o que ocorreu mais precisamente na cidade de São Paulo, onde o pontapé da modalidade foi dado na partida entre Senhoritas Tremembenses contra Senhoritas Cantareirenses (Costa, 2018).

“Foi então, nos anos 80 que o futebol feminino passou por seu processo de reestruturação, com a revogação da legislação que proibia a prática do futebol pelas mulheres, impulsiona a estruturação de instituições, de competições e de equipes, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro” (Freitas Jr. & Gabriel, 2018, pp. 15-16).

No início da década de 1990, a FIFA lança a primeira Copa do Mundo Feminina e a Confederação Brasileira, para ser representada na Copa, convoca jogadoras do Esporte Clube Radar (clube de muitas conquistas no início da década de 1980) para representar o Brasil. Nesse evento, que ocorreu em 1991, o Brasil foi eliminado na primeira fase, obtendo o nono lugar no quadro geral (Salvini & Marchi Jr., 2016a). Posteriormente, o futebol feminino do Brasil passou a ocupar melhores colocações e a ganhar *status* dentro de grandes competições, como Campeão Sul-Americano e, de acordo com Morel e Salles (2007) o futebol feminino foi incluído nos Jogos Olímpicos em 1996, quando a Seleção Brasileira Feminina obteve a quarta colocação de forma surpreendente, além da medalha de prata na olimpíada de Sidney, em 2004. Conforme dados da CBF, em seu *site*, a Seleção Brasileira obteve, nos Jogos Pan-Americanos, o primeiro lugar em 2003, 2007 e 2015 e o quarto lugar nos Jogos Olímpicos de 2016. Como se vê, participa com destaque e posiciona-se entre as grandes seleções mundiais, apresentando ao mundo, todos os anos, nomes de muita habilidade, categoria e prestígio no futebol, como Sissi, Marta, Formiga, Roseli e Cristiane, entre outras.

Atualmente, o futebol feminino no Brasil segue as normas estabelecidas pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e pelas Federações Estaduais.

A CBF, em seu *site*, define a tabela do campeonato feminino em disputa, sendo: brasileiro das Séries A1 e A2 adulto, sub 18, sub 16 e sub 14; com a participação de 16 equipes na Série A1, 36 equipes na série A2, 24 equipes na categoria sub 18, 12 equipes na sub 16 e oito equipes na categoria sub 14, totalizando 96 equipes; e a movimentação de 382 jogos. De acordo com o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (2020), Sr. Rogério Caboclo, a CBF tem como foco principal acelerar o desenvolvimento do futebol feminino no país, fomentando e investindo no aumento da participação feminina na modalidade, que para a CBF é prioridade, avançando o calendário, reformulando as duas séries adultas, iniciando competições nacionais de base, que proporciona o desenvolvimento da modalidade e o surgimento de novas atletas que poderão servir, no futuro, à Seleção Brasileira em suas diversas categorias.

Balardin, Voser, Duarte e Mazo (2018) apontam a existência de um ponto de partida em investimento e estrutura para que as mulheres joguem futebol no país, porém existe também a noção de que o apoio poderia ser maior no que diz respeito a transmissões, distribuição de verbas, duração dos campeonatos desenvolvidos pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), respeito com as atletas e a sua profissionalização. Corroborando com o tema da profissionalização das atletas, Haag (2018) cita como um elemento central da desigualdade e organização no futebol feminino, assim como a ausência de mulheres na gestão do esporte.

Outro problema a ser considerado para o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, ainda de acordo com Haag (2018), inicia-se na base, pois não há uma formação adequada para as jogadoras; quando se tornam adultas, precisam compensar os déficits de formação, inclusive técnico. Essa defasagem alimenta os argumentos do senso comum de que o futebol feminino é fraco, o que, por outro lado, legitima a ausência de investimento na modalidade, pois não despertaria interesse público, quando na realidade, o interesse existe: nas Olimpíadas de 2016, o jogo entre Brasil e Austrália atingiu 22,4 milhões de espectadores e superou a audiência do futebol masculino.

Esses dados nos mostram que, apesar da desigualdade, houve um crescimento do futebol feminino. Nos mostram, também, que o futebol respira e que não há necessidade de esse

ar seja sempre de rosas, mas sim que sejam novos ares para uma modalidade que necessita de visibilidade e que há tempos pede passagem.

2.3 Treinadoras: os desafios da carreira

Abordar a carreira das treinadoras de futebol no Brasil e os desafios que elas enfrentam é, também, comparar essa relação com a de outras mulheres inseridas no mercado de trabalho, em outras profissões, que vislumbram possibilidades de ascensão, de alcançar posições de liderança em empresas, e se deparam com um “teto de vidro”, a representação simbólica de uma barreira sutil mas, ao mesmo tempo, forte, não as deixando ascender.

De acordo com Mota, Tanure e Carvalho Neto (2015), as dificuldades encontradas pelas mulheres nas empresas para chegarem aos cargos de gestão, de liderança, são culturais e sociais e apontam, também, duas vertentes: a discriminação e a diferença comportamental entre homens e mulheres. A vertente da discriminação aponta para a preferência, onde homens preferem contratar homens, mesmo que a produtividade, comparada à de uma mulher, seja idêntica. Outro fator seria a marginalização das mulheres que possuem filhos pequenos, pois, de acordo com os autores, as empresas acreditam que isso levaria as mulheres a possuírem vínculos mais instáveis com o trabalho do que os homens.

Independentemente de qual causa esteja relacionada a esse fenômeno do “teto de vidro”, as mulheres em cargos de liderança representam um grupo que, embora esteja em crescimento, ainda é minoria no mundo do trabalho (Lima, 2009).

Essa realidade também é visível e igual quando comparada à ausência de mulheres em cargos de destaque na gestão esportiva – área praticamente restrita aos homens. Nos cargos de comando esportivo, a atuação de mulheres – como treinadoras esportivas, auxiliares técnicas, árbitras, coordenadoras, diretoras, chefes e presidentes de órgãos da administração esportiva - tem se mantido restrita e existem alguns aspectos que apontam para a baixa representatividade das mulheres. Segundo Hepler e Feltz (2008), demonstrar que as mulheres podem ter sucesso em campos dominados por homens, como o esporte, pode desafiar a concepção dominante na sociedade de que as mulheres não podem liderar, assim como pode influenciar jovens meninas a buscar carreiras de liderança. O ato de tornar-se treinadora representa uma possibilidade de prolongamento e continuidade no esporte. Tendo passado seu auge em performance de rendimento esportivo, elas se aproximam de seus técnicos para desempenhar funções de auxílio e, concomitantemente, assumirem papéis nas categorias de base.

Conforme apontam Milisteld, Duarte, Ramos, Mesquita e Nascimento (2015), entre todos os envolvidos nesse cenário esportivo, as treinadoras são as que assumem um papel de maior destaque e possuem variadas funções que vão além de técnica desportiva, sendo gestoras, líderes e educadoras. Embora tais tarefas também sejam desenvolvidas por treinadores homens, geralmente as mulheres treinadoras acabam por desempenhar suas tarefas na área do lazer, da educação ou nas categorias de base, poucas ascendendo a equipes de rendimento esportivo e no alto nível.

Corroborando na questão da ausência feminina, Goellner (2004) considera inexpressiva a quantidade de mulheres brasileiras também nos setores de organização das federações e direção de esporte, assim como no Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Apesar de a orientação do COI ser a de promover estratégias de inserção para a mulher em cargos de comando – em especial a partir dos anos 2000, quando se esperava atingir a meta de 10% de mulheres presentes nessas posições –, pouco se vê dessa participação efetiva no próprio COI, uma das organizações esportivas mais influentes do mundo; de acordo com Machida e Feltz (2013), nunca teve uma mulher presidente e apenas dois dos 15 cargos da diretoria executiva são ocupados por mulheres.

De acordo com Jaeger, Gomes, Silva e Goellner (2010), a representação do esporte como um território em que os homens produzem e demonstram a sua masculinidade favorece a percepção de que treinadores geralmente são homens, o que acaba por produzir questionamentos a respeito da competência das mulheres nessa posição.

Existem outras barreiras em relação às treinadoras e o alcance que elas vislumbram na carreira. Uma delas é a falta de um tutor, o que, segundo Kilty (2006), é de fundamental importância para a facilidade de acesso ao cargo; a falta dele se torna uma barreira para a inserção das mulheres no comando das equipes. Estudos de Machida e Feltz (2013) sugerem que o tempo gasto pelas mulheres com tarefas domésticas pode representar uma poderosa barreira para a ascensão na carreira, apresentando um conflito família-trabalho, além de requisitos de viagens com a equipe. Essas são fatores que contribuem para, muitas vezes, as mulheres hesitarem em seguir na carreira de treinadora.

LaVoi e Dutove (2012) apontam em seus estudos que ser minoria no seu contexto de trabalho, o que muitas treinadoras enfrentam, pode levar a resultados que incluem uma condição altamente prejudicial para saúde física e mental de esforçar-se para demonstrar desempenho excessivo e, assim, ganhar credibilidade, além do enfrentamento nas condições desiguais de salário e de oportunidades de promoção.

De acordo com Norman (2010a), as mulheres necessitam comprovar permanentemente sua competência e suas habilidades para ocuparem os cargos de treinadoras, de liderança. Elas carregam o fardo da dúvida e da suspeita dos homens. Embora as mulheres treinadoras sejam percebidas como menos competentes em relação aos homens e se sintam desafiadas constantemente a conseguir alavancar sua carreira e se sustentarem nela, de acordo com Machida e Feltz (2013), as mulheres têm pelo menos igual ou senão maior competência quando comparadas aos homens. No entanto, elas possuem a tendência em subestimar a sua própria capacidade devido à discriminação de gênero existente.

Norman (2010a) cita a resistente noção patriarcal que existe no meio esportivo e a figura masculina ligada à questão de treinamento, sugerindo que treinar atletas é tarefa de homens e não de mulheres, bem como a discriminação de gênero como um fator gerador de déficit em número de treinadoras, pois existem diferenças no ambiente físico de trabalho e nas condições oferecidas de remuneração, fazendo com que as mulheres desistam da profissão mais facilmente. Existem, ainda, questões ideológicas que estabelecem que treinadores homens são melhores que mulheres, e isso faz com que as mulheres percebam a realidade desse pensamento desistindo da carreira. Os valores culturais revelam que as barreiras encontradas pelas mulheres que seguem na carreira de treinadora fazem com que elas tenham que demonstrar a todo momento sua qualidade profissional para prosseguir, como se fosse um fardo suspeito da sua potencialidade.

Sendo assim, a associação do treinamento esportivo com a figura masculina é uma imensa e poderosa barreira para a aceitação das mulheres como treinadoras. Atualmente, no Campeonato Brasileiro de Futebol da série A1 (masculino e feminino), ou seja, na elite do futebol brasileiro, das 36 equipes, somente duas treinadoras atuam à beira do gramado comandando equipes. “O que falta é oportunidade dos clubes e confiança no trabalho das mulheres que já estão na modalidade, mas não têm oportunidades dos clubes para ocupar esses cargos de comando. A maior falta é no comando técnico, de treinadora, na parte de comissão, de campo” (Silveira, 2019).

Corroborando com Silveira (2019), em relação às treinadoras no mercado brasileiro, principalmente na elite do futebol, no Artigo 23 do Estatuto da FIFA de março de 2016, que versa sobre como deveriam ser formulados os estatutos das confederações em relação à igualdade de gênero, a CBF assinalou posicionamento a favor quando contratou, após 30 anos de existência da entidade, uma treinadora, Emily Lima, para assumir o comando da Seleção Brasileira de Futebol Feminino e criando um grupo de trabalho de futebol feminino, com a

presença de dirigentes, treinadores, jornalistas, atletas, ex-atletas, acadêmicos, membros do então ainda existente Ministério dos Esportes e outros. Porém, meses depois, houve um retrocesso e esse grupo de trabalho foi abandonado por vários membros, bem como pela treinadora, demitida após dez meses de trabalho. A atitude gerou revolta entre os futebolistas, uma vez que a treinadora não teve tempo de trabalhar e realizar as experiências para as mudanças necessárias, bem como não pode formar a sua própria comissão técnica de trabalho. Apesar de toda repercussão, de cartas escritas por atletas e ex-atletas, Emily permaneceu fora do cargo abrindo, espaço para o retorno de um treinador homem (Almeida, 2019).

2.4 Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano

Não é simples sintetizar o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, concebido por Urie Bronfenbrenner numa longa trajetória. O modelo original foi publicado no livro de 1979, mas ao longo dos anos, Bronfenbrenner o reviu e atualizou, conforme artigos de 1992 e 2001, reimpressos no livro de 2005. Esses livros foram traduzidos para o português e lançados no Brasil, respectivamente, em 1996 e 2011.

O modelo postula que o desenvolvimento da pessoa é resultado da interação e das modificações geradas reciprocamente entre ela e o ambiente no qual está inserida, designado PPCT (Processo, Pessoa, Contexto e Tempo). Bronfenbrenner (2011) considera diversos elementos, entre eles as características pessoais do sujeito em desenvolvimento, sua relação com outras pessoas e com o ambiente, as atividades geradoras do desenvolvimento e os eventos históricos significantes com seu respectivo tempo de duração. Assim, compreender o desenvolvimento humano na perspectiva do Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (2011) requer a análise conjunta dos elementos processo, pessoa, contexto e tempo (**Figura 1**).

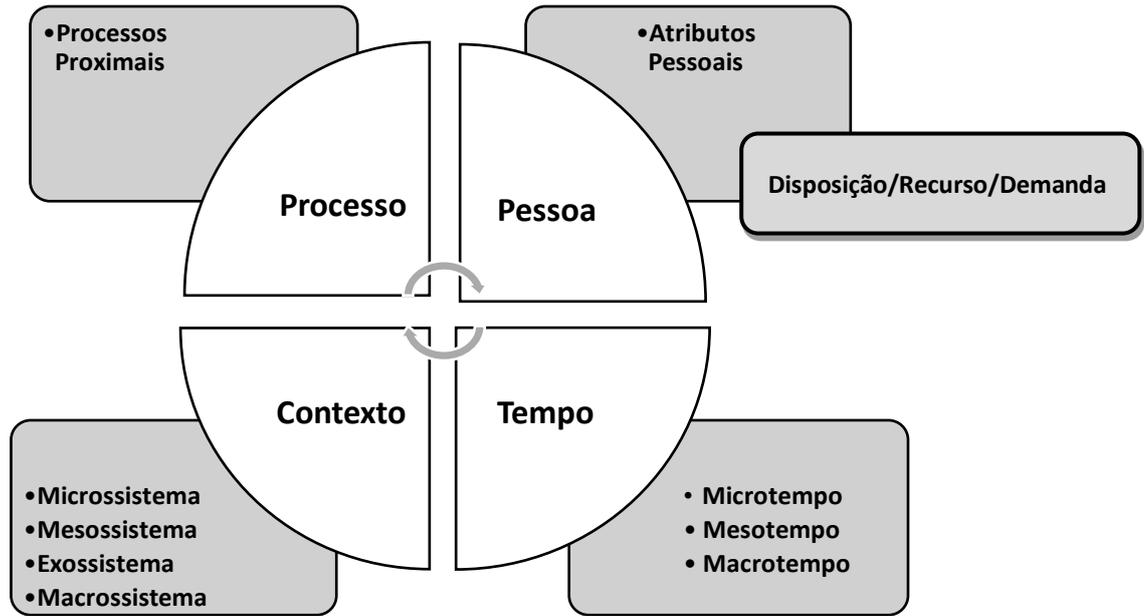


Figura 1. Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (PPCT) (Desenvolvido pela autora).

O contexto ou ambiente ecológico, onde se dá o desenvolvimento, é um componente complexo, composto por sistemas aninhados e interdependentes (micro-, meso-, exo- e macro), que agregam elementos físicos, sociais e culturais, assim como a forma como a pessoa os experiencia e as relações interpessoais estabelecidas (Bronfenbrenner, 2005) (**Figura 2**). A concepção ecológica de desenvolvimento no contexto, conforme Bronfenbrenner (2005), assume uma compreensão de desenvolvimento que implica não só as relações de múltiplas pessoas em seus ambientes próximos (micro- e mesossistemas), como também as influências de contextos remotos (exo- e macrossistemas). Considera que todos os contextos interagem de forma dinâmica e concomitante, ao longo do ciclo vital da pessoa e através das gerações, isto é, ao longo do cronossistema.

Bronfenbrenner (2005) apresenta o microsistema como um contexto imediato, em que a pessoa em desenvolvimento (treinadoras) tem experiências diretas e onde ocorrem os processos proximais, como o clube onde atuam, a equipe, a comissão técnica. É formado por um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais que são experienciados face a face pela pessoa em desenvolvimento, em um determinado ambiente que contém tanto objetos e símbolos específicos quanto pessoas com suas particularidades biopsicológicas e seus sistemas de crenças.

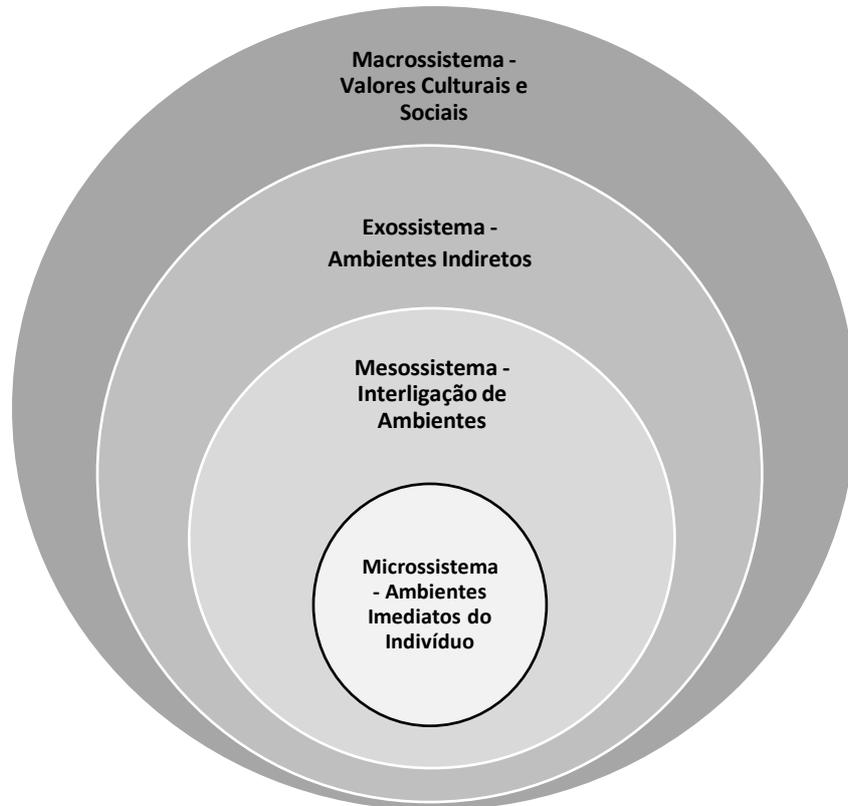


Figura 2. Representação do contexto e seus sistemas interconectados (Desenvolvido pela autora).

O mesossistema é formado pelo conjunto ou rede de microsistemas dos quais a pessoa em desenvolvimento (treinadoras) participa diretamente e comporta ligações e as trocas intercambiais, como as que ocorrem entre o trabalho (no caso, o clube que essa treinadora atua) e as relações com sua família, com seus estudos, quando está inserida em desenvolvimento de aprendizagem técnica na sua área (Bronfenbrenner, 2005). Essa rede, ou mesossistema, é estabelecida, ainda de acordo com o autor, quando a pessoa tem acesso a um novo ambiente, ocorrendo a transição ecológica, isto é, uma mudança de posição da pessoa no seu ambiente ecológico, com mudança de papéis, status e do próprio ambiente ou, ainda, uma combinação de tais eventos.

Outros dois contextos nesse modelo, de acordo com Bronfenbrenner (2005), são o exossistema e o macrossistema, que podem afetar os processos proximais da pessoa mesmo estando mais distante, não só naquele ambiente em que a pessoa participa diretamente. O desenvolvimento dessa treinadora, por exemplo, pode ser afetado não só por aqueles ambientes dos quais ela participa diretamente, mas também, e principalmente, pelos ambientes indiretos; no caso do futebol, pelos mais distantes, como os órgãos competentes da modalidade, como

federações, confederações, e ainda pela comunidade na qual se insere. O macrosistema envolve os sistemas político, econômico e educacional que contemplam ideologias, valores e crenças compartilhados pelos membros da cultura e que afetam, também indiretamente, as relações interpessoais e a qualidade de vida dessas treinadoras.

A pessoa é definida como um ser ativo, capaz de sofrer influências desses sistemas, ao mesmo tempo em que neles determinam mudanças, e envolvem tanto as características biológicas e psicológicas constitucionalmente determinadas, quanto aquelas que surgem como resultado das interações com o ambiente. Dessa forma, as características biopsicológicas da pessoa são tanto produtos quanto produtoras de seu desenvolvimento. O elemento da pessoa é descrito por Bronfenbrenner por meio de três características pessoais que atuam no desenvolvimento e influenciam os processos proximais: disposições, recursos e demandas (Krebs, 2009) (**Figura 3**).

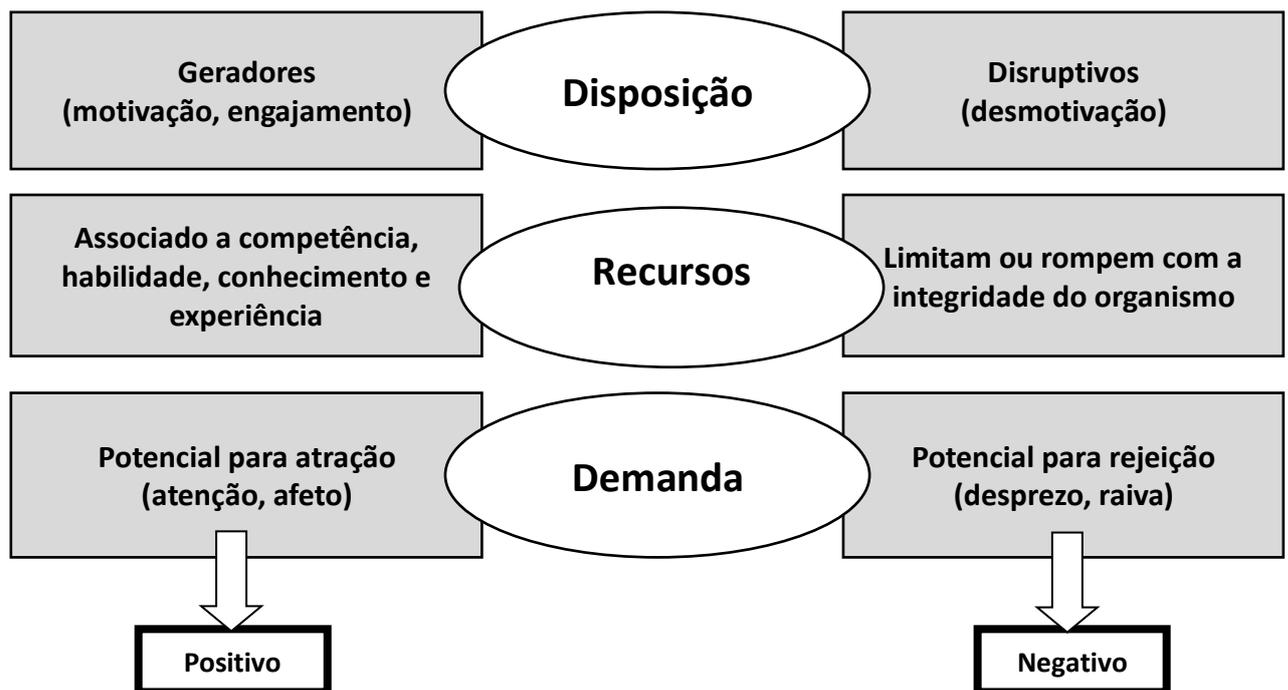


Figura 3. Atributos da pessoa em desenvolvimento (Desenvolvido pela autora).

De acordo com Bronfenbrenner (2011), as disposições são as características comportamentais (forças geradas por energia psicológica, ou seja, a motivação da pessoa para realizar algo) que podem tanto colocar os processos proximais em movimento, como retardar e até impedir sua ocorrência; em outras palavras, levando tanto a resultados de competência quanto a resultados de disfunções. As orientações comportamentais ativas, que levam a

resultados de competências, são chamadas de características desenvolvimentais geradoras e contemplam curiosidade, disposição para se engajar em atividades solitárias ou coletivas, prontidão para seguir metas de longo prazo e senso de autoeficácia. Já as que levam às disfunções são denominadas de características desenvolvimentais disruptivas e envolvem impulsividade, intempestividade, distração, falta de habilidade para adiar gratificações imediatas, agressividade e dificuldade em manter o autocontrole dos comportamentos e das emoções.

Os recursos constituem o que Bronfenbrenner (1999) denomina de ativos e passivos biopsicológicos e têm poder para influenciar a capacidade de um organismo de se envolver efetivamente no processo de desenvolvimento. Os recursos podem ser delimitados também por deficiências que restringem ou inibem o desenvolvimento da pessoa (como patologia mental, física, defeitos genéticos) e, também, competências, conhecimentos e experiências que se formam ao longo da vida e contribuem para formar os processos proximais.

Conforme Bronfenbrenner (2002), as demandas são os atributos da pessoa que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, contribuindo ou não para o aumento dos processos proximais. A aparência física, a idade, o gênero e a etnia são exemplos de características físicas que sofrem influências das crenças, valores e papéis sociais estabelecidos pela cultura em que a pessoa se desenvolve. As características biopsicológicas da pessoa, os aspectos do ambiente imediato e remoto e os processos que ocorrem entre e dentro deles, ao longo do tempo, devem ser compreendidos como interdependentes, ou seja, bidirecionais em influência.

O Processo é constituído por formas particulares de interação que ocorrem entre organismo e ambiente, e operam por um determinado período. São esses mecanismos primários do desenvolvimento humano que Bronfenbrenner define como Processos Proximais. Para esse desenvolvimento ser efetivo, é necessário que estejam em ação alguns fatores: o engajamento da pessoa em uma atividade; a interação deve acontecer em uma base relativamente regular por um longo período de tempo; a complexidade progressiva das atividades em que a pessoa está inserida; a reciprocidade entre as relações interpessoais; e, para que haja interação recíproca, os objetos e símbolos presentes no ambiente devem estimular a exploração e a imaginação do indivíduo (Krebs, 2009).

Os processos proximais ocorrem o tempo todo e podem, dependendo de suas características (como duração do período de contato, frequência do contato ao longo do tempo,

interrupção ou estabilidade da exposição etc.), levar a dois tipos de resultados no desenvolvimento, um positivo e um negativo (**Figura 4**). O resultado positivo é denominado de “competência”, demonstrado por meio da aquisição de habilidades socioemocionais, cognitivas e físicas, bem como da capacidade de controlar o próprio comportamento ou de outras pessoas. Inversamente, o resultado negativo envolve a manifestação recorrente de disfunções e dificuldades em comportamentos de autocontrole em diferentes domínios do desempenho (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

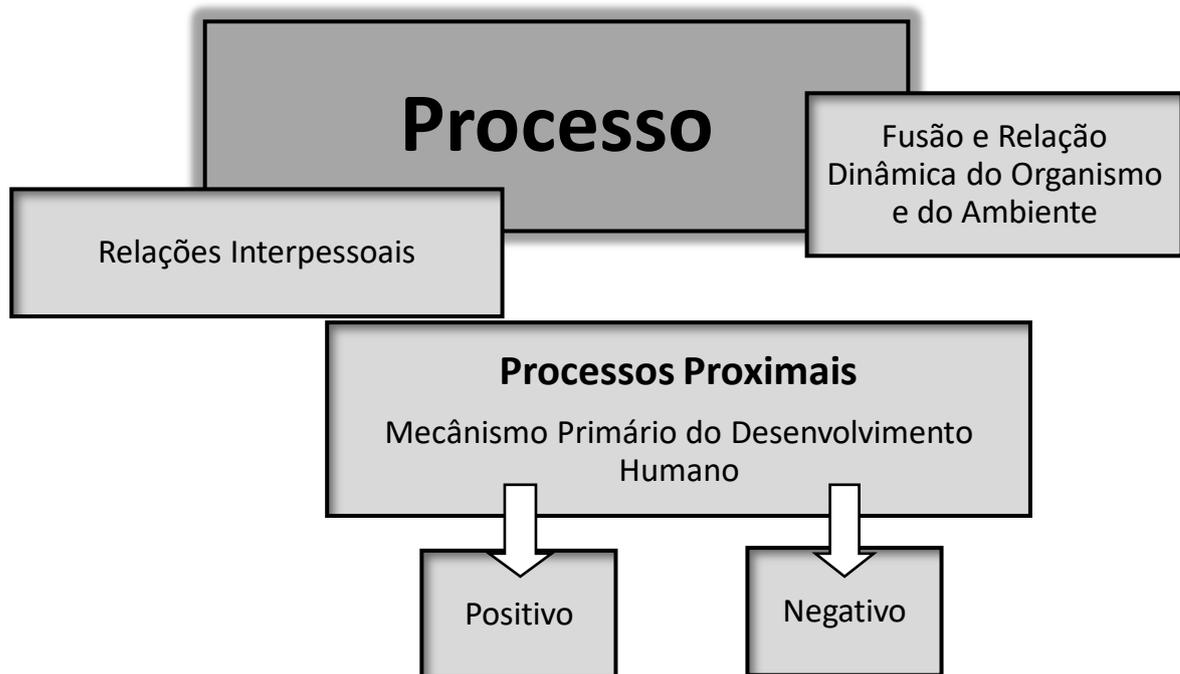


Figura 4. Processo como núcleo do Modelo Bioecológico (Desenvolvido pela autora).

Em relação ao elemento tempo, Bronfenbrenner (2005) salienta que é um construto metodológico que permite acompanhar transformações ao longo do seu curso de vida. É importante que não se considere apenas a pessoa, tal como em estudos longitudinais (com idade cronológica e/ou tempo de experiência), mas também analisar o impacto de eventos em apenas uma transição de vida ou o efeito cumulativo de uma sequência de transições ao longo do ciclo de vida (**Figura 5**). Esses eventos podem ser de natureza normativa (previsíveis) ou não normativa (imprevisíveis). Como o tempo exerce um papel no desenvolvimento a partir de mudanças e continuidades características do ciclo de vida, o microtempo é determinado pela continuidade e descontinuidade observadas dentro de pequenos episódios dos processos proximais. O mesotempo envolve a periodicidade dos episódios de processo proximal por meio

de intervalos maiores de tempo, como dias e semanas. E o macrotempo relaciona-se a eventos de mudanças dentro da sociedade por meio de gerações.

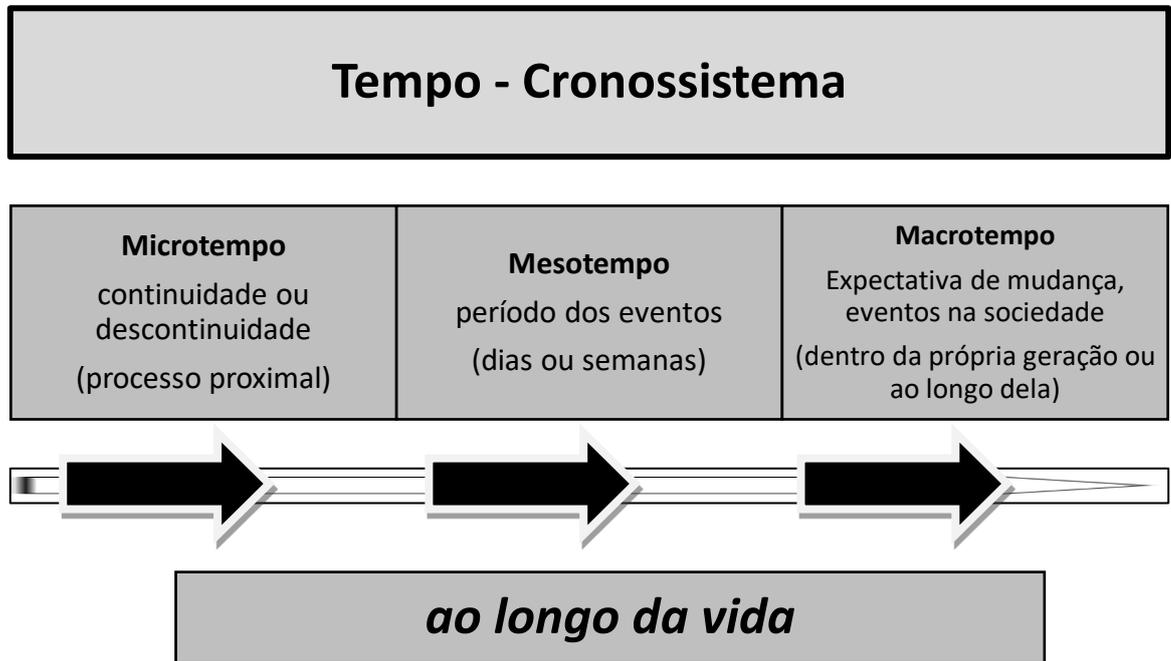


Figura 5. Tempo e cronossistema (Desenvolvido pela autora).

O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, dessa forma, pode relacionar-se à carreira das treinadoras no contexto do futebol no Brasil, pois esse é um fenômeno que deve ser estudado não somente a partir das características pessoais, mas pela interação dinâmica existente entre a pessoa e o ambiente no qual está inserida. Assim, por meio dessa abordagem, será possível, também, analisar os fatores que levaram as treinadoras a iniciarem sua carreira no futebol, permanecerem engajadas, mesmo diante das possíveis e prováveis adversidades que enfrentam durante a carreira, e a disposição para o abandono.

CAPÍTULO 3

MÉTODOS

3.1 Pesquisa qualitativa

A presente pesquisa caracterizou-se como uma análise qualitativa de caráter descritivo. De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2009), a pesquisa qualitativa busca compreender o significado, para os participantes, de uma experiência em um ambiente específico e de que maneira diferentes componentes combinam-se para formar o todo. A característica mais significativa da pesquisa qualitativa é o conteúdo interpretativo, ao invés de uma preocupação excessiva com o procedimento.

Günther (2006) apresenta quatro bases teóricas para essa abordagem metodológica: a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições objetivas de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; e d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa.

De acordo com Minayo (2012), o verbo principal da análise qualitativa é “compreender”, exercendo a capacidade de se colocar no lugar do outro, levando em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. A experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que se insere. Toda compreensão é parcial e inacabada: tanto a do entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também são limitados quanto ao que compreendem e interpretam.

Minayo (2017) afirma que a pesquisa qualitativa busca a intensidade do fenômeno, ou seja, trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural, que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas. O investigador qualitativo deve estar atento à construção de instrumentos e “dicas” que considerem a abrangência da situação que vai estudar. No entanto, muito mais do que a uma mera aplicação desses instrumentos, a sua presença, sua interlocução, seus estranhamentos e

suas indagações passam a ser vivências em intersubjetividade quando estão no campo, gerando um conhecimento empírico que vai muito além daquilo que ele pergunta. Nesse sentido, pode-se dizer que uma amostra qualitativa ideal é a que reflete, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões de determinado fenômeno e busca a qualidade das ações e das interações em todo o decorrer do processo. Com essas características, a pesquisa qualitativa se apresenta como uma modalidade extremamente útil, permitindo dar voz ao sujeito.

3.2 Participantes

Participaram deste estudo oito treinadoras de futebol, brasileiras, em atuação, com idade superior a 18 anos e com o mínimo de dois anos de experiência em equipes masculinas e/ou femininas nas diferentes categorias do futebol. Foram excluídas as treinadoras que não haviam participado de campeonatos municipais, estaduais, nacionais e/ou internacionais e treinadoras estrangeiras atuantes no Brasil. A participação em estudos anteriores similares não foi impedimento para participar deste. A identificação das treinadoras foi feita por números (T1, T2 etc.).

A participação no estudo apresentou risco mínimo de constrangimento pelo teor das perguntas e a entrevistada podia interromper sua participação a qualquer momento e retomá-la caso fosse do seu interesse. Como benefícios, as treinadoras puderam obter uma melhor compreensão da carreira de treinadora de futebol no Brasil, assim como perceber alguns de seus aspectos e do contexto das equipes nas quais trabalhavam que podem ter interferido nas suas carreiras de treinadoras. Outro benefício foi a contribuição para que pudessem gerar um fio condutor a novas treinadoras e, assim, compreenderem a importante relação entre o contexto de prática e determinadas características pessoais.

3.3 Instrumentos e procedimentos

As treinadoras participaram de uma entrevista semiestruturada individual, de repostas abertas, sendo realizada sempre pela mesma entrevistadora. Essa entrevista foi composta por questões geradoras que tinham como objetivo compreender e analisar o processo de relação entre os atributos pessoais e o contexto ao longo da carreira de treinadora de futebol no Brasil, bem como o significado da carreira e do futebol.

As questões foram elaboradas de acordo com os atributos pessoais (Disposição, Recursos e Demandas) e do contexto sob a perspectiva do Modelo Teórico do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner. No Apêndice B é apresentado o roteiro de entrevista. Não houve limite de discurso, podendo variar de uma simples palavra até um longo depoimento.

As treinadoras foram inicialmente convidadas a participar da pesquisa através de uma mensagem por *e-mail*. Com o aceite, receberam, também via *e-mail*, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (disponível no Apêndice C) e as características da entrevista a ser realizada. O TCLE foi devolvido assinado eletronicamente. Posteriormente, foi agendado dia e horário mais adequados para as participantes para a realização das entrevistas que, na impossibilidade de ser realizada pessoalmente, ocorreu via *Skype*. Ressalta-se ainda que a participação nesse estudo se deu em caráter voluntário e todas as treinadoras tiveram seus nomes e respostas resguardados sob sigilo; entretanto, devido ao número reduzido e à especificidade do grupo de sujeitos delimitado para a pesquisa, não foi possível garantir o anonimato com absoluta certeza. Os dados obtidos a partir das respostas dadas foram confidenciais, de uso restrito da pesquisadora e utilizados somente para fins de pesquisa e publicação científica.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente pela pesquisadora, ocorrendo, posteriormente, a comparação dos dados, entrevistas (respostas obtidas via áudio) *versus* transcrição. A transcrição das entrevistas foi realizada respeitando-se o depoimento das treinadoras; os depoimentos ficarão na posse da pesquisadora principal por cinco anos, a contar da data da entrevista, e não serão utilizados para nenhum outro fim que não essa pesquisa.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas sob protocolo número 31693420.9.0000.0089.

3.4 Análise de dados

Para se investigar, sob a perspectiva do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, as treinadoras de futebol no Brasil, ele foi dividido em categorias, de acordo com questões norteadoras de Bronfenbrenner: Atributos Pessoais (Disposição – gerativas e disruptivas), Recursos (ativos e passivos), Demandas (positivas e negativas); e o contexto ao longo do tempo. Outras duas categorias foram analisadas: o significado do futebol; e da carreira de treinadora de futebol no Brasil.

O contexto pode ser definido como o ambiente onde a treinadora está inserida e em desenvolvimento, do mais próximo (micro) ao mais distante (macro). Os atributos pessoais e suas três dimensões (disposição, recursos e demandas) referem-se a características pessoais das treinadoras que atuam no seu desenvolvimento e influenciam a ocorrência ou não dos processos proximais. O tempo se refere às transformações ao longo do curso de vida da treinadora. E o significado da carreira e do futebol se refere a qual representação que esses dois aspectos têm para elas.

A análise das entrevistas foi realizada de acordo com os procedimentos de Miles e Huberman (2004), composto pelas seguintes etapas: a) transcrição minuciosa das respostas das treinadoras, para se ter uma visão geral de todas as proposições e obter um sentido dos relatos dos sujeitos; b) leitura exaustiva e minuciosa das entrevistas para se familiarizar completamente com elas; c) seleção das informações consideradas mais relevantes, escolhendo frases e afirmações como unidades de registro; d) redução de dados, aplicando-se um sistema de codificação, reunindo frases e afirmações em categorias de análise com características comuns; e e) apresentação das afirmações e das categorias definidas pelo autor a cinco juízes (Graduados em Educação Física e/ou Psicologia), para que classificassem cada frase em uma categoria. Foram aceitas para análise as afirmações com 80% de concordância (valor definido pela autora) de classificação na mesma categoria entre os juízes. Esse passo assegurou maior idoneidade na classificação das unidades de registro em categorias.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS

Primeiramente, serão apresentados os dados biográficos das treinadoras com relação a idade, estado civil, filhos, formação educacional, formação profissional, início e permanência na carreira de treinadora, tempo de atuação na carreira, nível de atuação como atleta e treinadora, estado em que atua e permanência ou não na carreira. Posteriormente, serão apresentados os resultados subdivididos de acordo com as dimensões do Modelo Bioecológico, a saber: contexto (microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema), atributos pessoais (disposições, recursos e demandas) e o significado da carreira e do futebol. Dos relatos obtidos, emergiram categorias de respostas que serão apresentadas de acordo com os relatos de vivência das treinadoras narrados ao longo das entrevistas. A transcrição literal delas encontra-se no Apêndice D.

Pode-se observar no Quadro 1 (Síntese dos Dados Biográficos) que a média de idade das treinadoras é de 40,25 anos e somente uma das treinadoras é casada e possui filho. A imensa maioria praticou diferentes modalidades esportivas antes de ingressar no futebol. Todas são ex-atletas da modalidade e atuaram em diferentes níveis (estadual, nacional e internacional), sendo que T3, T4, T5 e T8 foram convocadas para a Seleção Brasileira. O início da carreira como treinadora se deu em torno dos 30 anos; somente uma não possui graduação em educação física e nem cursos de especialização e/ou licenças de órgãos competentes ligados ao futebol para atuação na carreira. É interessante notar que três entrevistadas (T1, T2 e T7) começaram na preparação física e, posteriormente, assumiram o papel de treinadoras. Em termos de atuação como treinadoras, observa-se que três (T3, T5 e T6) tiveram passagens por diferentes clubes, e que a maioria atua em torneios internacionais e nas categorias femininas, mas apenas uma (T4) treina atletas masculinos. Vale destacar que cinco atuam em clubes do Estado de São Paulo, uma do Rio de Janeiro e outra do Rio Grande do Sul. No momento da pesquisa, todas permaneciam atuando como treinadoras de futebol (o modelo da ficha de identificação biográfica das treinadoras é apresentado no Apêndice A)

4.1 Dimensões do Modelo Bioecológico

4.1.1 Contexto (*Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema*)

Microsistema

Para análise do microsistema foram levantadas unidades de registro divididas em quatro categorias de respostas, a saber: a) barreira: avaliação da competência; b) respeito à treinadora; c) relacionamento com pessoas significativas; e d) condições de trabalho. Na sequência, serão apresentadas as definições de cada categoria e, para exemplificar, algumas afirmações textuais das treinadoras.

A categoria “barreira: avaliação da competência” refere-se aos discursos que indicam como uma barreira a avaliação do trabalho da treinadora em treinamentos e competições, do seu desempenho, feitas pelos dirigentes e demais pessoas do contexto esportivo.

Nos clubes, as relações sempre foram transparentes mas, poxa!, toda hora você tem que provar mais que todos que seu trabalho e conhecimento são eficientes. Sempre ter que comprovar a tua qualidade e competência, ter que passar por cima da desconfiança, até e principalmente por eu ser mulher. (T3)

Pela história que tenho no futebol, de muitos anos como atleta e de alto nível, não deveriam, mas eles [os homens dirigentes] sempre agiram com preconceito para cima de mim, com palavras e conotações machistas. Na verdade, era o medo deles de eu tomar o lugar, assim como tomei. (T5)

O ambiente está mais profissional, porém com dificuldades como as categorias femininas distante do ideal e ainda ter que lidar com a desconfiança da sua competência, o julgamento do teu trabalho, principalmente por parte dos dirigentes homens quando você é mulher dentro do futebol. (T6)

No começo, passei por situações de ouvir as pessoas dizendo, “será que sabe mesmo?” A gente percebe os comentários de não acreditar na competência do teu trabalho, de ser mulher no comando, provar sua competência a todo instante. O fato no fundo é não aceitar as mulheres no comando com capacidade. (T7)

A categoria “respeito à treinadora” refere-se aos discursos relacionados à forma de tratamento recebido por parte dos dirigentes, comissão técnica, torcedores e pessoas envolvidas no contexto do futebol, uma vez que culturalmente é um ambiente de prática considerado masculino.

O maior constrangimento que eu tive, falta de respeito, foi o assédio nas jogadoras, de enfrentar um vestiário lotado de homens, treino lotado de diretores querendo dar palpite e diretores querendo ver atletas bonitas, bem afeiçãoadas, jogando. Tive problemas sérios

de dirigente chegar dando beijo no pescoço de atletas e isso chegar ao clube. Acho até que perdi o comando de uma seleção porque peitei o dirigente dizendo que ali não era uma casa de luzes e sim uma equipe, com mulheres atletas e uma treinadora. (T1)

Por um dos clubes que passei, assim como em outros também, a maioria das outras pessoas do CT eram homens. Não havia respeito, eu cobrava planejamento, ações, sentar e discutir, mas não era ouvida. Eu me sentia muito excluída e desrespeitada até porque os dirigentes aceitavam essas atitudes. (T2)

A gente sabe quando te dão ouvidos, quando você tem respeito, desconfiança sempre teve, mas nunca perdi oportunidades por ser mulher, mas você tem que se posicionar porque, se não, sempre vem o preconceito, o constrangimento, principalmente pelo fato de ser mulher no futebol. Você ganha respeito e para de passar ou minimiza essas situações também de acordo com teus resultados nesta cultura que vivemos. (T3)

Já passei por várias situações dentro do futebol, inclusive e principalmente de respeito. Quando cheguei para treinar uma equipe masculina e os atletas fizeram piadinhas até saberem que eu era ex-jogadora da Seleção Brasileira e me olharem de outra forma, com respeito. (T4)

A equipe masculina da cidade torce contra, os homens torcem contra, isso torna o ambiente hostil, atrapalha nosso desenvolvimento, atrapalha os treinamentos, não respeita. Os homens querem tomar conta e é nítida a sensação de machismo, resistência e hostilidade. (T7)

A categoria “relacionamento com pessoas significativas” se refere aos discursos que indicam o relacionamento das treinadoras com atletas e comissão técnica no seu ambiente de trabalho.

Com as atletas, a minha relação é nota mil, eu sempre tive muito diálogo... Com a comissão técnica, eu sempre consegui agrupar, trazer para perto e sempre foi muito boa. (T1)

Com as (os) atletas, sempre tive uma excelente relação, de muita liberdade... com a comissão técnica, difícil, muitas vezes não querem escutar, não montei minha comissão e a maioria são homens, eles não escutam, difícil. (T2)

A relação com as atletas sempre foi fantástica, nunca tive problemas, elas têm confiança e se entregam, é o sonho delas nas minhas mãos... Com a comissão técnica, em anos é a primeira vez que consigo montar a minha própria, então essa relação é a melhor possível. (T3)

Tanto com os atletas do masculino, como no feminino, a relação sempre é de muita amizade, coleguismo e respeito, mas principalmente sempre muito boa... Com a minha comissão técnica, teve um primeiro momento de eu perceber que a comissão que já estava formada levou um susto de ver uma mulher no comando principal da equipe, uma treinadora de futebol, mas depois foi tranquilo. (T4)

Com a comissão técnica, a relação sempre foi difícil, muito fechado, eles se fechavam entre eles e me excluía; difícil a convivência assim, talvez pelo fato de eu ser mulher e eles terem medo de eu pegar o lugar deles... Com as atletas, sempre foi a melhor possível, tanto nas categorias de base quanto na principal. (T5)

Procuro com elas [atletas] uma relação mais próxima, é ótima; fui atleta e você tem que se colocar nessa situação; no feminino é diferente, elas são mais sensíveis e você tem que se colocar como amiga. Entender a história de vida delas, acolher... Ainda não tive a experiência de poder montar a minha comissão técnica; às vezes, índico, tento, acho isso muito importante para o andamento do trabalho, mas independente disso a relação sempre foi boa. (T6)

A categoria “condições de trabalho” refere-se aos discursos que indicam o que é oferecido às treinadoras em termos de estrutura física, material etc., para o desenvolvimento dos treinamentos e jogos da sua equipe.

Olha, as condições oferecidas sempre foram difíceis, pois eu sempre tive que lidar com tudo, contrato, treino, dinheiro, estrutura, sempre difícil de se preparar somente para executar a tua função específica que é treinar. (T1)

Muito difícil; falta de apoio, de credibilidade; o fato de ser mulher o preconceito existe, tirando dinheiro do bolso, cursos de especialização da Confederação Brasileira muito caro, muito difícil mesmo. (T2)

Foram várias etapas, faltava força política, apoio e estrutura financeira. Depois, em outro clube, já foi mais profissional, mais dentro do futebol, e hoje, mais profissional ainda, carteira assinada para as atletas, uso o mesmo estádio que o masculino, coisas boas mesmo. Já foi difícil e hoje está bem melhor. (T3)

Hoje, tenho uma estrutura boa, profissional, porém já foi difícil, colocando dinheiro do bolso mesmo; está melhorando. Sei que não tenho a melhor estrutura para trabalhar, mas já está bem melhor. (T6)

Sou funcionária de uma seleção nacional, portanto eu tenho boas condições de trabalho; sei que não é o que acontece com a maioria, mas as minhas são boas. (T8)

Mesosistema

Para a análise do mesossistema, foram levantadas duas categorias de respostas em função do discurso das treinadoras: a) relação com outros ambientes fora do contexto de prática; e b) impacto desses ambientes no contexto de prática.

A categoria “relação com outros ambientes fora do contexto de prática” indica os discursos que mostram a relação das treinadoras com outros ambientes significativos, tais como a família, a escola (cursos de aperfeiçoamento), os amigos, a igreja.

Eu tive um afastamento de tudo por conta da carreira, deixei de atender amigos, de fazer cursos, por conta do trabalho; só não deixei a família. Sempre me esforcei muito para estar com eles, é a minha base. (T1)

Sou muito família e minha crença, minha religião é Deus, me apego nisso para ter paz espiritual e poder me desenvolver melhor. Com minha família, eu consigo estar lá,

quer dizer, pelo menos eu tento, por que não tenho muito tempo, tudo é muito corrido na carreira, falta tempo para estar com eles. (T2)

Sempre procurei estar próximo, a gente não tem vida social, mas procuro ter essa vida social que falo quando tenho tempo. Faço outras coisas, meditação, grupo de corrida, outras distrações, amigos e assim poder falar da carreira e do futebol, isso dá visibilidade, pois muitas pessoas nem sabem que a modalidade existe. (T3)

Eu tenho tentado ser mais presente com a minha família, principalmente. Perdi vários casamentos, aniversários, eventos, inclusive quando eu era atleta e agora como treinadora só piorou. É uma relação muito difícil porque sou cobrada para estar mais presente. (T4)

A relação é complicada porque temos poucas folgas e, quando tenho, procuro realizar cursos de aperfeiçoamento para me aprimorar e evoluir, além, claro, de achar um espaço para minha família; mas isso é cansativo, ter que achar espaço e encaixar tudo. (T5)

A relação com outras pessoas e com outras situações é muito difícil porque demanda muito tempo para gente no treinamento e jogos. Porém, eu troco a vida social para ficar com a minha família. Quando você é protagonista, e para mim o papel do treinador é esse, você abdica de muita coisa, seu tempo fica escasso e as relações fora desse mundo, também. (T6)

A categoria “impacto dos ambientes com o contexto da prática” refere-se aos discursos que mostram o quanto o ambiente do futebol e a própria carreira podem impactar na relação com os demais micro sistemas.

Eu já deixei muita coisa de lado, família, vida social, cursos por fazer, mas, olha só, nunca deixei o trabalho, a carreira de treinadora. Eu nunca deixei impactar nada no meu trabalho, mas o inverso, sim. Portanto, se eu for analisar friamente, essa causa é negativa, deveria ter usado o bom senso e dosado. (T1)

Eu recebo impactos e sinto que são positivos quando falo dessa relação, pois a temporada passada foi de muita pressão e estar com eles me alivia. Outra coisa, eu procuro ter a vida social e poder, assim, levar o que é ser uma treinadora e o que é o futebol feminino para as pessoas que não vivem isso comigo diariamente. (T3)

Essa relação difícil que eu tenho do meu trabalho, da minha carreira com a família, os amigos, enfim, nunca me impactou, mas eu, sinceramente, gostaria de ter mais tempo com eles. (T6)

As relações de família, amigos, enfim, já me trouxeram impactos negativos, principalmente quando tive que escolher entre a carreira e o casamento. Escolhi a carreira! (T7)

É muito bom quando eu estou com a minha família, isso me fortalece, me impacta positivamente poder desfrutar desses momentos; eu volto para o meu trabalho mais fortalecida, me parece. (T8)

Exossistema

Para a análise do exossistema, emergiu uma categoria de resposta, a saber: visão das federações de futebol.

A categoria “visão das federações de futebol” refere-se aos discursos que indicam como as treinadoras percebem a atuação das federações em relação à carreira e à modalidade futebol feminino, assim como possíveis mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Ah, a relação é muito ruim, a federação não se engaja quando falamos de mulheres, deixa muito a desejar, sem incentivo; vejo favorecimento aos clubes mais fortes em relações e termos políticos. Enfim, é muito ruim. (T2)

A Federação Paulista é mais ativa. Com a chegada de A., temos oportunidade de voz e com a demanda de cima para baixo, vinda de outros órgãos superiores, teve que pensar na melhora. (T3)

Hoje, a relação é muito melhor. A. tem uma visão maravilhosa, fazendo uma gestão com mais empatia à mulher. Então, a federação até melhorou por conta dela. (T4)

A relação é boa por conta de A. Estar lá e ter ela a frente do departamento só feminino, então a mudança já foi muito boa. (T5)

Não houve melhoras, não me sinto tendo voz, não levam em consideração nada do que você propõe, principalmente as mulheres, são machistas e não querem ver a modalidade crescer, muito menos a carreira de treinadora. (T7)

Macrossistema

Em relação ao macrossistema, foi levantada a categoria de resposta: incentivo e desenvolvimento da carreira na perspectiva das entidades máximas do futebol, CBF, CONMEBOL e FIFA.

A categoria “incentivo e desenvolvimento da carreira” refere-se aos discursos que indicam como as treinadoras percebem o desenvolvimento da sua carreira por meio de incentivo ou não dos órgãos competentes que dirigem o futebol mundial.

Eu nunca tive uma palavra de incentivo, nunca disseram que vão incentivar o futebol feminino, que estão junto com a gente, que irão possibilitar um acesso mais fácil, digamos, inclusive para os aperfeiçoamentos... Acho que ainda essa carreira não existe, não é profissional, a maioria precisa ter outro trabalho, ainda é muito difícil viver de ser treinadora; vai acontecer, mas ainda é muito difícil e sem estrutura. (T1)

Elas [CBF, CONMEBOL, FIFA] interferem no crescimento da modalidade e, principalmente, da carreira, sempre fazendo do jeito delas, não deixando evoluir, sem ouvir os clubes, as treinadoras, sem saber o que acontece de fato dentro do futebol feminino; principalmente, sem nos dar voz. (T2)

Não vou ser tão pessimista, eu acho que já existe um incentivo; claro, poderia ser melhor. A CBF Academy tem as licenças para serem feitas, mas a realidade financeira da mulher é muito diferente na carreira, isso é cultural no Brasil, não temos as mesmas qualificações, valorização e o incentivo acontecem quando você começa oferecendo possibilidades dessa participação, acesso facilitado... Precisa de muita perseverança dentro de um cenário que é masculino. No Brasil, vejo uma estrutura desequilibrada de oportunidades. Precisamos equalizar isso... A FIFA tem feito um movimento muito grande, a Copa do Mundo mostra onde isso pode chegar; cobrando a representante feminina na Copa do Mundo de ter mulher em todos os setores, lembramos que ela está mandando um recado de cima para baixo. (T3)

A Conmebol exigiu mulher nas comissões, mas não treinadoras, então eles contratam médicas, fisioterapeutas, psicólogas, mas a treinadora não; então, não incentivam essa carreira a partir do momento que não são regras claras. Olha, tem que ser treinadora na comissão, tem que ser auxiliar, ou seja, ligado diretamente à carreira de treinadora; para mim, não há incentivo algum. (T4)

A CBF e a FIFA estão forçando os clubes a participar, a se preparar para o desenvolvimento da modalidade e da carreira fazendo imposições e isso é um impacto positivo... A FIFA tem colocado regras para competições, ter mulher nas comissões; acredito que seja uma maneira de conscientizar os clubes, a CBF, de saber das mulheres lá dentro. Não gostaria que fosse assim, mas sem a obrigatoriedade os clubes não fariam, portanto, acredito que essas melhoras são pelas obrigações impostas... Mas interferem de forma positiva a partir do momento que passam a exigir mais mulheres nas comissões, vai fazer com que os clubes se mexam e isso incentiva as treinadoras, me incentiva, mais mulheres engajadas para treinar equipes. (T6)

Apresenta uma melhora de estrutura e incentivo quando elas [FIFA, CONMEBOL e CBF] têm pegado forte, a partir do momento que fizeram o plano de desenvolvimento do futebol feminino e uma das bases é capacitar e desenvolver treinadoras; isso a FIFA, vem de cima para baixo; a CBF e a CONMEBOL vão ter que cumprir e essas obrigatoriedades vieram para chacoalhar... Agora incentivam a carreira, antes não tinha espaço; eu vejo isso mais forte agora, um movimento novo, uma ordem vinda de cima para baixo, desses órgãos superiores ligados ao futebol que são fundamentais, obrigatoriedades, incentivo e isso deve sempre acontecer... Na Europa, por exemplo, as equipes já preparam as atletas durante a sua trajetória esportiva com cursos de treinadora da UEFA. Isso poderia acontecer em nosso país; elas encerram a carreira de atleta e já estão prontas para atuar como treinadora. Portanto, são exemplos de como nossa estrutura poderia melhorar e acredito que vai. (T8)

4.1.2 Atributos Pessoais (Disposições, Recursos e Demandas)

Disposições

Para a análise das disposições, foram levantadas unidades de registro divididas em três categorias de respostas, a saber: a) prática deliberada no futebol; b) predisposição para a carreira; e c) influência familiar e de outras pessoas.

A categoria “prática deliberada do futebol” refere-se aos discursos que mostram objetivos específicos, como a inserção na modalidade, o prosseguimento como atleta e, posteriormente, como treinadora.

Eu jogava de tudo, era um inferno parar em casa, tinha as obrigações de menina, mas não parava em casa; meu pai ficava bravo porque menina não podia jogar futebol, então fui jogar basquete, mas, depois, não teve jeito: fui jogar futebol escondido e comecei assim... Aí, de atleta de futebol, eu fui preparadora física e me tornei treinadora dentro da empresa que eu trabalhava, criamos o projeto do futebol que foi muito vitorioso. (T1)

Eu gostava muito de esporte, todos, mas gostava mais do futebol e, na época, o futebol era só para meninos, e eu ficava no esporte de meninas, digamos assim, mas depois eu ia jogar o futebol porque adorava e assim fui me encontrando na modalidade, me tornando atleta profissional e, posteriormente, ingressando na faculdade de Educação Física, sendo estagiária de futebol e indo trabalhar nas categorias de base do Inter. (T3)

Meu pai sempre fez questão de que praticássemos algum esporte em casa; me colocou na natação, no ballet até que, um dia, me viu chutando uma bola na parede e me levou para a escolinha junto com os meninos, mesmo; ele deve ter pensado que eu tinha talento... Me tornei atleta de futebol e, logo em seguida, após parar, fui convidada a treinar as equipes de base e adulta da cidade que eu morava. (T4)

Eu, desde pequena, adorava o futebol, estava sempre com meus irmãos jogando no meio dos meninos, comecei direto com a bola nos pés; depois, fui para Brasília fazer teste em uma equipe, passei e comecei a carreira de atleta. Quando parei, fui convidada a ser treinadora logo em seguida e foi o que aconteceu, fui direto para categorias de base ser treinadora. (T5)

Eu sempre gostei muito da educação física na escola, de esporte, sempre joguei de tudo... Na escola, eu jogava todos os outros esportes porque não tinha o futebol para menina... Minha mãe, de tanto eu insistir, me levou para uma peneira no Inter, passei e segui como atleta... Após eu parar de jogar, fui metendo as caras e pedi para fazer parceria em um clube no interior do Rio Grande, eles toparam e segui assim dirigindo a equipe. (T6)

A categoria “predisposição para a carreira de treinadora” refere-se aos discursos que indicam a propensão para realizar algo, para se engajar e se desenvolver na carreira.

Ser treinadora foi sentir que estava fazendo algo que estava dando certo, foi maravilhoso... Porque tenho amor a isso, simplesmente assim, amor... Eu já fui segurança de fórum e conciliava as duas profissões... O ato de treinar me mostra que posso ser diferente, tenho amor a isso, zelo pelo que faço ao futebol... As facilidades nessa profissão é pela minha dinâmica que tenho em lidar com qualquer situação adversa e aqui tem muitas, assim como as dificuldades, que tem também, principalmente pela falta de apoio da sociedade em relação à modalidade. (T2)

No início, senti que tudo parecia igual, só que do lado de fora do campo e sem chuteiras, percebi o quão era natural, fui me aprimorando... Futebol foi minha vida, meu amor desde sempre, meu maior prazer é nesse caminho que estou inserida; já tive outras oportunidades de carreira como personal trainer, mas gosto daqui, amo aqui... Tenho facilidades pelo fato de eu estar inserida no futebol desde sempre e saber como tudo

funciona aqui dentro da modalidade, e tenho dificuldades também, pois estar inserida aqui faz com que eu tenha a todo instante mostrar que, como mulher, eu também posso desfrutar da carreira. (T4)

Ser treinadora é uma coisa que eu nunca coloquei como objetivo, nunca sonhei, aconteceu naturalmente, até porque abdiquei de tanta coisa como atleta que não queria continuar isso, mas aconteceu... Tive até oportunidades como jornalista mas pela vivência familiar, por ser um esporte tão masculino e de pouca abertura para as mulheres, eu quis então enfrentar o desafio, de propósito... Têm as dificuldades pela estrutura mínima que te dão e os questionamentos de acharem que você como mulher nunca está pronta para o futebol; e têm as facilidades que, para mim, foi de sempre encontrar dirigentes que me proporcionaram boas relações, assim como foi na vida de atleta. (T6)

Não foi fácil, foi desafiador; me tornar treinadora me ensinou a enxergar melhor como é o contato com outras pessoas, essa responsabilidade com atletas... Quase segui na área acadêmica, mas preferi o futebol por amor, escolhi pela oportunidade que apareceu; aliás, o futebol me escolheu... Tive a facilidade de ter passado em concurso público e poder abraçar a ideia da construção do projeto de futebol feminino na cidade, de ter sido atleta e conhecer os caminhos; e tenho também dificuldade na profissão que é de mostrar a todo momento meu potencial. (T7)

Foi maravilhoso me tornar treinadora, é muito bom poder seguir dentro do que gosta de fazer... Eu nunca tive nenhuma outra oportunidade porque desde sempre estive no futebol, como atleta primeiro, sobrevivendo da modalidade, e depois como treinadora... A decisão aqui é por amor, paixão, sempre fiz isso... A dificuldade que enfrentei, principalmente no início, foi de entender o papel de treinadora, de me perceber nessa comissão técnica. A facilidade é poder estar em um lugar que está tudo ali, que se tem tudo, seja como treinadora ou atleta. (T8)

A categoria “influência familiar e de outras pessoas” refere-se aos discursos em relação ao incentivo e engajamento na carreira de treinadora de futebol e como essas pessoas viram sua escolha.

No começo, foi bem ruim, escondido, pois para os meus familiares, amigos, a mulher não podia estar ali no futebol. Porém, isso não me influenciou em nada de negativo, muito pelo contrário, foi um fator motivacional e a insistência fez com que todos se acostumassem. (T1)

Sendo sincera, minha família sempre soube do meu desejo de estar no futebol, mas, no começo, não apoiavam em nada, nem os amigos; acho que de tanto eu insistir e mostrar que não mudaria o rumo das coisas e do meu desejo, eles passaram a ver com outro olhar, até com apoio. (T2)

Eu nunca tive problemas com isso, meu pai sempre um incentivador, minha mãe inicialmente não me queria no futebol, mas isso não influenciou em nada; os amigos sempre me viram no futebol e de forma natural. Tudo isso sempre me gerou influências positivas para estar aqui. (T4)

Pelo meu marido, eu ainda estaria jogando; tive sempre um super apoio para estar no futebol, de pais, irmãos, amigos, seja atleta ou treinadora como agora, são situações que me influenciam de forma muito boa. (T5)

Olha, por mais que no início não tinha equipe feminina para eu jogar, eu continuei por apoio dos meus familiares e amigos, e eu fazia diferente das outras meninas, então eles que insistiram para eu continuar e seguir, queria que eu insistisse e foi por eles que insisti, continuei na carreira de atleta e segui como treinadora por essa relação. (T6)

Olha, para ser sincera, foi natural, estava predestinado a ser; sou da época de jogar bola na rua, claro com olhares desconfiado por ser mulher e jogar futebol, depois treinar equipes, mas meus pais, amigos, todos, sempre me apoiaram porque viam que era aquilo que eu gostava e sabia fazer, que eu respirava o futebol. (T7)

Recursos

Para a análise dos recursos, foram levantadas três categorias, a saber: a) enfrentamento de desafio; b) predisposição para permanência na carreira; e c) aspectos da personalidade.

A categoria “enfrentamento de desafios” se refere aos discursos que indicam a capacidade que as treinadoras possuem para se envolver efetivamente no processo de desenvolvimento da carreira, superando as adversidades apresentadas no contexto.

Enfrentei os desafios muitas vezes passando necessidade, de todo tipo, locomoção, alimentação, falta de salário, falta de apoio, de acreditarem em você; às vezes, fazia uma alimentação no dia e vamos embora porque a segunda refeição eu dava para alguém no treino, que não tinha se alimentado. (T1)

Eu tenho comigo que a vida é feita de desafios e digo para as meninas, para a comissão, que o “não” a gente já tem, então preciso levar o novo e saber se vai dar certo ou não. Os problemas vêm trazer algum aprendizado. Ser sempre positiva, ver o lado positivo das coisas. (T3)

Os desafios acontecem a todo momento, mas eu penso e enxergo como posso melhorar. O tanto que gosto de fazer o que faço eu penso que nada pode ser maior que isso, então vou lá enfrento e supero... A possível melhoria do futebol feminino no Brasil me dá uma vontade enorme de permanecer atuando e enfrentando tudo o que aparece. (T4)

O maior desafio que tive foi engravidar e por todos os clubes que eu passava tinha que deixar a minha filha com alguém para prosseguir, isso sempre foi um desafio, mas com superação, venci... Você tem que querer, resistir e não desistir, mesmo eu tendo sido atleta experiente e conceituada a nível de seleção, o treinar vai ser sempre um caminho árduo de persistência e superação. (T5)

Ah, devido a muita paixão, se não fosse isso, superar tudo que superei seria difícil, mas como era uma coisa que eu queria muito e o decorrer dos anos foi dando tudo certo, eu permaneci aqui. (T6)

Das diversas formas: já chorei, já quis largar tudo, já perdi duas finais seguidas; não é fácil, mas ganhando ou perdendo o processo de avaliação para mim é o mesmo, vivo o luto e enfrento tudo com superação. (T7)

A categoria “predisposição para permanência na carreira” se refere aos discursos que mostram o engajamento para a continuidade ao processo de desenvolvimento da carreira e permanecerem atuando, mesmo quando o contexto não é favorável a esse processo.

O que me faz permanecer é a esperança que o futebol feminino no nosso país e que as treinadoras sejam vistas para que a modalidade e a carreira cresçam, que se tenha visibilidade... Quanto às oportunidades, primeiro você tem que querer, a coisa não cai do céu, precisa determinação para seguir na linha e nas metas que você traçou, projetou para sua carreira. (T1)

Um sonho, uma busca constante; às vezes choro e acho que não vou conseguir prosseguir, mas vem uma força maior de vontade dentro de mim e fico aqui buscando e acreditando que a carreira vai ser vista... Mesmo com tudo isso, com essas sensações, eu me sinto lisonjeada de estar no futebol e me preparo para novas oportunidades sempre estudando, porque é assim que vamos conseguir fazer com que as oportunidades apareçam; além de Deus no meu caminho, porque só Ele para fazer milagres e tem feito por mim. (T2)

A competição, a sensação da competição, me move, os desafios me movem, coloco metas, propósito. Crio desafios na minha carreira e tento levar isso, esse estilo, para o meu grupo; isso me faz permanecer, a motivação, criar desafios e alcançá-los... As oportunidades vão em contrapartida dos resultados, o futebol é competitivo, de resultados, como treinadora vejo que não pode ser só no placar o resultado positivo e sim na construção de um todo, mas não é assim que os dirigentes enxergam. (T3)

É louco, né? Tu passa por tantas coisas e entre elas a principal que é o questionamento da tua competência, mas acho que cheguei até aqui e permaneço porque sempre procurei ouvir as coisas boas, positivas, e é isso que me motiva a continuar na carreira... Acho que cada vez mais vai ficar competitivo, o futebol feminino vem crescendo, a visibilidade está um pouco maior e olhar esse crescimento é ver como uma oportunidade para mim. (T6)

Eu quero contribuir com o futebol, essa modalidade é transformadora, então quero poder ficar aqui ajudar; ele tem poder, ele tem voz para transformar vidas e quero ajudar... Eu analiso as oportunidades, como se mostrar e ser capaz, o mercado é muito fechado para nós até o momento em oportunidades, mas está chegando aos poucos a hora dessa abertura e precisamos estar preparadas, principalmente com estudo. (T8)

A categoria “aspectos da personalidade” refere-se aos discursos que mostram que as treinadoras acreditam possuir determinados atributos psicológicos e habilidades, assim como comportamentos que influenciam seu desenvolvimento e sua permanência na carreira.

O que me favorece muito é o feeling para leitura de jogo, alterações táticas do jogo e emocionais também quando percebo que a atleta sente algo na partida; sou muito prática para essas tomadas de decisão no momento de pressão... Em termos psicológicos, sou muito intensa e tenho certeza de que transmito isso às atletas, assim como tenho situações que me prejudicam, que tenho até trabalhado isso nas minhas mentorias, é que sou muito intempestiva e transmito isso às atletas, isso prejudica demais. (T3)

A leitura de jogo que tenho, de como encarar o adversário, é uma virtude; fui zagueira e via todo o jogo de traz, tanto é que não gosto de ficar na lateral do campo, mas essa leitura me facilita muito. Quanto a características prejudiciais, eu demoro para fazer trocas porque acredito sempre no ser humano, que ele vai melhorar, vai render, e perco tempo as vezes... O fato de ter a cabeça louca, digamos, as reações intempestivas, isso me consome, e o que me favorece é a liderança que passo e já tinha quando atleta. (T4)

Procuro estudar bastante, focar nisso para poder ler também o jogo. Todo treinador se ele além dos treinos diários, ele não focar no adversário, visualizar além, ele não modifica o jogo. E me prejudica quando, muitas vezes, penso mais nos outros, mais nas atletas do que em mim... Em termos psicológicos, eu sou muito calma, tranquila e isso me favorece, mas, olha só, as atletas pedem mais rispidez, talvez porque já foram treinadas por homens e a maioria deles é assim, na minha opinião, só que isso não consigo fazer e as vezes atrapalha. (T6)

Tenho inteligência em conseguir entender o jogo, tornar e criar uma metodologia que as atletas entendam; consigo projetar e fazer com que as atletas tenham variações na prática, facilidade na leitura do jogo... Nas questões psicológicas, eu sou determinada e tenho boa autoestima, isso ajuda; tenho habilidade para me relacionar, mas a principal para mim é a liderança, me vejo como motivadora. E a teimosia me prejudica demais porque o trabalho é em equipe. (T7)

A percepção e entendimento de jogo são características que tenho que me ajudam muito, sempre fui uma atleta inteligente nesse quesito e trouxe isso para a carreira como treinadora... Psicologicamente, eu sou agregadora, sei tirar o melhor do outro. Ser emocional me prejudica, ir só com a emoção, isso é muito ruim para mim. (T8)

Demandas

Em relação às demandas, foram levantadas duas categorias de respostas, a saber: a) expectativas da carreira; e b) aspectos encorajadores e desencorajadores.

A categoria “expectativas da carreira” refere-se às possibilidades que as treinadoras tiveram na carreira que se constituíram como uma força motivacional positiva para a continuidade e se essas expectativas se mantiveram ao longo do tempo.

Sou muito satisfeita com minha trajetória e a maneira como pensei foi acontecendo, foi fluindo e tudo dando certo, me impulsionando, fui pensando e vivendo isso. O título brasileiro veio antes do que eu esperava então isso não pensei que fosse acontecer agora, mas tudo sempre dentro das expectativas que criei. (T3)

Eu achei que fosse tudo mais natural, mas eu ingressei como treinadora e foi desta forma que imaginei que fosse acontecer, criei as expectativas e não me arrependo de ter trilhado e seguido por esse caminho. (T4)

Já fui campeã gaúcha três vezes, eu almejo coisas maiores; lá atrás, quando eu iniciei, eu já pensava em galgar isso, já me motivava nesse caminho que acontece agora. As minhas expectativas são muito reais e condizentes. (T6)

Eu não imaginava estar na lista das dez melhores treinadoras do mundo, nem ser campeã do Brasil, de ir para uma Libertadores. As minhas expectativas foram totalmente superadas, mas todas essas conquistas me levam a diante. (T7)

As minhas expectativas não são condizentes com meu início. Na verdade, eu nunca pensei que pudesse estar onde estou hoje, logo de cara em uma seleção nacional, isso nunca passou pela minha cabeça, nunca me motivei pensando em estar aqui. (T8)

Os “aspectos encorajadores e desencorajadores” se referem aos discursos que indicam situações e/ou pessoas que possam ter favorecido ou não, tanto para a disposição para o abandono quanto para sua permanência na carreira.

Já pensei em desistir da carreira, sim, quando me deparei com os altos custos das licenças da CBF e a falta de oportunidade de poder realizar os cursos... Às vezes, dá vontade de jogar tudo para o alto, mas passa logo porque, na verdade, eu gosto muito disso, do futebol e da minha carreira. (T2)

Eu jamais pensei em desistir. Eu acho que é de cada um. Desistir do futebol, desistir de ser treinadora por dificuldades não passa pela minha cabeça, vejo uma cobrança diferente e vou buscar respostas para isso. O futebol é um organismo vivo em constante evolução, isso sempre vai me dar motivos para dar um passo a mais, para frente... A E. é uma referência para mim como treinadora, eu quero fazer o que ela faz, é uma pessoa que me incentiva a estar aqui fazendo o que eu faço e gosto... Eu diria que se tu levar em consideração o que falam a todo momento, tu não volta a campo. A vida do treinador é um perde e ganha, tu oscilas; se tu levar em consideração o que os outros pensam e onde tu podes chegar com certeza é desmotivante, mas a gente tem que saber filtrar. (T3)

Eu já senti pressão de dirigentes para largar tudo, principalmente no começo, mas superei e estou aqui, e se precisar eu me reinvento... Mas eu tenho possibilidades que me inspiram e meu pai é meu exemplo, meu torcedor e minha motivação diária em relação à carreira. A. também é minha inspiração no momento, ela é transpiração, inspiração, simplicidade e de uma competência absurda. C. também me inspirou, com trinta anos de carreira, conseguiu ter essa longevidade no futebol, isso me inspira, me motiva estar aqui. (T4)

Já pensei em abandonar por conta de outras pessoas, principalmente os homens, dirigentes do clube, eles não me deixavam trabalhar em paz, porque eu com certeza iria me sobressair, como de fato aconteceu e continuo aqui com meu marido me incentivando; ele passou a vida inteira do meu lado, me ajudando, me apoiando, como atleta e agora como treinadora, ele me inspira a seguir, me estimula. (T5)

Não existe nada que me faça pensar em desistir por tudo o que eu vivi. Se acontecer, é somente por mim mesma, pela hora de parar, eu observar se tenho ou não um bom nível; mas nesse momento visualizo seguir porque tenho potencial e estou sempre buscando mais... Meu irmão é treinador profissional e isso também me favorece a continuar na profissão. Ele é uma referência para ficar na carreira, temos semelhanças e me inspiro nele... Quando a gente está à frente de um grande clube, os diretores, torcedores, podem me influenciar a desistir, principalmente se eu não obtiver os resultados esperados, vai acontecer questionamentos, então isso pode interferir na minha permanência, mas a gente tem que estar preparada para superar. (T6)

A falta de valorização na modalidade, decisões equivocadas de quem rege o futebol, falta de incentivo me deixam louca e me fazem querer desistir... O reconhecimento financeiro não acontece, desmotiva, é algo que precisa melhorar, mas estou aqui forte por gostar demais disso tudo... Sabe, a minha família é a minha motivação; a C. me motivou também, me inspirou, uma grande treinadora, mas a família é a principal na permanência... Já pensei em abandonar a carreira, principalmente quando senti que os dirigentes desconfiavam do meu trabalho, as pessoas podem interferir em abandonar a carreira se não quiserem que eu fique. (T7)

Desistir é chance zero para mim, nem da carreira e nem do futebol feminino pelo amor ao que vivo. No início, eu me sentia incapaz, despreparada e isso me fez pensar em não permanecer, mas resisti, tomei coragem, aprendi e estou buscando sempre o melhor. (T8)

4.1.3 Significado (Futebol e Carreira)

Futebol

Do total de relatos das treinadoras, foram extraídas afirmações sobre o significado do futebol que resultaram em uma categoria de reposta a saber: emoção e paixão pelo futebol.

A categoria “emoção e paixão pelo futebol” refere-se aos discursos que indicam emoções e bem-estar psicológico com as situações que decorrem da prática como treinadora bem como da paixão pelo futebol em si.

Vida, minha vida, minha emoção, meu instrumento de mudança, de melhorar a vida de muitas pessoas e isso aconteceu, escutar de uma atleta olímpica que você mudou a vida dela. (T1)

Ah, o futebol é amor, é uma coisa sensacional, não tem explicação, une povos, raças, torcidas, é amor e minha vida, é isso que posso falar dele. (T2)

Minha vida, futebol é o carro chefe da minha vida; ele entrelaça minha vida pessoal com a profissional, faço o que eu amo. Sou tão envolvida que levo para a minha vida pessoal; se estou de folga vou assistir futebol, vou ao estádio, sou tão apaixonada que quando vejo até na meditação estou falando de futebol. (T3)

Nossa! Eu poderia falar várias coisas, mas é simples, é minha vida. Vejo jogo o dia todo, em qualquer lugar, notícias, comentários; então, assim é o dia inteiro. Deixar de estar fazendo coisas relacionadas ao futebol eu nunca vou deixar. (T4)

Olha, o futebol hoje posso dizer que é minha vida, são 23 anos dedicados a ele, é uma prioridade dentro da minha vida, difícil pensar na minha vida hoje sem estar envolvida com o futebol, principalmente o feminino. (T6)

Significa, hoje, uma parte muito importante da minha vida, muitas coisas que faço são voltadas para o futebol, tudo está relacionado a ele. (T7)

Carreira

Foi levantada uma categoria de resposta do significado da carreira de treinadora, a saber: “fatores internos”. Essa categoria se refere às afirmações que mostram que o significado da carreira está diretamente relacionado a aspectos intrínsecos, estabelecendo características inerentes apresentadas na modalidade.

A carreira, para mim, significa ser referência, podendo participar da realização do sonho de outras meninas; eu consigo influenciar positivamente e isso me dá uma satisfação muito grande. (T3)

Um desafio diário, muitos até parecidos de quando eu era atleta, porém muito mais complexo do que eu poderia imaginar; é entender o futebol como um todo, é entender a pessoa. (T4)

Um aprendizado e um desafio onde quero cada dia crescer mais e a cada dia aprender mais para poder ajudar mais a modalidade e as mulheres. (T5)

Uma carreira de muitos desafios, mas que não foi diferente da minha carreira de atleta, cada dia um desafio diferente; claro que a responsabilidade é muito maior, tomar conta de todo um departamento, 27 jogadoras, você precisa persistir, principalmente como mulher, para poder fazer parte de tudo isso. (T6)

O significado da carreira, para mim, é ser uma referência para muitas outras mulheres que também querem ser treinadoras, ingressar na modalidade, na carreira. Eu carrego essa bandeira para outras mulheres. (T7)

Hoje, a carreira é minha grande missão, aprender mais e poder dividir isso com outras treinadoras e atletas, como exemplo a elas. (T8)

CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO

Este estudo teve por objetivo compreender o processo de relação entre os atributos pessoais de treinadoras de futebol do Brasil e o contexto ao longo da carreira. Para tanto, foi utilizado o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (2005), que busca compreender o ser humano por meio da rede de relações que ocorre em diferentes contextos e nos seus diversos níveis – micro-, meso-, exo e macrosistema, como também, seus atributos pessoais, de tal forma que ambos produzem processos de interação diferenciados, sistêmicos e dinâmicos, passíveis de múltiplas trajetórias (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Para melhor compreensão da dinâmica dessa discussão, foi elaborado um Mapa Ecológico que apresenta os diferentes contextos (do micro ao macro) nos quais as treinadoras participam direta ou indiretamente e os seus atributos pessoais (**Figura 6**). Em termos de contextos, as treinadoras estão no centro da figura, o microsistema, que representa seu clube de atuação (pertencendo a esse microsistema sua comissão técnica, dirigentes e atletas), no qual ela desenvolve seu papel de treinadora. O mesossistema é constituído, no Mapa, como um conjunto de microsistemas nos quais as treinadoras participam diretamente, dos quais se destacam escola, igreja, amigos e familiares. Já o exossistema é representado pelas federações estaduais de futebol às quais são filiadas. E, por fim, o macrosistema, que é simbolizado pelos órgãos máximos do futebol: Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Quanto aos atributos pessoais das treinadoras, foram analisadas as disposições (energia, força, tendência que possa favorecer o desempenho da treinadora ou, inversamente, interferir, retardar ou impedir a sua ocorrência), os recursos (constituem ativos e passivos biopsicológicos que influenciam a capacidade da treinadora em desenvolver seu papel) e as demandas (características pessoais que convidam ou desencorajam reações do ambiente social, de um grupo, e que podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico). Destaca-se ainda no Mapa o cronossistema, como transversal aos diferentes contextos.

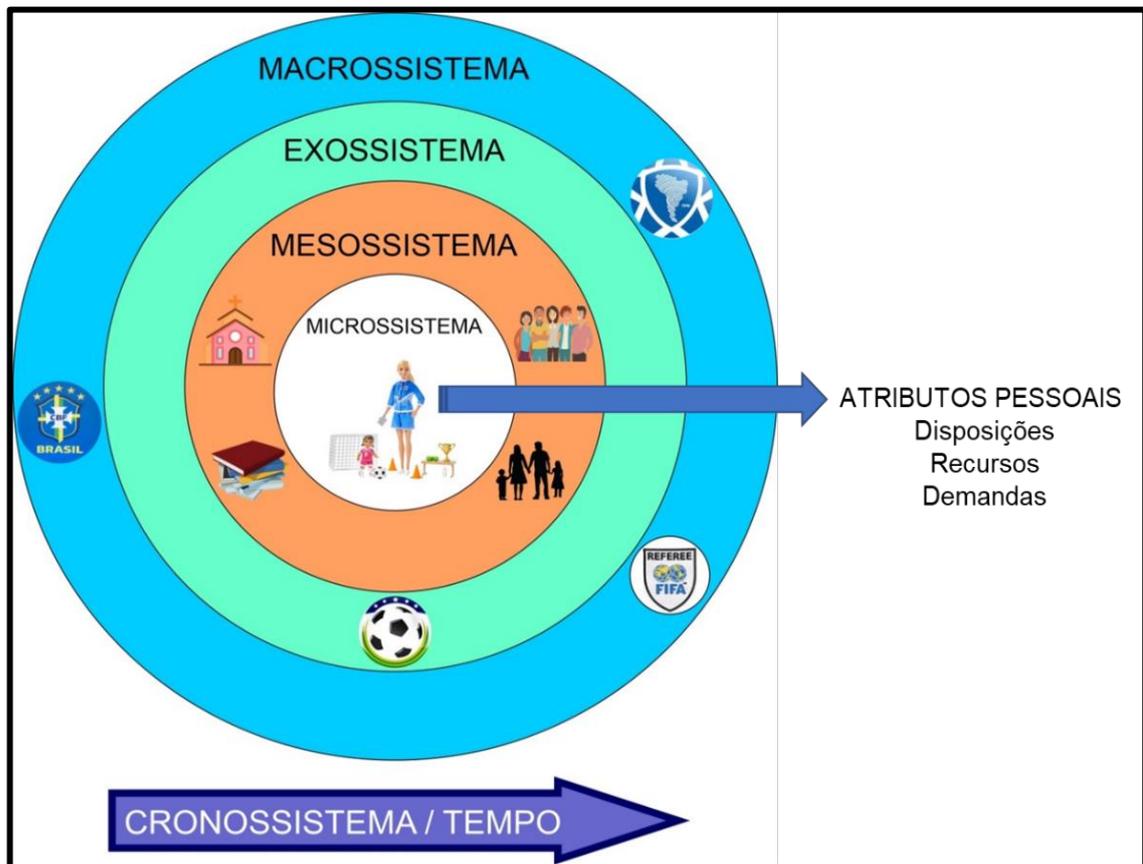


Figura 6. Mapa Ecológico (Desenvolvido pela autora).

Para analisar os diferentes contextos, é preciso fazer um breve resumo sobre a história da participação das mulheres no esporte, um fenômeno cuja prática se multiplicou rapidamente, atraindo participantes de diversas idades e de todas as camadas sociais, no mundo inteiro. No entanto, a participação das mulheres ao longo do tempo não teve uma evolução fácil. Nos Jogos Olímpicos na Grécia antiga, por exemplo, era proibida, uma vez que se acreditava que uma atividade física vigorosa poderia deteriorar sua saúde e afetar sua capacidade de ter filhos (COI, 1990). Além disso, dizia-se que as mulheres não se adaptavam ao esporte competitivo porque ele conduziria a uma atitude agonística agressiva e que as obrigaria, quando expostas ao ambiente competitivo, assumir comportamentos característicos do universo masculino (Brandão e Casal, 2003). Assim, durante séculos, o esporte foi dominado pelos homens e pela masculinidade.

O ideal masculino sempre esteve representado pela figura do guerreiro. O atleta, sinônimo de atividade e força, corresponde a tal ideal. A mulher, ao contrário, até bem

pouco tempo era vista no ocidente como uma figura passiva, considerada em muitas culturas mais como um objeto a contemplar do que um sujeito ativo. O ideal feminino tradicional seria incompatível com a figura do esportista. (Tamburrini, 1999)

O próprio Barão de Coubertin, pai do Jogos Olímpicos da Era Moderna, foi um opositor ferrenho da participação das mulheres nos esportes, pois desejava manter a tradição das competições gregas e afirmava que uma partida de jogos femininos era uma cena imoral, obscena e antiética. Dizia o Barão que as mulheres começaram a participar dos jogos contra sua vontade e aprovação e que a elas caberia somente coroar os vencedores com os louros da vitória (COI, 1990).

Pese os avanços em matéria de igualdade de participação entre homens e mulheres, os estereótipos de gênero subsistiram por muitos anos no esporte. As atividades esportivas eram “gênero-estereotipadas”, isto é, algumas modalidades esportivas seriam mais apropriadas para um gênero do que outro. Esses estereótipos foram identificados anteriormente por Metheny (1965), ao afirmar que os esportes “aceitáveis” para as mulheres (ginástica e natação) enfatizavam as qualidades estéticas, em contraste com a competição. Kane e Snyder (1989) afirmam que o aspecto central da estereotipação de gênero eram as características do físico (“*physicality*”); sendo assim, esportes que envolvessem contato corporal e grande esforço físico seriam caracterizados como masculinos por natureza, enquanto modalidades como dança, femininos.

A participação feminina no esporte brasileiro seguiu uma história muito similar, com a proibição de sua prática durante muitos anos por meio do Decreto-Lei de número 3.199 de 14 de abril de 1941, promulgado pelo Conselho Nacional do Desporto (CND), por ser incompatível com as condições da natureza feminina. Tal legislação permaneceu em vigor até 1979, quando foi revogada, e as mulheres puderam praticar diferentes modalidades esportivas, o que trouxe como consequência uma crescente participação feminina e a diminuição da disparidade entre homens e mulheres no esporte brasileiro.

O futebol feminino acompanhou a mesma trajetória, mas mostra um aspecto interessante, de acordo com Rubio e Veloso (2019): houve uma resistência contra a proibição da participação feminina por parte de alguns clubes e agremiações que continuaram praticando o futebol, porém, sem realizar competições regulares, razão de ser do esporte competitivo. Esse aspecto pode mostrar a força e influência do microssistema no macrossistema, pois, a partir da revogação da legislação, o futebol feminino passou por uma reestruturação das instituições, das

competições e das equipes, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro. No início da década de 1990, a FIFA lança a primeira Copa do Mundo Feminina e a Confederação Brasileira de Futebol envia uma equipe representante, dando início à participação feminina brasileira nos grandes eventos (Salvini & Marchi Jr., 2016b). Assim, permitiu-se a ruptura de alguns mitos e paradigmas, e é pouco provável que qualquer entusiasta do esporte, se vivo 100 anos atrás, pudesse prever como o futebol feminino se desenvolveria.

No entanto, a permissão que, em essência, deveria de alguma forma proteger a mulher no futebol, de acordo com Silva (2015) não tem sido suficiente para que o futebol seja visto como um espaço de afirmação da mulher nas atividades e funções assumidas, o que pode afetar principalmente os parâmetros do exo-, meso- e microsistema. As normas estabelecidas no macrosistema (leis estabelecidas, decretos, proibições de prática) de alguma forma impactaram essas mulheres no microsistema (clubes), seja como atletas ou treinadoras.

O ambiente mais remoto das treinadoras deste estudo está no nível macro, compreendido pelos órgãos máximos do futebol aos quais o Brasil está filiado: Confederação Brasileira de Futebol, a Confederação Sul-Americana de Futebol e Federação Internacional de Futebol. Observa-se, nos discursos, como as treinadoras percebem o desenvolvimento da sua carreira por meio do incentivo, ou não incentivo, desses órgãos competentes que regem o futebol mundial, ao apontarem a falta de apoio à carreira de treinadoras no país, não darem às mulheres equiparação salarial com os homens, não oferecerem incentivo financeiro para realização dos cursos de capacitação e aperfeiçoamento realizados pela CBF (cursos de custo elevado e que não condizem com a realidade salarial das treinadoras, mas obrigatórios para obter as licenças A, B, C e Pró, exigidas para dirigir equipes das séries mais competitivas do país), bem como não darem visibilidade para as treinadoras. Esses aspectos também foram observados nos estudos de Mourão, Silva, Goellner e Gomes (2020), em que a formação das treinadoras é diretamente dificultada pelos valores monetários, altos custos quando comparados com os salários ofertados, que muitas vezes são simbólicos ou até inexistentes. Ainda de acordo com as autoras, esse mecanismo produz barreiras discriminatórias, impedindo-as de avançar na carreira.

Embora a maioria dos discursos aponte que não há um incentivo direto à carreira e à modalidade, as treinadoras também afirmaram que existe uma perspectiva de melhora, conforme exposto nos estudos de Almeida (2019). Segundo esse autor o presidente da FIFA sugeriu, para aprovação na instituição, cinco propostas para o futebol feminino, com destaque para o aumento em 100% no valor das premiações na Copa do Mundo de 2023, aumento no

investimento para o desenvolvimento do futebol feminino de 500 milhões para 1 bilhão de dólares e o oferecimento de fomento para os cursos de treinadoras e para a promoção de mulheres na liderança do futebol. Embora ainda esteja pendente a aprovação pelo conselho da entidade, essa situação demonstra a possibilidade de mudança no posicionamento da FIFA quanto ao fomento e à difusão do futebol feminino.

Já em relação a CBF, Almeida (2019) afirma que a maioria das ações realizadas até o final de 2019, como a obrigatoriedade de os clubes masculinos investirem no futebol feminino, ocorreram principalmente por pressão da CONMEBOL e da FIFA do que por iniciativa própria. São ações voltadas para o desenvolvimento do futebol feminino e a busca pela profissionalização. Almeida ressalta que, embora sejam apenas alternativas e imposições, e visibilidades pontuais, são, porém, de extrema importância, geradas pelo evento da Copa do Mundo Feminina de 2019. Como resultado, as marcas e empresas de mídia realizaram inúmeras ações representativas que podem trazer uma nova realidade para o futebol feminino, atraindo, inclusive, patrocinadores.

Para Bronfenbrenner (2011), o macrosistema é representado por padrões similares de estilos de vida e ideologias que se refletem em metas e práticas de socialização, ou seja, sistemas de crenças, recursos, oportunidades e padrões de mudanças sociais. Sendo assim, com base nos discursos das treinadoras – que mostraram possuir padrões e ideologias similares em busca de desenvolvimento profissional e de visibilidade, além da mudança que a FIFA propõe –, inicia-se um processo que pode trazer mudanças e, conseqüentemente, impactos positivos para o desenvolvimento da carreira de treinadoras no Brasil, principalmente quando se pensa na facilitação do acesso aos cursos de aperfeiçoamento, no oferecimento de melhores condições de salário e incentivo como um todo, impactando diretamente no microsistema que essa treinadora transita.

A atuação das organizações de futebol estaduais observadas no exossistema deveriam compartilhar e discutir a possibilidade de criação de novos projetos que atendessem às necessidades das treinadoras. No entanto, ficou clara a necessidade dessas organizações dialogarem com pessoas diretamente ligadas às mulheres no futebol. Essas federações, em sua grande maioria, possuem dirigentes homens e criam um contexto masculino que se preserva até hoje e só vai se modificar quando começarem a dar voz para as mulheres inseridas no futebol. Os discursos das treinadoras mostraram uma visão negativa das federações que regem o futebol de mulheres e que, por um longo tempo, não houve engajamento para mudanças, incentivos à prática, melhora na visibilidade da modalidade, como atletas e/ou treinadoras. Contudo,

apontam um exemplo considerado positivo e importante de diálogo na Federação Paulista de Futebol, a única que contratou uma mulher para a coordenação do departamento de futebol feminino. Esse fato mostrou que houve melhoras significativas na visibilidade tanto para o futebol feminino quanto para a carreira de treinadora ao desenvolver um formato de gestão com foco nas mulheres e, provavelmente, também possibilitou às treinadoras uma sensação de acolhimento e pertencimento, pois a dirigente em questão possui a expertise de ter vivenciado a carreira de atleta, de treinadora e gestora do departamento de futebol feminino. Sendo assim, é grande a possibilidade de influência positiva para o desenvolvimento da carreira dessas treinadoras quando tiveram voz, forem ouvidas e perceberem uma gestão com mais empatia para com as mulheres. Corroborando com os discursos das treinadoras, Acosta e Carpenter (2012) afirmam que estruturas organizacionais que possuem mulheres na sua organização como gestoras, apresentam maior probabilidade de oferecer um *feedback* proativo a outras mulheres.

Segundo Bronfenbrenner (1996, p. 196), o potencial desenvolvimental de um ambiente aumenta na extensão em que existem vínculos diretos e indiretos com os ambientes de poder, nesse caso, as federações de futebol que regem a modalidade a nível estadual, por meio das quais as participantes desse ambiente, as treinadoras, podem influenciar na tomada de decisão responsiva às necessidades da pessoa em desenvolvimento e aos esforços daqueles que agem em seu benefício, principalmente quando foi dada voz a essas treinadoras por meio de uma mulher na gestão dessa estrutura organizacional. Interessante ressaltar que essa gestora contratada pela Federação Paulista, em função do seu trabalho, foi promovida a um órgão superior, após os resultados obtidos no departamento de futebol, sendo gestora, agora, em um contexto macro, a CBF. Dessa forma, o exossistema interferiu positivamente no macrossistema em nível organizacional, possibilitando oportunidades de desenvolvimento de carreira a uma mulher no futebol.

A interconectividade entre dois ou mais contextos – família, amigos, igreja e escola – constitui o mesossistema em nosso estudo. Devido às características específicas de cada contexto, o mesossistema permitiu observar aspectos congruentes que desencadearam o comportamento derivado de influência recíproca. A interconectividade foi marcada por comportamentos de um ambiente que se refletem em outro, ou seja, é como considerar um trânsito da pessoa entre diferentes ambientes, fazendo o que Bronfenbrenner denomina de “transição ecológica”, dos quais recebe e nos quais exerce influências continuamente. É também marcada pelas relações interpessoais entre pessoas pertencentes a cada microssistema (**Figura 7**).

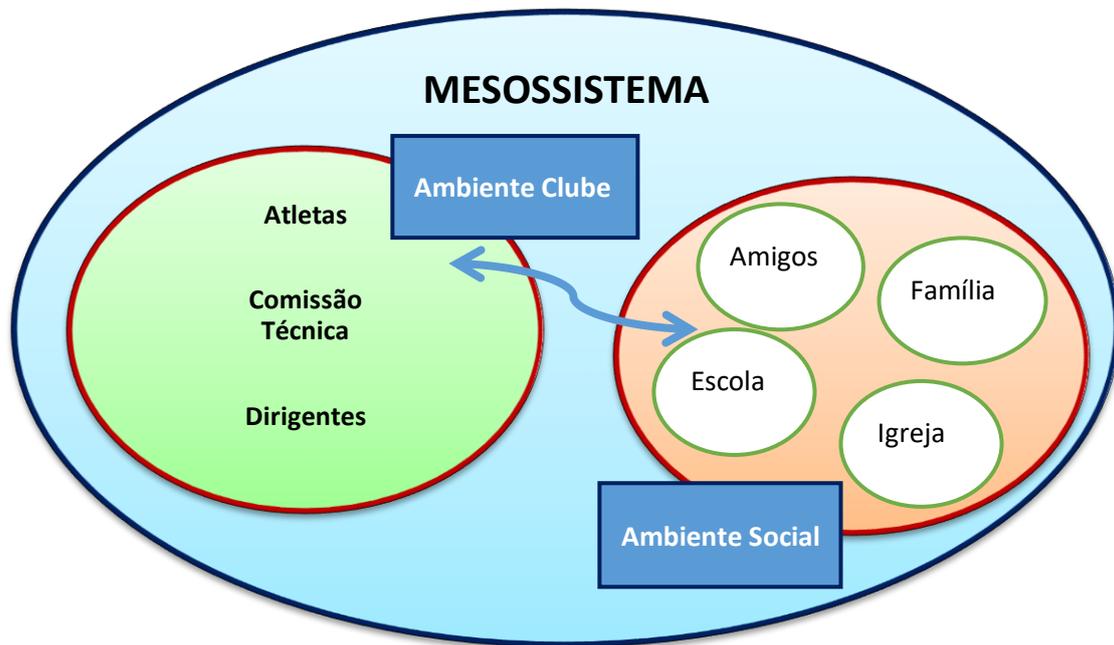


Figura 7. Representação do mesossistema e todos os microssistemas relacionados (Desenvolvida pela autora).

As transições ecológicas ocorrem durante todo o ciclo vital e são características da rede de apoio social e afetiva da pessoa. De acordo com Bronfenbrenner (1996), quando uma pessoa sai de um microssistema conhecido, como a família, para participar de um novo contexto, como a escola, há um fenômeno de movimento no espaço bioecológico. Essa transição aciona o funcionamento de uma rede que existe estruturalmente e passa a ter significado no seu desenvolvimento. Será, então, por meio das transições da treinadora por vários microssistemas que ela absorverá o conhecimento e legitimará sua participação nesses diversos ambientes, experimentando e consolidando diferentes relações e exercitando papéis específicos e/ou variados dentro de cada contexto. Tal mobilidade promove seu desenvolvimento, à medida em que ela se sente apoiada, estabelece relações significativas e dá sentido às suas experiências.

Ao se analisar o vínculo com a família e com os amigos, observou-se que a maioria das treinadoras afirmou que teve o apoio de forma incondicional para iniciar e prosseguir na carreira de treinadora e que essa relação foi fundamental. De acordo com Fontes (2010), o incentivo de familiares e amigos serve como base de apoio, sendo de extrema importância para a superação de dificuldades e fundamental para a carreira, principalmente em se tratando de uma carreira que dificulta o acesso às mulheres. Ainda de acordo com o autor, as relações interpessoais significativas podem ser consideradas fatores de proteção, podendo oferecer apoio e segurança

ao facilitar um desenvolvimento positivo mesmo frente às adversidades enfrentadas pelas mulheres na modalidade.

Porém, as treinadoras afirmaram não possuir tempo livre para essa relação, seja com a família ou com o grupo de amigos, ou ainda para atividades de cunho religioso. Apesar de considerarem um ponto de equilíbrio e incentivo, não conseguem dar a mesma atenção que gostariam porque o microsistema clube limita, devido a compromissos de viagem, jogos e treinamentos. Corroborando com essas afirmações, LaVoi e Dutove (2012) apontam que o fato de as mulheres estarem inseridas na carreira de treinadora e precisarem participar de muitas viagens e competições, ficando um longo período longe dos familiares, indica uma interação interpessoal dinâmica, podendo acarretar, muitas vezes, na escolha entre prosseguir ou abandonar a carreira e, assim, ficar mais próxima da família. Esse fato, no entanto, não foi observado nesse estudo e todas as treinadoras permaneceram engajadas na carreira; mas um fato interessante a ressaltar é que uma das treinadoras revelou sentir um impacto negativo na carreira pela falta de tempo com familiares, e tendo que optar entre a carreira e o matrimônio, escolheu a carreira!

Em relação à interconectividade treinadora-escola, pode-se considerar novamente que a inserção no esporte competitivo exige das treinadoras uma dedicação quase que exclusiva em função das atividades que deve realizar, e impossibilita também sua preparação por meio de cursos de aperfeiçoamento, além da interferência a nível macro (CBF), uma vez que os altos custos dos cursos passam a ser um impeditivo para essas treinadoras com salários não compatíveis com os valores cobrados. Vale ressaltar que o futebol exige dessas treinadoras tomadas de decisão no que diz respeito à evolução da carreira e a busca de formação altera seu papel no microsistema futebol. Os cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela CBF são a nível macro, e esse mesmo órgão exige as licenças necessárias para a atuação em campeonatos de maior visibilidade, a nível nacional e internacional; sendo assim, existe a interconectividade desse microsistema escola com o macrosistema. Portanto, de acordo com os discursos, deveria ocorrer a facilitação para a participação e o aperfeiçoamento das treinadoras, o que não acontece, limitando o desenvolvimento da carreira e as relações interpessoais no conjunto dos microsistemas, com a aparente restrição devido à falta de tempo e aos altos custos.

Por meio dos discursos, observa-se também que, quanto maior a capacidade e a competência técnica, maiores chances de evolução na carreira poderão ter, uma vez que estar inserida nesse contexto masculino requer das mulheres maior dedicação do que aos homens em relação aos cursos de aperfeiçoamento, pois somente o fato de serem homens já os capacita

para a carreira de treinador, enquanto que as mulheres necessitam realizar cursos de aperfeiçoamento para provarem seu potencial e se desenvolverem na carreira. De fato, os discursos das treinadoras estão de acordo com Malta, Resende, Pinheiro e Valle (2014): os homens aumentam as suas experiências em níveis elevados de prática, atingindo cargos de grande importância, apesar da baixa qualificação, pelo fato de serem homens no contexto do futebol, enquanto apenas as mulheres mais qualificadas conseguem postos semelhantes. Sendo assim, a capacitação técnica e os cursos de aperfeiçoamento são de extrema importância para aquelas que almejam o desenvolvimento na carreira.

Bronfenbrenner (1996, p. 166) afirma que o potencial desenvolvimental dos ambientes num mesossistema é aumentado se os papéis, atividades e díades (uma unidade básica de análise, ou seja, um sistema de duas pessoas, a estrutura interpessoal mais simples) em que a pessoa se envolve nos dois ambientes encorajam o desenvolvimento da confiança mútua, de uma orientação positiva, de um consenso de objetivos entre os ambientes e de um equilíbrio evolutivo de poder responsivo à ação em favor da pessoa em desenvolvimento. De acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998), a relação entre os microsistemas é tão importante para se compreender o ser humano em toda sua complexidade quanto os microsistemas isoladamente.

Em relação ao microsistema, tomar o futebol feminino como base para a compreensão das treinadoras foi insuficiente. São tantos os elementos a ter em conta que o mais adequado foi tentar compreendê-las a partir de uma visão multidimensional. De fato, o futebol feminino foi somente um ponto de partida; considerar os papéis, as relações interpessoais e as atividades realizadas no microsistema futebol, bem como a forma particular de operar de cada treinadora (ou seja, os atributos pessoais em termos de disposições, recursos e demandas) se tornou muito importante.

O microsistema possui três grandes características, que são os papéis, as relações interpessoais e as atividades. Bronfenbrenner (1996) enfatiza que a colocação de uma pessoa num papel tende a evocar percepções, atividades e padrões de relação interpessoal consistentes com as expectativas associadas àquele papel, na medida em que se referem tanto ao comportamento da pessoa ocupando o papel quanto dos outros em relação àquela pessoa. Portanto, a qualidade das relações interpessoais é vista no modelo como imprescindíveis para a compreensão do desenvolvimento humano. O autor diz ainda que “os papéis têm um poder quase mágico para modificar como se trata a uma pessoa, como se atua, o que se faz, inclusive o que se pensa e se sente” (Bronfenbrenner, 1979, p. 26). Entretanto, continua o autor, para uma

pessoa cumprir efetivamente seu papel, é preciso conhecer a demanda desse papel, o estresse e o apoio recebido do seu ambiente.

A análise do papel das treinadoras se adapta à visão ecológica da teoria proposta por Bronfenbrenner ao afirmar que o papel do treinador depende das características do ambiente, das características dos membros que participam desse ambiente e das características de personalidade do próprio treinador. Além do mais, existem determinadas expectativas de conduta de um papel que estão associadas ao poder que a sociedade fornece a esse papel. Quanto maior esse grau de poder, diz Bronfenbrenner (1979), maior será a tendência da pessoa que ocupa o papel exercer e explorar seu poder. Porém, devemos lembrar que o papel de treinadora no Brasil é socialmente cercado de preconceitos por ser um contexto majoritariamente masculino (o futebol).

Segundo Rubio e Veloso (2019), a resistência por parte dos homens em admitir uma mulher liderando uma comissão técnica permanece como um dos grandes obstáculos na trajetória feminina, no desenvolvimento do seu papel enquanto treinadora. Considerando que os homens são maioria nos cargos de treinadores e de gestão nos clubes e confederações, existe a desconfiança de que mulheres não possuem capacidade, competência, para treinar equipes, ou seja, não possuem conhecimento de uma modalidade que é caracterizada culturalmente como de cunho e participação masculina. Essas afirmações vão ao encontro do discurso das treinadoras pois, analisando o microssistema (clubes) e as relações interpessoais que ali acontecem com as atletas, comissão técnica e dirigentes, o que se pôde observar foram muitas dificuldades nesse ambiente para exercer seu papel de treinadora.

Na voz das treinadoras, elas são avaliadas a todo instante, principalmente pelo fato de serem mulheres inseridas no futebol, apontando que a todo o momento necessitam provar, mais do que os homens, que merecem estar nesse ambiente de prática, possuem qualidades e atributos para estarem inseridas na carreira, treinando equipes e assim evoluírem. A desconfiança parte principalmente dos dirigentes do gênero masculino e, apesar do ambiente na modalidade estar alcançando um *status* que sai do amadorismo e parte em direção ao profissionalismo (contratos de trabalho, vínculo empregatício), isso não é suficiente para banir os questionamentos existentes. De acordo com Copetti e Krebs (2004), as competências percebidas são determinantes para reconhecer o *status* da pessoa no ambiente. Porém, o que se nota é a desconfiança e a avaliação da competência das treinadoras a todo momento.

Nos estudos de LaVoi e Dutove (2012) foram encontrados os mesmos aspectos deste estudo em relação à avaliação e desconfiança da competência das treinadoras, no qual as autoras

destacam que as treinadoras, mesmo possuindo alto grau de competência e aptidão, não apresentam evolução, muitas vezes ficando estagnadas. Esse fato, segundo as autoras, se deve ao motivo de, a todo instante, precisarem provar a sua competência na função. Nos estudos de Silva et al. (2020) identificam-se fatores que corroboram os discursos de que, em modalidades como o futebol, existe um monopólio cultural que privilegia prioritariamente os treinadores homens, além de assegurar o questionamento sobre essa função ser desempenhada por mulheres, avaliando sua competência a todo instante. As treinadoras, que são em número minoritário na modalidade, precisam lutar permanentemente pelo reconhecimento de suas qualidades e competências, levando-as a uma batalha também constante contra sentimentos que as direcionam a disposições disruptivas, desfavorecendo (ampla ou relativamente) seu desenvolvimento pessoal e, assim, podendo provocar o abandono da carreira.

Quanto às relações estabelecidas com a sua comissão técnica, as treinadoras apresentaram duas situações distintas. A primeira, quando puderam montar a sua própria comissão técnica e, com isso, apresentaram aspectos positivos de comunicação, entendimento, respeito e aceitação de uma mulher à frente do comando, preocupando-se somente com o desenvolvimento do trabalho. E a segunda, quando a treinadora “herdou” a comissão técnica da equipe para a qual foi contratada. Essa situação foi uma fonte geradora de estresse entre a treinadora e os demais membros, pois teve, mais uma vez, sua competência questionada por uma comissão com a qual ela não escolheu trabalhar, necessitando provar sua capacidade e habilidade para estar ali como referência e liderança de uma equipe e desenvolver seu papel. Tanto uma situação quanto a outra impactam nas relações interpessoais, porém de forma diferenciada.

Já a relação com as atletas foi caracterizada como harmônica, de respeito, amizade, acolhimento e diálogo. Essa forma de relação pode estar relacionada diretamente ao fato de a maioria treinar mulheres, de terem sido ex-atletas e conhecerem o “caminho” a ser percorrido para manterem as boas relações no ambiente de prática. O que está de acordo com o estudo de Ferreira, Salles e Mourão (2015), quando citam que o fato de ser ex-atleta da modalidade imprime uma questão de respeito e conhecimento da prática que pode favorecer a credibilidade junto à equipe.

As relações interpessoais necessitam de reciprocidade para que haja efetividade nos processos proximais e promoção de desenvolvimento, tanto emocional como intelectual e afetivo. É esse envolvimento recíproco entre indivíduo e ambiente que faz com que ocorram as transformações e favoreça o desenvolvimento. Bronfenbrenner (1992, p. 239) afirma que cada membro de um microsistema influencia os outros membros e que, portanto, deve-se levar em

consideração a influência de cada relacionamento sobre os outros relacionamentos. Assim, deve-se considerar que o fato de não poder escolher a sua própria comissão técnica e enfrentar os conflitos existentes nesse contexto pode levar a aspectos negativos que não favoreçam o seu desenvolvimento; porém, a boa relação com as atletas pode levar as treinadoras a se desenvolverem de forma positiva a partir do momento em que há reciprocidade nessa relação.

Estar no contexto em que precisa provar a todo instante ser competente, que possui habilidade e capacidade para estar ali, seja para dirigentes, para comissão técnica ou para atletas, faz com que as treinadoras tenham que despende um esforço extra para vencer tais dificuldades ou, contrariamente, se sintam incapazes de gerar energia na busca para transpô-las. Bronfenbrenner e Morris (1999) afirmam que as características pessoais mais prováveis de influenciar um desenvolvimento futuro são referidas como forças da pessoa, disposições comportamentais ativas que podem colocar os processos proximais em desenvolvimento ou impedir sua ocorrência. As treinadoras podem apresentar uma disposição positiva (desenvolvimentalmente geradora), mas não possuir recursos (capacidades bioecológicas/psicológicas) para lidar com os desafios do ambiente; assim como podem ter recursos positivos (habilidades, competências, conhecimento, experiências), porém apresentar uma disposição negativa (desenvolvimentalmente disruptiva) desfavorecendo (ampla ou relativamente) seu desenvolvimento pessoal. A forma como as treinadoras interpretam suas experiências, interações e ambientes em que estão envolvidas são, portanto, variáveis importantes para entender como ocorre seu desenvolvimento (Krebs, Copetti, Serpa e Araújo, 2008).

Nosso estudo mostra que, além das dificuldades enfrentadas na carreira das treinadoras, sua inserção no futebol por meio da prática deliberada também apresentou dificuldades e resistências, tiveram que passar por diversas modalidades esportivas até conseguirem seu espaço no futebol. Os discursos das treinadoras estão de acordo com os apontamentos de Haag (2018), que mostram que as mulheres enfrentaram muitas dificuldades para iniciar no futebol como atletas. Um exemplo interessante é a “Carta para eu mesma quando jovem” (Silva, 2017), da jogadora Marta (eleita seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo), ao relatar que não havia outras meninas para jogar futebol, o que a levou a jogar com meninos e ouvir comentários homofóbicos exatamente por isso, além de dúvidas sobre sua competência física e técnica. Gallo Cadavid e Pareja Castro (2009) fazem referência a comentários homofóbicos a respeito do futebol feminino na Colômbia:

Na Colômbia, o futebol tem sido tradicionalmente um esporte de domínio masculino. E se diz que as mulheres, ao optarem por essa prática, não fazem mais do que se

masculinizar e perder sua feminilidade, além do mais, são censuradas e discriminadas, classificadas de mulher-macho e lésbicas, aspectos esses que alteram sua saúde. (p. 2)

Mediante as dificuldades apresentadas, uma das formas de avaliar as disposições dessas treinadoras para a carreira foi identificar o significado que o futebol, uma atividade de eleição, tem para elas. E esse significado se mostrou tão importante que mesmo um contexto aversivo e refratário não impediu que essas mulheres entrassem nesse contexto.

Existe a representatividade marcante de uma paixão que as envolve com o futebol. O significado atribuído ao futebol e à carreira norteiam a condição de lugar no qual elas são referência para outras mulheres que querem iniciar nessa prática, de poder contribuir com o crescimento e a visibilidade do futebol feminino. Um significado de paixão que transcende as treinadoras no que tange à identificação com o futebol, à valorização da mulher como treinadora e atleta da modalidade, à luta incessante pela visibilidade e pelo respeito, ao pertencer a uma modalidade, conquistar espaço com reconhecimento e aprovação. Nesse sentido, Bronfenbrenner (1996) ressalta que o significado se dá porque a atividade exercida pela pessoa é mais do que um evento momentâneo e tem relevância para ela, fazendo com que permaneça envolvida e insista no desenvolvimento da atividade. A partir disso, a pessoa é capaz de ampliar e modificar a estrutura e o conteúdo do meio que vive.

Muitos estudos enfatizam a importância do sentimento da paixão como o principal componente no esporte. De acordo com Vallerand (2008), quem é apaixonado pelo que faz se sente vivo, tem alto grau de excitação e prazer na sua atividade. Em outras palavras, a avaliação da atividade, o tempo e a energia despendidos estão relacionados com disposição, uma força motivacional que leva o indivíduo a participar de uma atividade que produz desejo. Entretanto, de acordo com Brandão, Serpa, Krebs, Araújo e Machado (2011), para que uma atividade esteja relacionada com a paixão, ela deve ter um significado especial para o indivíduo, já que emprega muito tempo de sua vida em sua realização de uma maneira regular.

Da mesma forma que esse sentimento as fez iniciar na carreira, a influência familiar e da rede de amigos também geraram influências positivas e aspectos encorajadores para enfrentar um ambiente que apresenta dificuldades para o desenvolvimento da mulher, seja como atleta e/ou como treinadora; essa situação serviu como motivação para continuarem engajadas. De acordo com Krebs et al. (2008), esse fator motivacional mostra a disposição para alguém permanecer engajado na tarefa, ou seja, manifestação de disposições pessoais geradoras que conduzem a uma tentativa de reverter um momento que se apresenta não favorável, sendo também um sistema de força da pessoa que instiga as ações dessas mulheres e apresenta um

papel imperativo no transcurso de envolvimento com o futebol. De acordo com Bronfenbrenner (2011), essas disposições são características comportamentais que tanto podem colocar os processos proximais em movimento como retardar e até impedir sua ocorrência. No caso, as treinadoras apresentaram características comportamentais geradoras que levaram a disposições para se engajar na atividade e, tão importante quanto esse engajamento para início na carreira, foi possuir recursos para permanecer nela.

Segundo Bronfenbrenner (1999), os recursos biopsicológicos abarcam experiências, habilidades e conhecimentos necessários ao efetivo funcionamento dos processos proximais ao longo de diferentes estágios do desenvolvimento. Envolve deficiências e competências psicológicas que influenciam a capacidade da pessoa de se engajar efetivamente nos processos proximais. As deficiências representam condições que limitam ou inibem a integridade funcional do organismo. Já as competências estão relacionadas às capacidades, às habilidades, aos conhecimentos e às experiências que evoluíram ao longo do desenvolvimento, ampliando a efetividade dos processos proximais de forma construtiva.

Nessa perspectiva, é fundamental salientar os recursos de enfrentamento que essas treinadoras possuem para sobreviver nesse contexto chamado futebol, pelo qual elas são apaixonadas, e a capacidade de superação apresentada principalmente no enfrentamento de desafios: superação para transpor as barreiras da falta de apoio na modalidade, dos conflitos entre a vida pessoal e a profissão, da ausência de remuneração e da falta de credibilidade no seu potencial em treinar equipes. Obstáculos similares aos encontrados nessa pesquisa também foram verificados no estudo de Ferreira, Anjos, Drigo, Mourão e Salles (2017). Nesse estudo, treze treinadoras de diversas modalidades foram entrevistadas e os seus relatos são condizentes com os das treinadoras deste estudo. Foram citadas a baixa remuneração, o conflito entre a vida pessoal e profissional principalmente pelas treinadoras que possuíam filhos, o questionamento da competência feminina e a falta de aceitação e credibilidade dos atletas. Essas afirmações foram apontadas como motivos que as fizeram enfrentar os desafios da carreira de treinadora e sobreviver nesse cenário. De acordo com Copetti e Krebs (2004), cada pessoa possui um conjunto de recursos que a capacitam a atuar com maior ou menor grau de eficiência nos contextos em que participa. Quanto maior e melhor for esse conjunto de recursos pessoais, maiores são as possibilidades e opções que essa pessoa terá para obter sucesso e desempenhar suas tarefas com competência. Portanto, o que se pode observar foi que essas treinadoras possuem um conjunto de recursos que as fizeram, por meio da superação, criar uma força de resistência e, assim, diante dos entraves encontrados na carreira, apropriarem-se de uma força

chamada *superação* para permanecerem engajadas na atividade e, desse modo, favorecerem os processos proximais.

Existe, também, uma predisposição para a permanência na carreira que pode estar relacionada à expectativa de que a modalidade e a carreira tenham visibilidade e oportunidades de crescimento e desenvolvimento. Talvez o fato de possuírem experiência na modalidade, principalmente como atletas, e já terem vivenciado diversas situações negativas, fez com que as treinadoras criassem expectativas de mudanças futura para a modalidade e a carreira. Esse fato pode ter gerado os recursos necessários para continuarem engajadas na carreira. De acordo com Copetti e Krebs (2004), há de se considerar, como contribuinte dos recursos pessoais, todos os conhecimentos que essa treinadora já possuía daquela atividade e das outras pessoas que estão participando, bem como das suas próprias capacidades e habilidades pessoais. Enfim, toda a trajetória pessoal está refletida nas vivências positivas e/ou negativas pelas quais essa treinadora passou em seu curso de vida, que são internalizadas e configuram-se como experiências pessoais. Portanto, é possível que as experiências anteriores as façam acreditar em possíveis mudanças visando o crescimento da modalidade e a visibilidade da carreira e, assim, persistirem na atividade.

Somados aos fatores de influência no processo de permanência, estão os aspectos que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, favorecendo ou não o estabelecimento dos processos proximais. Segundo Narvaz e Koller (2004), esses atributos são capazes de incitar ou impedir reações do ambiente social, inibindo ou favorecendo o desenvolvimento dos processos proximais no crescimento psicológico, como características de aparência física e comportamentos ativos, em contraposição a comportamentos passivos. Na voz das treinadoras, foram observados características e aspectos que as encorajaram e/ou desencorajaram no ambiente e, de certa forma, contribuíram para a permanência na carreira, pois nenhuma treinadora deste estudo optou pelo abandono.

A maioria das treinadoras citou, como uma característica fundamental, possuir uma boa leitura do jogo, ou seja, uma competência que deve ser compreendida dentro da sua especificidade de treinar equipes. Essa característica apresentada é um fator diferencial de quem já teve a vivência na modalidade, fazendo com que se sintam seguras no exercício da função. Os aspectos encorajadores apresentados pelas treinadoras estão relacionados a sentimentos de abandono da carreira – como as decisões equivocadas por parte dos órgãos máximos do futebol em relação às mulheres na modalidade; a falta de valorização da profissão; a desconfiança na capacidade de treinar equipes; a pressão exercida pelos dirigentes por ser mulher e estar no

futebol; as cobranças para saber até onde a treinadora pode chegar no futebol; os resultados de vitória e derrota –, situações que, apesar de muitas vezes as fizerem pensar em desistir da carreira, foram superadas por uma força motivacional vinda de pessoas próximas (como familiares, marido, pai, mãe), inspirações positivas vindas de figuras que se sobressaíram nesse contexto masculino e o amor e a paixão pelo futebol e pela carreira. A coragem e a vontade de vencer esses obstáculos e se desenvolver na carreira fez com que elas permanecessem engajadas na atividade de treinar equipes de futebol no Brasil. Todas as dificuldades serviram para fortalecer as treinadoras, fazendo com que desenvolvessem recursos e, assim, alcançassem o desenvolvimento pessoal. A respeito disso, vale a pena citar a declaração da T3: *“O futebol é um organismo vivo em constante evolução e isso vai fazer com que eu dê sempre um passo a mais para frente.”*

A **Figura 8** apresenta uma representação esquemática do processo de interação entre o sujeito e o ambiente, a partir do modelo bioecológico de Bronfenbrenner.

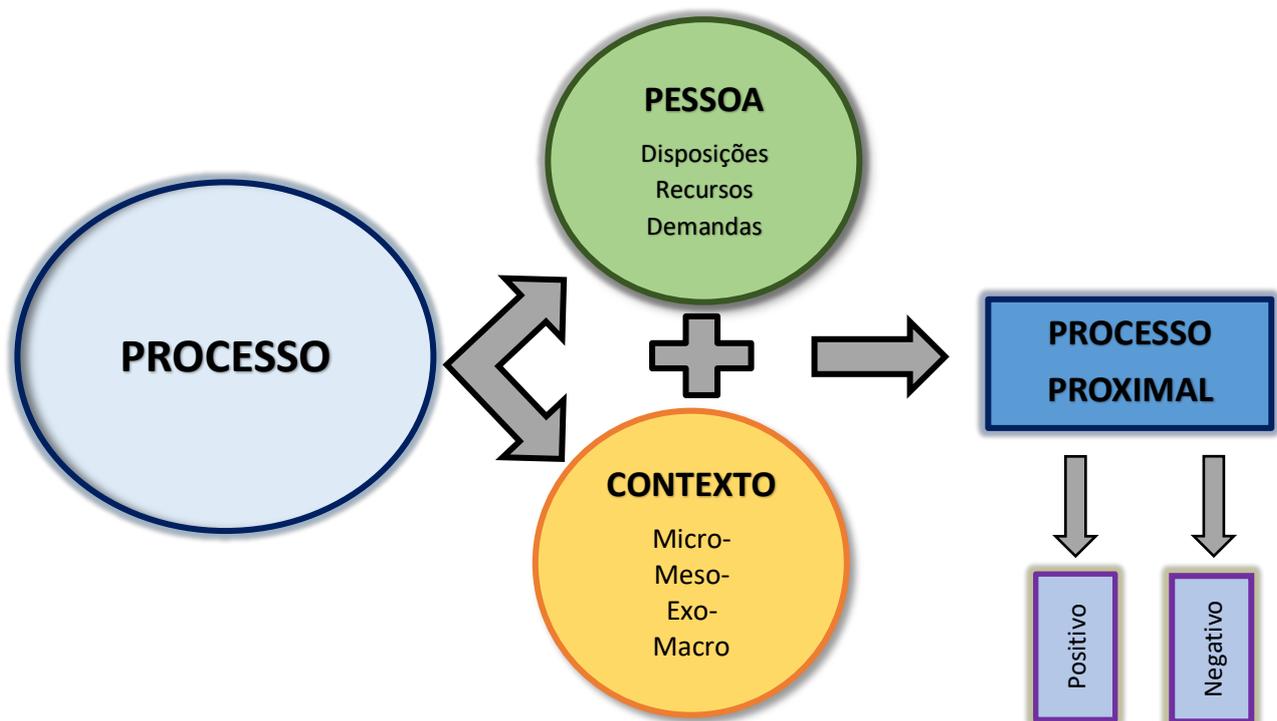


Figura 8. Processo de interação entre sujeito e ambiente (Desenvolvido pela autora).

Os processos proximais são formas particulares de interação entre o sujeito e o ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano; mas, para se desenvolver intelectual, emocional, social e moralmente, requer-se a participação ativa em interação progressivamente mais complexa,

recíproca com pessoas, objetos e símbolos no ambiente imediato (microsistema). Exemplos de padrões duradouros desses processos podem ser encontrados na relação pais-criança, no aprendizado de habilidades novas, na resolução de problemas, na execução de tarefas complexas e na aquisição de novos conhecimentos e experiências (Bronfenbrenner & Ceci, 1994, p. 6). Os autores ainda apontam que processos proximais são como máquinas ou motores do desenvolvimento.

Os processos proximais são definidos a partir de cinco aspectos: para que o desenvolvimento ocorra, é necessário que a pessoa esteja engajada em uma atividade; para ser efetiva, a interação tem que ser em uma base relativamente regular de tempo; as atividades devem ser progressivamente mais complexas; para que os processos sejam efetivos, deve haver reciprocidade entre as relações interpessoais; e, para que essa interação ocorra, os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular a atenção, a exploração e a imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1995).

Pode-se dizer que os cinco aspectos foram encontrados neste estudo. As treinadoras foram atletas da modalidade, vivenciando o contexto desde o início da sua trajetória no futebol, um contexto masculino, de preconceitos e dificuldades para as mulheres, incluindo questões culturais e sociais. Após o término da carreira de atleta, por acreditarem que poderiam ser como um fio condutor para o desenvolvimento da modalidade, e até pela paixão pela mesma, iniciaram na carreira de treinadora, portanto, estão engajadas na atividade há um longo tempo. A complexidade da atividade que as treinadoras participam é alta devido a fatores multidimensionais que envolvem o contexto do futebol. A reciprocidade nas relações treinadora-atleta e treinadora-família se mostraram de forma positiva, sendo um aspecto facilitador na ocorrência dos processos proximais; porém, na relação treinadora-comissão técnica, essa forma somente foi positiva quando a treinadora montou a sua própria comissão; e a relação entre treinadora-dirigentes se mostrou muito desfavorável, principalmente no equilíbrio de poder, respeito e afetividade.

Em se tratando de objetos e símbolos, o significado do futebol para as treinadoras mostrou uma simbologia de que a modalidade é a representatividade da vida, conforme observado na frase:

Minha vida, futebol é o carro chefe da minha vida, ele entrelaça minha vida pessoal com a profissional, faço o que eu amo. Sou tão envolvida que levo para a minha vida pessoal, se estou de folga vou assistir futebol, vou ao estádio, sou tão apaixonada que quando vejo até na meditação estou falando de futebol. (T3)

Outro aspecto importante é que os processos proximais ocorrem ao longo do tempo e podem, dependendo de suas características, levar a dois tipos de resultados no desenvolvimento, um positivo e um negativo. O resultado positivo é denominado de “competência”, demonstrado por meio da aquisição de habilidades socioemocionais, cognitivas e físicas, bem como pela capacidade de controlar o próprio comportamento ou o de outras pessoas; é também estímulo para o desenvolvimento. Inversamente, o resultado negativo envolve a manifestação recorrente de disfunções e dificuldades em comportamentos de autocontrole em diferentes domínios do desempenho, sendo apontado, também, como barreiras para o desenvolvimento (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

No caso deste estudo, observou-se um resultado positivo de competência, apesar do enfrentamento de situações desfavoráveis que poderiam levar essas treinadoras a um resultado negativo, de barreiras para o desenvolvimento e, assim, ao abandono da carreira. O que se notou foi uma força capaz de criar disposições pessoais geradoras, conduzindo a uma tentativa de reverter situações desfavoráveis, dentre as quais a desconfiança da competência. Observou-se, também, que a experiência, a habilidade em conduzir as situações adversas e complexas, a capacidade de controle das situações, assim como a competência em exercer a função, bem como as experiências anteriores na modalidade, seja como atleta ou treinadora, levaram à ocorrência dos processos proximais, um estímulo importante para o desenvolvimento.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi o primeiro estudo qualitativo no Brasil realizado com treinadoras brasileiras de futebol sob a perspectiva do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. Foi possível compreender o processo de relação entre os atributos pessoais das treinadoras e o contexto ao longo do tempo, além do significado atribuído ao futebol e à carreira.

O Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner foi o escolhido para a compreensão da profissão de treinadora no contexto do futebol e suas facetas pois concebe a compreensão do desenvolvimento de uma pessoa a partir da integração de quatro elementos – processo, pessoa, contexto e tempo – além de analisar a influência sociocultural na relação recíproca e dinâmica entre a pessoa/ambiente, em nosso caso, treinadora/futebol. Assim, permitiu-nos abranger o processo de relação entre a treinadora e o futebol por meio de um conjunto de sistemas nos quais a treinadora é um ser ativo, capaz de sofrer influências desses sistemas, ao mesmo tempo em que neles determina mudanças.

Os quatro elementos PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo) trouxeram luz a uma realidade quando não se olhou somente a pessoa treinadora, mas, sim, a sua intrínseca relação com os diferentes contextos, que vão do micro ao macrossistema, e os seus atributos pessoais (disposições, recursos e demandas), bem como as atividades, papéis que exerce e as suas relações interpessoais.

Em relação ao contexto futebol feminino, observou-se que, apesar de um certo reconhecimento e crescimento da modalidade, ainda é um contexto masculino, no qual as mulheres sobrevivem e encontram diversas formas de preconceito e assédio, além da falta de visibilidade, da desconfiança de sua competência, da baixa remuneração e das diversas barreiras para inserção e permanência na modalidade, seja como atleta, seja como treinadora, características essas que perpassam todos os contextos.

No entanto, a presença de uma mulher gestora do futebol feminino, tanto no exossistema quanto no macrossistema (primeiro na Federação Paulista de Futebol e, depois, na Confederação Brasileira de Futebol), é considerada um marco, pois deu voz às treinadoras,

permitiu um maior diálogo e tornou a gestão mais empática às mulheres, gerando influência e desenvolvimento eficaz no microsistema.

A nível meso- e micro-, houve uma interconectividade marcada pelas relações interpessoais positivas estabelecidas nos eixos treinadora-família e treinadora-atletas. Já na relação treinadora-escola, as atividades desenvolvidas no microsistema se apresentaram como uma barreira (especialmente devido ao alto custo dos cursos), mas vale destacar que os cursos oferecidos pela CBF são imprescindíveis para o desenvolvimento na carreira de treinadora. Finalmente, a relação treinadora-comissão técnica apresentou-se favorável quando a treinadora teve oportunidade de escolher sua própria comissão técnica e, desfavorável, quando “herdou” a comissão técnica.

Ainda no microsistema, pode-se considerar que o papel exercido por essas treinadoras evocou percepções, atividades e padrões de relação interpessoais consistentes com as expectativas associadas ao papel de treinadora; porém, devemos considerar que esse papel ainda é cercado de desconfiança e preconceitos por parte dos dirigentes e torcedores em geral.

Mediante todos esses aspectos encontrados no contexto do futebol, devemos perguntar o que fez com que essas treinadoras permanecessem inseridas nele? A resposta se apresenta por meio dos atributos pessoais (disposições, recursos e demandas); apesar das dificuldades enfrentadas, apresentaram, tanto para o início quanto para a permanência na carreira, determinadas habilidades como a experiência e o conhecimento na modalidade que as capacitaram para atuar com maior grau de eficiência nesse ambiente.

No entanto, acreditamos que um fator muito relevante para a superação de desafios e barreiras no contexto futebol feminino está no significado atribuído à carreira e ao futebol que, em grande medida, estão relacionados à paixão que elas possuem pela modalidade, seja como atleta ou como treinadora. Esse sentimento é capaz de nortear o engajamento e a permanência na carreira, ajuda a lidar com as frustrações e a ter uma menor predisposição para o abandono; em outras palavras, a persistência em um contexto árido ainda cercada por preconceitos e desconfianças por parte dos homens.

Quanto aos processos proximais, podemos dizer que, mesmo nesse contexto desfavorável, é muito provável que os atributos pessoais demonstrados sejam tão fortes que fizeram com que elas alcançassem um desenvolvimento próprio, tornassem-se mais fortes, mais empoderadas e, assim, sobrevivessem nesse cenário.

Podemos considerar que as implicações práticas deste estudo estão relacionadas a uma visão ampla e diferenciada de um contexto esportivo, que nos permite diferentes tipos de análise, compreender a treinadora que está ali e como todos os diferentes contextos impactam esse ser humano e vice-versa. Ressaltamos o quanto as organizações e os dirigentes podem aprender com este estudo e contribuir de forma positiva, criando boas práticas para que, realmente, haja tanto o desenvolvimento do futebol feminino quanto da carreira de treinadora de futebol no país. Também com relação aos órgãos competentes no Brasil (no caso, a CBF), levá-los a se preocupar efetivamente com o desenvolvimento das treinadoras em termos de atributos pessoais, analisando e compreendendo por que muitas se mantêm nesse contexto difícil e, assim, contribuir para que o ambiente seja mais justo e igualitário para as mulheres, proporcionando o seu efetivo desenvolvimento.

Por fim, podemos considerar que este estudo traz uma percepção de que essas treinadoras, que estão ocupando um lugar que é culturalmente masculino, não querem e não vão retroceder. Algumas mudanças são observadas porém ainda é um campo de terras áridas e que se configura como um espaço de lutas, desafios e disputa para as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acosta, R.V.; & Carpenter, L.J. (2012). Women in Intercollegiate Sport: A Longitudinal, National Study Thirty-Seven Year Update, 1977-2012. Recuperado em 21 junho de 2021 de <http://www.acostacarpenter.org/>.
- Almeida, C.; & Pisani, M. (2017). Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. Recuperado em 25 de abril de 2020, em https://www.academia.edu/35200263/Carreiras_e_profissionalismo_de_futebolistas_brasileiras_ap%C3%B3s_a_regulamenta%C3%A7%C3%A3o_do_Futebol_Feminino_no_Brasil
- Almeida, C.S. (2019). O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. *FuLiA/UFMG*, 4(1), 72-87.
- Balardin, G.F.; Voser, R.D.C.; Duarte Jr., M.A.S.; & Mazo, J.Z. (2018). O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. *RBF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 10(36), 101-109.
- Brandão, M.R.F.; & Casal, H.V. (2003). Mulheres-atletas e o esporte de rendimento: a questão de gênero. In A.C. Simões (Org.), *Mulher & Esporte: mitos e verdades* (pp. 155-163). Barueri, SP: Manole.
- Brandão, M.R.F.; Serpa, S.; Krebs, R.; Araújo, D.; Machado, A.A. (2011). El significado del arbitrar: Percepción de jueces de fútbol profesional. *Revista Psicología del Deporte*, Palma, 20(2), 275-286.
- Brasil (1941). *Decreto Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941*. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo país. Recuperado em 26 de junho de 2021 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. London: Harvard University press.
- Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.), *Six theories of child development: Revised formulations and current issues* (pp. 187-249). London: Jessica Kingsley. Reprinted with permission from Jessica Kingsley Pub., Ltd. (In Bronfenbrenner, U. (Ed.), *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005. Article 10, p.106-173.)
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: a future perspective. In P. MOEN, G.H. ELDER JR & K. LUSCHER, K. (Orgs.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-647). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (2. reimp.; M.A.V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Bronfenbrenner, U. (2011) *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. (A. de Carvalho-Barreto, Trad.; S.H. Koller, ver. técn.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Bronfenbrenner, U. (Ed.). (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U.; & Ceci, S.J. (1994). Nature-nuture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101(4), 568-586.
- Bronfenbrenner, U.; & Evans, G.W. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social development*, 9(1), 115-125.
- Bronfenbrenner, U.; & Morris, P.A. (1999). The Ecology of Developmental Process. In P.J. Gomes (Ed.), *Stress and Violence in Childhood and Youth* (pp. 21-95). Lisboa: Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa.
- Bronfenbrenner, U.; & Morris, P. A. (1998). The Ecology of Developmental Processes. In W. Damon & R.M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: theoretical models of human development* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.
- Coelho, J. (2009). Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In L.H. Toledo & C.E. Costa (Coords.), *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas* (pp. 75-93). São Paulo: Terceiro Nome.
- Comitê Olímpico Brasileiro (2019). *Time Brasil: nos jogos Olímpicos Rio 2016, o Time Brasil levará a maior delegação da sua história*. Recuperado em 23 de agosto de 2019, de <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/participacoes/Rio-2016>.
- Comitê Olímpico Internacional (COI); Solidariedade Olímpica (1990). *Manual de Medicina Deportiva*. Lausanne: Comité International Olympique.
- Confederação Brasileira de Futebol (2020). Wikipédia. Recuperado em 07 de março de 2020, em https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Brasileiro_de_Futebol_Feminino_de_2020_-_S%C3%A9rie_A1.
- Copetti, F.; & Krebs, R.J. (2004). As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In S.H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 67-89). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Costa, M.G.B. (2018). Um olhar sobre o campeonato gaúcho de futebol feminino adulto através das reportagens da Gaúcha ZH. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol (RBFF)*, 10(37), 228-234.
- Coubertin, P. (1938). As mulheres e os esportes. *Revista Educação Physica* (Rio de Janeiro), 21, p. 60.
- Damo, A.S. (2007). A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. *Revista Gênero*, 7(2), 137-152.

- Ferreira, H.J.; Anjos, L.A.; Drigo, A.J.; Mourão, L.N.; & Salles, J.G.C. (2017). Barriers faced by Brazilian female coaches. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 31(2), 479-488. <https://doi.org/10.11606/1807-5509201700020479>
- Ferreira, H.J.; Salles, J.G.C.; & Mourão, L. (2015). Access and retention of women in sports coaching in Brazil. *Revista da Educação Física/UEM*, 26(1), 21-29. Recuperado em 26 de junho de 2021 de <https://www.scielo.br/j/refuem/a/wWZkYmzXBWXjVmcrS9hF9tF/abstract/?lang=en&format=html>
- Ferreira, H.J.; Salles, J.G.C.; Mourão, L.; & Moreno, A. (2013). A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Movimento*, 19(3), 103-124.
- Fontes, R.C.C. (2010). *O processo dinâmico da resiliência no esporte na perspectiva do modelo bioecológico do desenvolvimento humano*. 87 f. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.
- Franzini, F. (2005). Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista brasileira de história*, 25(50), 315-328.
- Freitas Jr.; M.A., & Gabriel, B.J. (2018). Quantas vezes, o que e como a Seleção Brasileira de Futebol Feminino foi noticiada? Analisando a cobertura esportiva da Folha de S. Paulo em 2015. *Recorde: Revista de História do Esporte*, 11(1). Recuperado em 26 de junho de 2021 de <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/17903>
- Gallo Cadavid, L.E.; & Pareja Castro, L.A. (2009). A propósito de la salud en el Fútbol Femenino, Inequidad de género y subjetivación. *Educación Física y Deporte*, 21(2), 15-25. Recuperado em 21 de junho de 2021 a partir de <https://revistas.udea.edu.co/index.php/educacionfisicaydeporte/article/view/3266>
- Goellner, S.V. (2004). Mulher e esporte em perspectiva. Recuperado em 8 de julho de 2020 de www.esporte.gov.br/arquivos/mulher_esporte/esporte_mulher.pdf
- Goellner, S.V. (2005a). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(2), 143-151. Recuperado em 27 de junho de 2021 de <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>
- Goellner, S.V. (2005b). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática. Goiânia*, 8(1) (jan./jun.), 85-100.
- Goellner, S.V. (2007). Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, 13(2) (maio/ago.), 171-196.
- Goellner, S.V. (2016). Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP*, 108, 29-38.
- Goellner, S.V.; & Kessler, C.S. (2018). A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. *Revista USP*, 117, 31-38.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22(2), 201-210.

- Guttmann, A. (2002). *The Olympics: A history of the modern games* (2nd ed.). Urbana; Chicago: University of Illinois Press.
- Haag, F.R. (2018). “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. *Mosaico*, 9(14), 142-160.
- Hepler, T.J.; & Feltz, D.L. (2008). Coaching efficacy: A review examining implications for women in sport. *International Journal of Coaching Science*, 2(1), 25-41.
- Jaeger, A.A.; Gomes, P.B.; Silva, P.; & Goellner, S.V. (2010). Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. *Movimento*, 16(1), 245-267.
- Kane, M.J.; & Snyder, E. (1989). Sport typing: The social "containment" of women in sport. *Arena Review*, 13 (2), 77-96.
- Kaz, L.; & Costa, P. (2013). Dando tratos à bola: futebol e Brasil. *Revista USP*, 99, 67-78.
- Kilty, K. (2006). Women in coaching. *The Sport Psychologist*, 20(2), 222-234.
- Krebs, R.J. (2009). Bronfenbrenner's Bioecological Theory of Human Development and the process of development of sports talent. *International Journal of Sport Psychology*, 40(1), 108-135.
- Krebs, R.J.; Copetti, F.; Serpa, S.; & Araújo, D. (2008). Disposições pessoais de tenistas jovens: um estudo fundamentado na teoria bioecológica de Bronfenbrenner. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2(2), 1-24. Recuperado em 21 de junho de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452008000200004&lng=pt&tlng=pt.
- LaVoi, N.M.; & Dutove, J.K. (2012). Barriers and supports for female coaches: An ecological model. *Sports Coaching Review*, 1(1), 17-37.
- Lima, G.S. (2009). *Os desafios da carreira da mulher executiva no Brasil*. 125 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS), Belo Horizonte.
- Lopes, C.M.S. (2006). Direito do trabalho da mulher: da proteção à promoção. *Cadernos Pagu*, 26, 405-430.
- Lovisoló, H.R. (2013). Futebol: controvérsias e aproximações. *Corpus et Scientia*, 8(3), 33-44.
- Luz, D.C.; Pugliese, G.; Cavalcanti, E.A.; & Lise, R.S. (2015). Do amadorismo ao futebol-espetáculo: uma reflexão acerca dos clubes de futebol brasileiros. *The Journal of the Latin American Socio-Cultural Studies of Sport (ALESDE)*, 5(1), 34-45.
- Machida, M.; & Feltz, D.L. (2013). Estudando o avanço na carreira das mulheres coaches: Os papéis de líder autoeficásuação. *International Journal of Coaching Science*, 7(2), 53-71.
- Magalhães, S.L.F. (2008). Memória, Futebol e Mulher: Anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007). *Recorde: Revista de História do Esporte*, 1(2). Recuperado em 25 de abril de 2020, de <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/776>.

- Malta, S.; Resende, R.; Pinheiro, C.; & Valle, A. (2014). O desafio de ser treinadora. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 4, 11-14.
- Metheny, E. (1965). *Connotations of movement in sport and dance: a collection of speeches about sport and dance as significant forms of human behavior*. Dubuque, Iowa: William Brown (Brown physical education series).
- Meyer, D.E. (2004). Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista brasileira de enfermagem*, 57(1), 13-18.
- Miles, M.B.; & Huberman, A.M. (2004). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook*. Thousand Oaks, Sage.
- Milistetd, M.; Duarte, T.; Ramos, V.; Mesquita, I.M.R.; & Nascimento, J.V. (2015). A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em Educação Física. *Pensar a prática*, 18(4). Recuperado em 26 de junho de 2021 de <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/34988>
- Minayo, M.C.D.S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, 17, 621-626.
- Minayo, M.C.D.S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12.
- Morel, M.; & Salles, J.G.C. [2007]. Futebol feminino. In L.P. DaCosta (Org.), *Atlas do Esporte no Brasil* (pp. 262-263). Rio de Janeiro: Shape. Recuperado em 26 de junho de 2021 de <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4013508.pdf>
- Mota, C.; Tanure, B.; & Carvalho Neto, A.C. (2015). Mulheres executivas brasileiras: O teto de vidro em questão. *Revista Administração em Diálogo - RAD*, 16 (3).
- Mourão, L., & Morel, M. (2005). As narrativas sobre o futebol feminino: A diferença que faz uma medalha de prata. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(2), 73-86.
- Mourão, L.; & Gomes, E.M. (2004). Mulheres na administração esportiva brasileira: uma trajetória em curso. In A.C. Simões & J.D. Knijnik (Orgs.), *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho* (pp. 305-318). São Paulo: Aleph.
- Mourão, L.; Silva, P.; Goellner, S.V.; & Gomes, P.B. (2020). Strategies of resistance and empowerment of portuguese women coaches in sports. *Journal of Physical Education*, 31(1), e-3109. Recuperado em 26 de junho de 2021 de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/45351>
- Narvaz, M.G.; & Koller, S.H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In S.H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 51-65). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Norman, L. (2010a). Sentindo-se o segundo melhor: experiências de treinadoras de elite. *Sociologia do Sport Journal*, 27(1), 89-104.
- Norman, L. (2010b). Bearing the burden of doubt: Female coaches' experiences of gender relations. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 81(4), 506-517.

- Oliveira, A.F. (2012). Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol (RBF)*, 4(13), 170-174.
- Oliveira, G.; Cherem, E.; & Tubino, M.J. (2009). A inserção histórica da mulher no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 16(2), 125-133.
- Pisani, M.S. (2015). Entre rezas, lágrimas, suor, menstruação e chulé: o futebol feminino em foco. *Cadernos de Campo (São Paulo 1991)*, 24(24), 338-347.
- Romariz, S.B.; Votre, S.J.; & Mourão, L. (2012). Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. *Movimento*, 18(4), 219-237.
- Rubio, K. (2011). A cordialidade feminina no esporte brasileiro. In K. Rubio (Org.), *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro* (pp. 85-102). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K.; & Veloso, R.C. (2019). As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. *Revista USP*, 122, 49-62.
- Salvini, L. ; & Marchi Jr., W. (2016b). Registros do futebol feminino na revista Placar: 30 anos de história. *Motrivivência*, 28(49), 99- 113.
- Salvini, L.; & Marchi Jr., W. (2016a). “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(2), 303-311.
- Silva, G.C. (2015). *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre proibições e a regulamentação (1965-1983)*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Silva, M.V. (2017). Carta Para Eu Mesma Quando Jovem. *The Players Tribune*, August 24. Recuperado em 21 de junho de 2021 de <https://www.theplayerstribune.com/articles/marta-letter-to-my-younger-self-portuguese>.
- Silva, T.M.G.D. (2008). Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. *Politeia: História e Sociedade*, Vitória da Conquista, 8(1), 223-231.
- Silveira, T. (2019). Entrevista com a treinadora da equipe de futebol feminino Ferroviária de Araraquara-SP. Recuperado em 05 de fevereiro de 2020, de <http://www.dibradoras.com>.
- Tamburrini, C. (1999). O retorno das Amazonas. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista digital, 13. Recuperado em 22 de junho de 2021 de <https://www.efdeportes.com/efd13/amazonb.htm>
- Thomas, J.R.; Nelson, J.K. & Silverman, S.J. (2009). *Métodos de pesquisa em atividade física* (6. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Vallerand, R.J. (2008). On the psychology of passion: In search of what makes people's lives most worth living. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 49(1), 1-13.
- Vaz, A.C. (2005). Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. In A.S. Souza (Org.), *Desafios para uma educação física crítica* (pp. 24-38). São Paulo: Cult.

APÊNDICE A - Dados Biográficos

Nome:

Estado Civil:

Tem filhos: Quantos:

Local e Data de Nascimento:

Grau de Instrução:

Com que idade você iniciou a carreira de treinadora de futebol?

Em qual categoria você atua?

Você atua por qual estado atualmente?

Qual nível de campeonato que atua (Regional, Estadual, Nacional e ou Internacional)?

APÊNDICE B - Perguntas geradoras baseadas nas características do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano

Perguntas geradoras baseada nas características do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano		
<p>Contexto: Ambiente que o indivíduo está inserido e seu desenvolvimento por meio dos elementos (valores, cultura, crença) e das relações interpessoais.</p>	<p>Microsistema: É o ambiente mais próximo do indivíduo, o contexto imediato em que a pessoa em desenvolvimento tem experiências diretas como família, trabalho, escola, igreja.</p>	<ul style="list-style-type: none"> * Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol em uma ordem cronológica. * Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou? * Como era/é sua relação com os atletas? * E com sua comissão técnica? * Que condições você tinha/tem para trabalhar? * Você já mudou de clube? * Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube? * Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento? * Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.
	<p>Mesosistema: Interligação dos ambientes, formado pelo conjunto de microsistemas dos quais a pessoa participa diretamente. Como as trocas que existem entre família e trabalho, família e escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> * Quais eram ou são os outros microsistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola etc.? * Como é a relação entre esses microsistemas e o seu trabalho? * Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?
	<p>Exossistema: Ambientes indiretos, não sendo somente o sistema que a pessoa participa diretamente como também aqueles que indiretamente podem afetar o seu desenvolvimento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> * Como é sua relação com a federação à qual você pertence? * Houve mudanças ao longo do tempo? * Você acredita que os órgãos competentes como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol? * Como elas impactam/impactaram na sua carreira? * Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?
	<p>Macrossistema: Envolvem os sistemas políticos, econômicos e educacionais que</p>	<ul style="list-style-type: none"> * Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

	contemplam ideologias de valores e crenças do Brasil e que afetam indiretamente as relações interpessoais e a qualidade de vida da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> * Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres? * O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?
<p>Atributos Pessoais (Pessoa): Ser ativo capaz de sofrer influências do sistema ao mesmo tempo em que nele determina mudanças. O elemento da pessoa é descrito pelas características pessoais que atuam no desenvolvimento e influenciam nos processos proximais.</p>	<p>Disposições: São as características comportamentais (forças geradas por energia psicológica, ou seja, a motivação da pessoa para realizar algo) que podem tanto colocar os processos proximais em movimento, como retardar e até impedir sua ocorrência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> * Como foi o início da sua participação no esporte? * Como ingressou na carreira de treinadora? * Como foi se tornar uma treinadora? * Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou? * Você teve oportunidades em outras áreas? * Por que decidiu especificamente pelo futebol? * Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?
	<p>Recursos: Constituem ativos e passivos biopsicológicos que influenciam a capacidade para um organismo ocupar-se efetivamente em processos proximais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> * Como enfrentou os desafios do contexto do futebol? * O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil? * Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira? * Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você? * Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?
	<p>Demandas: Características pessoais que afetam o desenvolvimento, estimulam ou desencorajam reações dos ambientes sociais de um grupo, as quais podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> * As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual? * Existe algo a fazer ou a fazer pensar em desistir da carreira? * O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira? * As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

		* E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?
Significado	Futebol e Carreira	* O que significa o futebol para você? * O que significa a carreira de treinadora para você?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Título da Pesquisa: Treinadoras de Futebol no Brasil: o processo de relação entre os atributos pessoais e o contexto ao longo da carreira.

Eu, _____, com ____ anos de idade, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntária do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1. O objetivo da pesquisa é compreender a relação entre os atributos pessoais e o contexto na carreira de treinadoras de futebol do Brasil, quais são para mim, como treinadora de futebol no Brasil, os motivos que estão associados à minha participação inicial, permanência e disposição para o abandono da carreira de treinadora de futebol no Brasil, bem como o significado da carreira e do futebol;
2. Eu estou recebendo um e-mail, da pesquisadora responsável pelo estudo, explicando os objetivos do estudo e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
3. Caso eu tenha interesse em participar do estudo, deverei enviar, para o e-mail da pesquisadora, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado eletronicamente. Após isso, será agendada, em melhor data para minha conveniência, a entrevista pessoalmente ou via *Skype*;
4. Participarei de uma entrevista contendo perguntas sobre minha vida como treinadora ao longo desses últimos anos, que serão gravadas e posteriormente transcritas. Não há limite para as minhas respostas, podendo variar de uma única frase até um longo depoimento. A transcrição das entrevistas será feita respeitando-se meu depoimento e ficará de posse da pesquisadora principal por cinco anos a contar da data da entrevista e não será utilizada para nenhum outro fim que não essa pesquisa;
5. A participação no estudo apresenta risco mínimo para mim, podendo ocorrer certo constrangimento pelo teor das perguntas, mas estou ciente de que poderei interromper a qualquer momento minha participação e retomá-la caso seja de meu interesse. Estou ciente de que os procedimentos utilizados apresentam, também, risco mínimo à minha integridade biopsicossocial e restringe-se ao possível constrangimento referente às questões levantadas. Caso seja de meu interesse, eu poderei ser encaminhada para atendimento psicológico no Centro de Psicologia Aplicada (CENPA), da Universidade São Judas Tadeu.
6. A participação nesta pesquisa é voluntária, meu nome e respostas serão resguardados sob sigilo;
7. Estou ciente de que a presente pesquisa trará como benefícios uma melhor compreensão da carreira de treinadora de futebol no Brasil, de alguns aspectos meus e do contexto das equipes nas quais eu trabalhei que podem ter interferido na minha carreira e podendo fazer com que seja um fio condutor a novas treinadoras para que compreendam essa importante relação entre o contexto de prática e determinadas características pessoais;
8. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do estudo expostos acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada;

9. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre minha participação no referido estudo;
10. Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, via endereço eletrônico cep@usjt.br, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, como também pelo telefone (11) 2799-1950;
11. Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, a Profa. Ana Paula Mastrocola, sempre que julgar necessário pelo e-mail apmastrocola@yahoo.com.br ; e
12. Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e a outra com a pesquisadora responsável.

São Paulo, de _____ de 2020.

São Paulo, de _____ de 2020.

Nome e assinatura da Treinadora
Voluntária

Nome e assinatura da Pesquisadora
Responsável

APÊNDICE D – Transcrição das Entrevistas

T1

Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol, em uma ordem cronológica.

Eu comecei, na realidade, em Santos no Estado de São Paulo, com o grupo da Cosipa, amigas que jogaram e formaram a equipe. Eu jogava e passei a jogar e dirigir, isso 1983, por aí. Segui, fui evoluindo e comecei a jogar na cidade de São Paulo, no time da B., que era a máquina do futsal e do futebol de campo; treinava e jogava em Santos, jogava na B. e surgiu a oportunidade de eu dirigir a equipe da B. Eu subi para a função de preparadora física por um ano e, aí, o treinador foi embora para o nordeste, numa equipe masculina, e aí eu dirigi a B. por um ano, mais ou menos, e aí eu fui para M. e, da M., fui para Mx.. Tinha um grupo de meninas boas lá, e como eu trabalhava na Sap., concomitantemente eu fazia esporte dentro da empresa Sap; a Mx. ficou sem patrocínio aí eu juntei minha cara de pau, cheguei no presidente da Associação Sap., que era uma pessoa que eu tinha um bom trato, e fui pedir para ele se ele podia arrumar a taxa do jogo para gente fazer a final, camisa etc. Ele falou: “C., tudo bem, vou abraçar sua ideia”. Aí ele financiou essa final, que foi Mx./Sap. e Fea., e fomos campeãs; ele ficou motivado e já havia, na época, uma insistência das meninas que estavam no mercado do futebol vindo de outros estados e querer ter uma equipe mais estruturada para jogar. Quando ele falou que nos manteríamos com ele, arrumando um patrocínio e nós sendo da Associação Sap. Deu certo com patrocínios como Coca-Cola, Pênalti e as meninas começaram a vir querer jogar, mesmo com péssimas condições, treino em quadra descoberta, com frio, chuva, mas as meninas começaram a chegar: S., averbando de boca, aí veio Pre., Taf., Ro, Fanta, Cinira, um super time sem treinadora [risos], só para eu organizar e ir para o jogo. Elas jogavam por si só, eu separava atritos e vaidade e foi assim meu início.

Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou?

O ambiente sempre foi de acolhimento porque, graças a Deus, eu sempre tive facilidade de fazer amizade; eu conseguia, vamos dizer, dava e recebia acolhimento. Era difícil conseguir as coisas, a gente sempre punha dinheiro do bolso, só dava camisa; o resto era do bolso, mas era acolhimento e amizade de ambas as partes. Amizade, respeito e postura que é fundamental para manter a dignidade.

Como era/é sua relação com os atletas?

Com as atletas a minha relação é nota mil, eu sempre tive muito diálogo.

E com sua comissão técnica?

Eu tive problema com uma comissão técnica, mas em um contexto geral, eu sempre consegui agrupar, trazer para perto e sempre foi muito boa.

Que condições você tinha/tem para trabalhar?

Olha, as condições oferecidas sempre foram difíceis, pois eu sempre tive que lidar com tudo, contrato, treino, dinheiro, estrutura, sempre difícil de se preparar somente para executar a tua função específica, que é treinar.

Você já mudou de clube?

Sim, já mudei.

Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube?

Evolução me levou a isso.

Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento?

Sim.

Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.

O maior constrangimento que eu tive, falta de respeito, foi o assédio nas jogadoras, de enfrentar um vestiário lotado de homens, treino lotado de diretores querendo dar palpite e diretores querendo ver atletas bonitas, bem afeiçãoadas, jogando. Tive problemas sérios de dirigente chegar dando beijo no pescoço de atletas e isso chegar ao clube. Acho até que perdi o comando de uma seleção porque peitei o dirigente dizendo que ali não era uma casa de luzes e sim uma equipe, com mulheres atletas e uma treinadora.

Quais eram ou são os outros microssistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola etc.?

Eu tive um afastamento de tudo por conta da carreira, deixei de atender amigos, de fazer cursos, por conta do trabalho, só não deixei a família. Sempre me esforcei muito para estar com eles, é a minha base.

Como é a relação entre esses microssistemas e o seu trabalho?

Eu também tive um afastamento de tudo por conta do trabalho, mas isso tudo eu não deixava influenciar no trabalho; eu deixei muita coisa de lado desses outros ambientes mas não deixei o trabalho.

Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?

Eu já deixei muita coisa de lado: família, vida social, cursos por fazer; mas, olha, só nunca deixei o trabalho, a carreira de treinadora. Eu nunca deixei impactar nada no meu trabalho, mas o inverso, sim. Portanto, se eu for analisar friamente, essa causa é negativa, deveria ter usado o bom senso e dosado.

Como é sua relação com a federação à qual você pertence?

Ela foi muito boa até o encerramento do Dr. C.: tinha livre acesso às seleções paulista, coordenação, convocação, era delegado a mim. Porém, na nova gestão, fiquei feliz por poder ver uma luz no fim do túnel, mudar calendário e tal, mas não vi mudanças: clubes falindo, campeonatos curtos com poucas equipes; mas este novo presidente não sabe o que é o futsal feminino. Recebi convite do presidente para lhe apresentar o futsal feminino, mas passou um ano e o assunto morreu. Então, infelizmente, estou decepcionada.

Houve mudanças ao longo do tempo?

Para pior, no meu ponto de vista.

Você acredita que os órgãos competentes, como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol?

Não.

Como elas impactam/impactaram na sua carreira?

Impactaram de forma negativa porque nunca vi uma palavra ou atitude de incentivo, do tipo: "C., estamos contigo, vamos trazer mais treinadoras, vamos incentivar o feminino crescer pelas treinadoras". Pelos dirigentes, se a mulher for bonita e gostosa, eles vão fazer de tudo para ela ir para frente; se for mais ou menos em beleza, não farão nada para levar adiante.

Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?

Acho que ainda essa carreira não existe, não é profissional, a maioria precisa ter outro trabalho para se manter; agora, viver de treinadora ainda é muito difícil. Vai acontecer, mas ainda é muito difícil.

Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

Eu nunca tive uma palavra de incentivo, nunca disseram que vão incentivar o futebol feminino, que estão junto com a gente, que irão possibilitar um acesso mais fácil, digamos, inclusive para os aperfeiçoamentos. Acho que ainda essa carreira não existe, não é profissional, a maioria precisa ter outro trabalho, ainda é muito difícil viver de ser treinadora; vai acontecer, mas ainda é muito difícil e sem estrutura.

Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres?

Eles impactam no sentido de não deixar acontecer; quando se tem um dirigente, como citei, não são todos, mas como ficaria um pai sabendo que a filha é assediada? Isso pode ir a zero, acaba todo um trabalho. Impactam dessa forma, ação negativa para o futebol feminino.

O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?

A confederação, sim, de uma forma negativa, quando te prometem coisas, continuação de comando e tal. Isso deveria acontecer e isso não aconteceu; promessas e, mesmo sendo campeã com a seleção, sul-americano, e aí passa um ano, você recebe um fax no brasileiro, chega no hotel um fax todos vem te agradecendo os serviços prestados e comissão técnica desfeita. Foi uma facada no peito de quem trabalha e começaram a colocar os peixes deles quando começaram a conhecer as atletas e verem o quanto o B. poderia fazer, onde poderia chegar.

Como foi o início da sua participação no esporte?

Eu jogava de tudo, era um inferno parar em casa, tinha as obrigações de menina, mas não parava em casa; meu pai ficava bravo porque menina não podia jogar futebol, então fui jogar basquete, mas depois não teve jeito, fui jogar futebol escondido e comecei assim.

Como ingressou na carreira de treinadora?

De atleta de futebol, eu fui preparadora física e me tornei treinadora dentro da empresa que eu trabalhava, criamos o projeto do futebol que foi muito vitorioso.

Como foi se tornar uma treinadora?

Foi a melhor coisa que fiz na minha vida. Achei que seria agrônoma, adorava, mas o esporte me deu lucidez, me mostrou como ele pode transformar a vida das pessoas, por um gesto, uma cobrança, e me mostrou que podia transformar a vida de outras pessoas.

Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou?

Enfrentei dificuldades porque é um universo muito masculino; eu era inexperiente e as pessoas ficarem cobrando, te julgando e dentro da família mesmo como isso? Eu tive sorte, quer dizer, prestei concurso, passei na Sabesp e fazia isso dentro da empresa e paralelo dela.

Você teve oportunidades em outras áreas?

Sim, na Sabesp, como industriaria.

Por que decidiu especificamente pelo futebol?

Ah, eu acho que veio com que eu fazia em família: meus irmãos jogavam bola, eu ia assistir, sentava com meu pai e ouvia jogo no rádio; então, foi exemplo de família.

Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?

No começo, foi bem ruim, escondido, pois, para os meus familiares, amigos, a mulher não podia estar ali no futebol; porém, isso não me influenciou em nada de negativo, muito pelo contrário, foi um fator motivacional e a insistência fez com que todos se acostumassem.

Como enfrentou os desafios do contexto do futebol?

Enfrentei os desafios muitas vezes passando necessidade, de todo tipo: locomoção, alimentação, falta de salário, falta de apoio, de acreditarem em você; às vezes, fazia uma alimentação no dia e vamos embora porque a segunda refeição eu dava para alguém no treino, que não tinha se alimentado.

O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil?

O que me faz permanecer é a esperança que o futebol feminino no nosso país e que as treinadoras sejam vistas para que a modalidade e a carreira cresçam, que se tenha visibilidade.

Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira?

Quanto às oportunidades, primeiro você tem que querer, a coisa não cai do céu, precisa determinação para seguir na linha e nas metas que você traçou, projetou para sua carreira.

Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você?

O fato de ter boas relações facilitou tudo, todo o processo, e eu acho que o que me prejudica nisso tudo é falar o que estou vendo, sentindo e acontecendo e não levar para casa; sinceridade me prejudicou.

Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?

Se eu tivesse menos sangue quente ou se tivesse tido mais controle nas minhas atitudes, talvez não teria passado por algumas situações que me prejudicassem: ou seja, autocontrole. E a questão de ser mãe, tranquila com as atletas, sempre ajudou muito na carreira: equilíbrio com atletas.

As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual?

Não, não houve mudanças.

Existe algo que a faça ou a fez pensar em desistir da carreira?

Sim, a cobiça me faz pensar em desistir. A passada de perna.

O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira?

Não, eu sempre me desenvolvi por mim mesma, mas minhas vontades; escolha própria, assumi minhas escolhas e o que ela representa.

As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Podem, sim. Pensei em abandonar em 2005; foi um ano de maratonas de viagem, então isso me fez pensar em desistir, assim como quando vi a falta de respeito da confederação.

E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Não, não interferiu no abandono e nem na permanência, sempre tive claro a minha capacidade e também quando precisei buscar a evolução.

O que significa o futebol para você?

Vida, minha vida, minha emoção, meu instrumento de mudança, de melhorar a vida de muitas pessoas; e isso aconteceu, escutar de uma atleta olímpica que você mudou a vida dela.

O que significa a carreira de treinadora para você?

Desafio, um desafio que deve ser aceito; as mulheres devem aceitar esse desafio, espantar o medo e aceitar.

T2

Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol em uma ordem cronológica.

Na verdade, tem 10 anos que já treino, dou aula, tive escola de futsal e dava aula para todas as categorias até 20 anos, masculino e feminino; foi o M10, trabalho social sem fins lucrativos, 70 alunos ao todo, parei por falta de apoio, não tive apoio. Hoje, meus atletas estão todos formados, e estão aí para contar história. Eu, depois, fui para Ars., tive proposta, e junto eu era personal trainer de atletas profissionais; tive o masculino e feminino, esse sim mais tenso, alto nível. Eu sempre cobrei demais, gosto de trabalhar em alto nível, e com mulher, para mim, é mais difícil. Após isso, montei o R10, minha própria escola de treinamento voltado para o futebol. Após isso, fui para o So., em Brasília também, e depois para o C. trabalhar com o feminino adulto e disputar o estadual de Brasília. Faço cursos, mas financeiramente é muito difícil, muito cara as licenças da CBF. Faço o que eu gosto, às vezes desanimo por falta de apoio.

Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou?

Por um dos clubes que passei, assim como em outros também, a maioria das outras pessoas do CT eram homens; não havia respeito, eu cobrava planejamento, ações, sentar e discutir, mas não era ouvida. Eu me sentia muito excluída e desrespeitada até porque os dirigentes aceitavam essas atitudes.

Como era/é sua relação com os atletas?

Com as (os) atletas sempre tive uma excelente relação, de muita liberdade.

E com sua comissão técnica?

Com a comissão técnica, difícil, muitas vezes não querem escutar, não montei minha comissão e a maioria são homens, eles não escutam; difícil.

Que condições você tinha/tem para trabalhar?

Muito difícil: falta de apoio, de credibilidade; o fato de ser mulher e o preconceito existe, tirando dinheiro do bolso, cursos de especialização da confederação brasileira muito caro; muito difícil, mesmo.

Você já mudou de clube?

Sim.

Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube?

Já mudei de clube por ascensão minha; não vai cair do céu, você tem que ir atrás e buscar se valorizar.

Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento?

Sim, vivi.

Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.

Eu senti na pele a questão do preconceito, dos homens tentando ser o centro de tudo. As minhas ideias não eram ouvidas e você sabendo que está certa. Eles passaram por cima de mim várias vezes e com apoio da direção. Tive que provar a minha competência a todos para ser ouvida, usar sistema tático que funcionasse, ser insistente. Eles precisam mudar esse lado do eu sei tudo e aceitar as mulheres na comissão técnica.

Quais eram ou são os outros microsistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola etc.?

Sou muito família e minha crença, minha religião, é Deus, me apego nisso para ter paz espiritual e poder me desenvolver melhor. Com minha família, eu consigo estar lá, quer dizer, pelo menos eu tento, porque não tenho muito tempo, tudo é muito corrido na carreira, falta tempo para estar com eles.

Como é a relação entre esses microsistemas e o seu trabalho?

A relação é positiva, não atrapalha, agrega; tenho, inclusive, outro trabalho e isso não atrapalha no futebol.

Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?

Impacta de forma positiva, boa demais.

Como é sua relação com a federação à qual você pertence?

Ah, a relação é muito ruim; a federação não se engaja quando falamos de mulheres, deixa muito a desejar, sem incentivo, vejo favorecimento aos clubes mais fortes em relações e termos políticos: enfim, é muito ruim.

Houve mudanças ao longo do tempo?

Não, acho que ficou pior do que quando eu era jogadora. Aqui, a federação é muito ruim, não melhora, não é leal, inclusive são tendenciosos a pessoas e equipes próximas deles.

Você acredita que os órgãos competentes, como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol?

Não incentivam. Eu, como treinadora, nunca tive incentivo de nada, a gente passa despercebido aqui em Brasília, tem eu e mais uma que chegou agora, mas não tem incentivo, total descaso.

Como elas impactam/impactaram na sua carreira?

Na verdade, tem dois tipos de impacto, tanto faz como fez, porque não estou nem aí para elas e busco meus sonhos e objetivos por mim; se depender desses órgãos, não tem apoio; então, vou só atrás disso.

Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?

A estrutura não tem ainda da forma como deveria ter, está engatinhando para isso um futuro promissor, mas tem ainda muita dificuldade para a mulher em si, vivências, informações que trocamos entre nós, treinadoras. Deveria dar mais apoio, mais assistência; tem treinadoras que não tem dinheiro, condições para se aperfeiçoar, melhorar, crescer. As licenças da CBF são caras e tem muito poucas treinadoras que conseguem ter.

Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

Elas (CBF, CONMEBOL, FIFA) interferem no crescimento da modalidade e, principalmente, da carreira, sempre fazendo do jeito delas, não deixando evoluir, sem ouvir os clubes, as treinadoras, sem saber o que acontece de fato dentro do futebol feminino; principalmente, sem nos dar voz.

Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres?

Certeza que impactam, não tenho dúvida disso. Algumas coisas que presenciei mostram que principalmente a CBF interfere, faz do jeito dela.

O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?

Elas não interferem na questão da carreira; eu coloquei isso na minha cabeça e elas não vão me atrapalhar nesse objetivo, assim que penso. Tá no meu sangue.

Como foi o início da sua participação no esporte?

Comecei na escola e fazia tudo, no período oposto da aula, e eu participava de vôlei, basquete, handebol, tudo que aparecia; o futebol era escondido, da família principalmente.

Como ingressou na carreira de treinadora?

Eu jogava futebol e na faculdade, em conversa com uma amiga Rebeca Gusmão, ela me chamou e falou que eu tinha talento para jogadora, para treinadora principalmente pelo menos eu acho. Daí, fiquei com aquilo na cabeça e aí resolvi abrir uma escolinha. Foi assim que comecei.

Como foi se tornar uma treinadora?

Ser treinadora foi sentir que estava fazendo algo que estava dando certo, foi maravilhoso porque tenho amor a isso, simplesmente assim, amor.

Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou?

A facilidade foi minha dinâmica, facilidade de lidar com as situações adversas, e aqui tem muitas assim, como as dificuldades que tem também, principalmente pela falta de apoio da sociedade em relação à modalidade.

Você teve oportunidades em outras áreas?

Sim, tive. Fui segurança de fórum, conciliava as duas profissões.

Por que decidiu especificamente pelo futebol?

Porque o ato de treinar me mostra que posso ser diferente, tenho amor a isso, zelo pelo que faço ao futebol.

Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?

Sendo sincera, minha família sempre soube do meu desejo de estar no futebol mas, no começo, não apoiavam em nada; nem os amigos. Acho que de tanto eu insistir e mostrar que não mudaria o rumo das coisas e do meu desejo, eles passaram a ver com outro olhar, até com apoio.

Como enfrentou os desafios do contexto do futebol?

Nossa, às vezes a gente sofre até assédio também, ou você cede ou você dá tchau; eu nunca cedi a isso, já vi amigas, já passei por isso e para mim a questão do assédio é muito grande. Muitas vezes portas se abrem por ceder a assédio, mas eu não sou assim.

O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil?

Um sonho, uma busca constante; às vezes choro e acho que não vou conseguir prosseguir, mas vem uma força maior de vontade dentro de mim e fico aqui buscando e acreditando que a carreira vai ser vista.

Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira?

Mesmo com tudo isso, com essas sensações, eu me sinto lisonjeada de estar no futebol e me preparo para novas oportunidades sempre estudando, porque é assim que vamos conseguir fazer com que as oportunidades apareçam, além de Deus no meu caminho porque só Ele para fazer milagres, e tem feito por mim.

Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você?

Eu acho que o que favorece é a questão de eu ser observadora, olhar analítico, coloco máximo de dados possíveis no papel; e a desenvoltura com a equipe. E, às vezes, o que pode ser desfavorável é falar abertamente; talvez no futebol as pessoas não entendam isso.

Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?

Ah, eu sou muito emotiva, choro, passo alegria e isso às vezes pode prejudicar as atletas, assim como pode ajudar.

As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual?

Não. Lá atrás eu imaginei uma coisa e hoje penso mais; lá atrás já pensei em desistir e hoje não penso nisso, me motivo para crescer.

Existe algo que a faça ou a fez pensar em desistir da carreira?

Já pensei em desistir da carreira quando me deparei com os altos custos das licenças da CBF e a falta de oportunidade de poder realizar os cursos; às vezes dá vontade de jogar tudo para o alto, mas passa logo porque na verdade eu gosto muito disso, do futebol e da minha carreira.

O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira?

Na verdade, eu me inspiro nas jogadoras, atletas que atuo, que me apoiam e isso me faz permanecer sempre.

As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Sim, porque acho que levo jeito para isso, o ser treinadora; porém às vezes vem uma vontade de jogar tudo para o alto, mas passa logo, na verdade eu gosto disso.

E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Apesar das dificuldades que passei no clube, acho que elas mais me ajudaram, porque era o que os outros faziam comigo, mas isso me fortaleceu, me fez crer e me fez alavancar na carreira.

O que significa o futebol para você?

Ah, o futebol é amor, é uma coisa sensacional, não tem explicação, une povos, raças, torcidas, é amor, e minha vida, é isso que posso falar dele.

O que significa a carreira de treinadora para você?

A carreira não é fácil, não. Ser treinadora é um caminho árduo, não é para qualquer um que tem essa facilidade de treinar; mas se você plantar bons frutos, você vai colher, os perseverantes vão alcançar a vitória. É o meu caso.

T3

Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol em uma ordem cronológica.

Eu prestei vestibular cedo; jogava futebol e, na sequência que entrei na faculdade, abriu oportunidade de estágio na escolinha de futebol feminino do SCII. Então, foi assim. Eu tinha 19 anos. Primeiro contato com a parte técnica foi no início da faculdade, oportunidade de aprendizado mesmo, e desde então fui aumentando gradativamente a minha interatividade com as turmas, comandando várias turmas. Meu primeiro contato foi com meninas em formação, mas sempre me dediquei a projetos e escolinhas femininas e a transição foi natural. Fiquei 9 anos no clube de estagiária a treinadora, quando em 2004 o futebol feminino se encerrou no estado e a CBF encerrou os brasileiros de seleção, não tinha campeonato para jogar. Busquei daí outras oportunidades: fui treinadora da Ulbra com o futsal universitário, fui treinadora de futebol 7. Depois, abri projeto feminino no

GFPA, fiz o curso de treinadora pelo sindicato dos atletas no Rio Grande do Sul e, em 2009, no GFPA, base, formação e isso me desafiou, porque nunca tive uma treinadora, mas me sentia capaz de fazer isso e fui buscar. Fiquei no GFPA por 5 anos, que não tinha o departamento feminino aberto. Em 2011, para jogar a Copa do Brasil, fiz parceria com a Ulbra e, assim, disputamos o campeonato. Em 2013 fui para os Estados Unidos ensinar o futebol brasileiro para os americanos; fiquei até 2015, sempre no feminino e na volta, com a evolução do futebol feminino, as categorias de base começaram a surgir. Enviei, pelo GFPA, muitas atletas à Seleção. Em 2016, de férias no Brasil, fui fazer a licença B da CBF; eu era a única mulher no curso. Em março recebi o convite para assumir a assistência da seleção brasileira de base sub 17 no Mundial da Jordânia. No final do 2016 fui para o SCI, que reabriu o departamento de futebol feminino, daí a obrigatoriedade por ter as equipes femininas, então as equipes foram se readequando para 2019 e voltei ao SCI como treinadora da categoria adulta. Fiquei dois anos e recebi, em 2019, o convite da FE, onde permaneço; fiz a Licença A.

Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou?

Nos clubes, as relações sempre foram transparentes, mas, poxa, toda hora você tem que provar mais que todos que seu trabalho e conhecimento são eficientes. Sempre ter que comprovar a tua qualidade e competência, ter que passar por cima da desconfiança, até e principalmente por eu ser mulher.

Como era/é sua relação com os atletas?

A relação com as atletas sempre foi fantástica, nunca tive problemas; elas têm confiança e se entregam, é o sonho delas nas minhas mãos.

E com sua comissão técnica?

Com a comissão técnica, em anos é a primeira vez que consigo montar a minha própria, então essa relação é a melhor possível.

Que condições você tinha/tem para trabalhar?

Foram várias etapas, faltava força política, apoio e estrutura financeira. Depois, em outro clube, já foi mais profissional, mais dentro do futebol; e hoje é mais profissional ainda: carteira assinada para as atletas, uso do mesmo estádio que o masculino, coisas boas mesmo. Já foi difícil e hoje está bem melhor.

Você já mudou de clube?

Sim.

Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube?

Mudei de clube e foi por ascensão, por transição profissional, por reconhecimento de um bom trabalho.

Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento?

Sim.

Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.

A gente sabe quando te dão ouvidos, quando você tem respeito; desconfiança sempre teve, mas nunca perdi oportunidades por ser mulher, mas você tem que se posicionar porque, senão, sempre vem o preconceito, o constrangimento, principalmente pelo fato de ser mulher no futebol. Você ganha respeito e para de passar ou minimiza essas situações também de acordo com teus resultados nesta cultura que vivemos.

Quais eram ou são os outros microssistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola etc.?

Família, amigos, estudos.

Como é a relação entre esses microssistemas e o seu trabalho?

Sempre procurei estar próxima; a gente não tem vida social, mas procuro ter essa vida social que falo quando tenho tempo; faço outras coisas, meditação, grupo de corrida, outras distrações, amigos e assim poder falar da carreira e do futebol, isso dá visibilidade, pois muitas pessoas nem sabem que a modalidade existe.

Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?

Eu recebo impactos e sinto que são positivos quando falo dessa relação, pois a temporada passada foi de muita pressão e estar com eles me alivia. Outra coisa, eu procuro ter vida social e poder assim levar o que é ser uma treinadora e o que é o futebol feminino para as pessoas que não vivem isso comigo diariamente.

Como é sua relação com a federação à qual você pertence?

A Federação Paulista é mais ativa; com a chegada de A., temos oportunidade de voz e com a demanda de cima para baixo, vinda de outros órgãos superiores, teve que pensar na melhora.

Houve mudanças ao longo do tempo?

Ah, com certeza! O futebol feminino sempre foi desenvolvido pela obrigação, mas nunca com a mesma seriedade, dedicação como nas categorias masculinas; evoluiu e isso acontece a partir do momento que dentro das federações é criado o departamento feminino. Mas é uma luta muito grande ter pessoas que pensem o futebol feminino, as mulheres dentro das federações. Com a demanda de cima para baixo, teve que pensar na melhora.

Você acredita que os órgãos competentes como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol?

Poderia ser melhor. A mulher ganha menos que os homens, e isso acontece no futebol também e, em um patamar de Brasil, culturalmente, o feminino não tem a mesma valorização que o masculino; mas, no sentido das qualificações que se pudesse pensar numa maneira especial, bolsas para os cursos então você dispõe de 6 a 24 mil cada licença e no feminino isso é distante e para incentivar mulheres.

Como elas impactam/impactaram na sua carreira?

A qualidade dos cursos que recebo, das licenças, impactam positivamente no crescimento pessoal, que levo de encontro para meu grupo, para meu trabalho. Pessoas que têm o poder de transformação, podendo nesses encontros impactar positivamente a troca, experiência agregada. O encontro com a elite masculina, adquirir conhecimento desta elite, isso impacta positivamente.

Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?

Vejo bem desequilibrada; onde posso, indico mulheres para as comissões.

Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

Não vou ser tão pessimista; eu acho que já existe um incentivo nesse papel e, claro, poderia ser melhor. A CBF Academy tem as licenças para serem feitas, mas a realidade financeira da mulher é muito diferente na carreira, isso é cultural no Brasil, não temos as mesmas qualificações, valorização e o incentivo acontecem quando você começa oferecendo possibilidades dessa participação, acesso facilitado. Precisa de muita perseverança dentro de um cenário que é masculino. No Brasil, como falei, vejo uma estrutura desequilibrada de oportunidades. Precisamos equalizar isso. A FIFA tem feito um movimento muito grande, e a Copa do Mundo mostra aonde isso pode chegar: cobrando a representante feminina na Copa do Mundo de ter mulher em todos os setores, lembramos que ela está mandando um recado de cima para baixo.

Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres?

Elas impactam positivamente quando sugerem ou até impõem as melhorias, buscando a visibilidade do futebol feminino e até em relação as treinadoras e negativamente quando ocorre o descaso, a falta de visibilidade.

O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?

Sou privilegiada na minha trajetória; passei por muita dificuldade, mas sempre tive apoio. Vim de faculdade particular, tive condições de pagar as licenças, fui buscar, fui atrás. A interferência delas não é direta porque sempre tive claro o que queria, porém interferem quando abro mão de algumas coisas para me preparar nos cursos que são caros e não há incentivo. Mas, mesmo assim, vou para licença pró.

Como foi o início da sua participação no esporte?

Eu gostava muito de esporte, todos, mas gostava mais do futebol e, na época, o futebol era só para meninos, e eu ficava no esporte “de meninas”, digamos assim. Mas depois eu ia jogar o futebol porque adorava e assim fui me encontrando na modalidade, me tornando atleta profissional e, posteriormente, ingressando na faculdade de Educação Física, sendo estagiária de futebol e indo trabalhar nas categorias de base do Inter.

Como ingressou na carreira de treinadora?

Ingressando na faculdade de Educação Física, sendo estagiária de futebol e indo trabalhar nas categorias de base do SCI.

Como foi se tornar uma treinadora?

Às vezes, a gente não consegue perceber, mas um dos momentos foi quando você é atleta e entra na faculdade e no teu estágio chega uma criança e te chama de “professora”, daí você pensa, “é comigo?” E ser treinadora é subir o patamar da categoria de base onde às vezes você tem uma exigência diferente e ser a responsável pela tua comissão técnica, onde envolve resultado, onde tua responsabilidade aumenta. Tomada de decisão e responsabilidade por um contexto muito amplo o qual eu represento.

Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou?

Facilitador foi ter sido atleta de alto rendimento dentro do futebol, porque passei pelas competições que disputo hoje como atleta; então, vivi a rotina, o que às vezes encurta o caminho, sem vivência talvez não teria tomada de decisão tão rápida. Dificuldade eu vejo na importância da qualificação teórica e os custos são altos para se investir na carreira. Quanto mais conseguir facilitar para mulheres essa qualificação, melhor seria.

Você teve oportunidades em outras áreas?

Sim! (risos) Quando estava terminando a faculdade e o SCI encerrou as atividades, eu, como atleta e professora da escolinha, falei “o que vou fazer da minha vida”. Uma amiga me ofereceu uma vaga de promotora de vendas na empresa onde ela trabalhava. Fui até lá e minha experiência era ser atleta, mas falei que queria aprender, que era só me ensinar; e daí fui ser promotora de vendas por um período. Pedi demissão e voltei para o futebol.

Por que decidiu especificamente pelo futebol?

Porque amo futebol e não me via fazendo outra coisa.

Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?

Ah, naturalmente, porque sempre fui líder de turma, agitava festa na escola, em casa e as pessoas vão te vendo assim como referência daquilo que você quer fazer.

Como enfrentou os desafios do contexto do futebol?

Eu tenho comigo que a vida é feita de desafios e digo para as meninas, para a comissão, que o “não” a gente já tem, então preciso levar o novo e saber se vai dar certo ou não. Os problemas vêm trazer algum aprendizado. Ser sempre positiva, ver o lado positivo das coisas.

O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil?

A competição, a sensação da competição, me move, os desafios me movem, coloco metas, propósito. Crio desafios na minha carreira e tento levar isso, esse estilo, para o meu grupo, isso me faz permanecer, a motivação, criar desafios e alcançá-los.

Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira?

As oportunidades vão em contrapartida dos resultados, o futebol é competitivo, de resultados. Como treinadora, vejo que não pode ser só no placar o resultado positivo e sim na construção de um todo, mas não é assim que os dirigentes enxergam.

Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você?

O que me favorece muito é o feeling para leitura de jogo, alterações táticas do jogo e emocionais também, quando percebo que a atleta sente algo na partida. Sou muito prática para essas tomadas de decisão no momento de pressão.

Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?

Em termos psicológicos sou muito intensa e tenho certeza de que transmito isso às atletas, assim como tenho situações que me prejudicam, que tenho até trabalhado isso nas minhas mentorias: é que sou muito intempestiva e transmito isso às atletas, isso prejudica demais.

As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual?

Sou muito satisfeita com minha trajetória, e a maneira como pensei foi acontecendo, foi fluindo, e tudo dando certo, me impulsionando, fui pensando e vivendo isso. O título brasileiro veio antes do que eu esperava, então isso não pensei que fosse acontecer agora, mas tudo sempre dentro das expectativas que criei.

Existe algo que a faça ou a fez pensar em desistir da carreira?

Eu jamais pensei em desistir.

O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira?

A E. é uma referência para mim como treinadora, eu quero fazer o que ela faz, é uma pessoa que me incentiva a estar aqui fazendo o que eu faço e gosto.

As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Eu acho que é de cada um. Desistir do futebol, desistir de ser treinadora por dificuldades não passa pela minha cabeça; vejo uma cobrança diferente e vou buscar respostas para isso. O futebol é um organismo vivo em constante evolução, isso sempre vai me dar motivos para dar um passo a mais, para frente.

E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Eu diria que se tu levar em consideração o que falam a todo momento, tu não volta a campo. A vida do treinador é um perde e ganha, tu oscilas; se tu levar em consideração o que os outros pensam e onde tu podes chegar, com certeza é desmotivante, mas a gente tem que saber filtrar.

O que significa o futebol para você?

Minha vida, futebol é o carro chefe da minha vida, ele entrelaça minha vida pessoal com a profissional, faço o que eu amo. Sou tão envolvida que levo para a minha vida pessoal, se estou de folga vou assistir futebol, vou ao estádio, sou tão apaixonada que, quando vejo, até na meditação estou falando de futebol.

O que significa a carreira de treinadora para você?

A carreira, para mim, significa ser referência, podendo participar da realização do sonho de outras meninas; eu consigo influenciar positivamente e isso me dá uma satisfação muito grande.

T4

Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol em uma ordem cronológica.

Atuei como atleta até 2013 e recebi o convite da Grazi, da Prefeitura de São C. e ela tinha um bom contato com clube do São C. e me chamou para atuar como treinadora do Sub 20. O adulto que eu jogava se desfez e iniciou o sub 20, onde comecei, e em 2014 ela me convidou para o adulto, apesar da pouca experiência na época. O projeto durou somente um ano e, em 2016, fui fazer o curso do Sindicato dos Treinadores com somente 3 mulheres de 100 pessoas. Os Paquistaneses que lá estavam acharam bravo ter mulheres fazendo o curso de treinadora de futebol. Em 2017 fui para a Nt., trabalhar com intercâmbio de atletas; fui treinar as equipes para lapidar atletas e mandar para fora. A metodologia de trabalho na Nt. é muito ampla, não segmentado como é o futebol. Atuei com masculino e feminino, levando o feminino para a Disney Cup e fomos terceiras colocadas com sub 17 de equipes do mundo todo. De 40 treinadoras na empresa, sou a segunda melhor. Passei também no ano seguinte, 2018, a ser coordenadora de outra unidade da empresa além de treinadoras, gerindo homens no campo. Parece complicado, mas me sinto muito à vontade fazendo isso. Agora, em 2020, comecei conversas para o profissional feminino, mas, por conta da pandemia, está parado.

Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou?

Os ambientes sempre foram bons e positivos; dificuldades de material no SC, de local, mas o ambiente era bom, eu estava começando. Hoje, eu tenho um ambiente muito favorável para atuar.

Como era/é sua relação com os atletas?

Tanto com os atletas do masculino, como no feminino, a relação sempre é de muita amizade, coleguismo e respeito, mas, principalmente, sempre muito boa.

E com sua comissão técnica?

Com a minha comissão técnica, teve um primeiro momento de eu perceber que a comissão, que já estava formada, levou um susto de ver uma mulher no comando principal da equipe, uma treinadora de futebol, mas depois foi tranquilo.

Que condições você tinha/tem para trabalhar?

Na Nt., por ser privada, a gente precisa adquirir espaço; trabalhamos campo na quadra de fut 7, a empresa aluga os espaços e tenta, assim, alugar o melhor possível, não dependemos de patrocínio. Material, tudo tranquilo. Já em SC, que era da prefeitura, tudo é muito complicado, sem espaço adequado, falta de material, campos que você não podia usar chuteiras adequadas e depois fomos para outro local no meio de uma comunidade, fugindo também de um ambiente mais profissional. Material muitas vezes meu, mais complicado.

Você já mudou de clube?

Sim.

Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube?

Mudei de clube uma vez e foi por melhorias. Eu nunca abracei qualquer coisa, as mudanças que abracei eu percebi primeiro se eram coerentes para mim.

Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento?

Sim, mas acho que fui privilegiada de não sofrer muito com isso.

Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.

Já passei por várias situações dentro do futebol, inclusive e principalmente de respeito, constrangimento e tal e quando cheguei para treinar uma equipe masculina e os atletas fizeram piadinhas até saberem que eu era ex-jogadora da Seleção Brasileira e me olharem de outra forma, com respeito. Até porque a minha história é de respeito porque eu já estive como atleta na Seleção Brasileira e os meninos sabem disso.

Quais eram ou são os outros microssistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola etc.?

Eu tenho tentado ser mais presente com a minha família, principalmente; perdi vários casamentos, aniversários, eventos, inclusive quando eu era atleta e agora, como treinadora, só piorou. É uma relação muito difícil porque sou cobrada para estar mais presente.

Como é a relação entre esses microssistemas e o seu trabalho?

Para mim, essa relação, quando acontece, é muito tranquila.

Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?

Não impacta. Como falei, tento fazer o melhor, unir os dois, mas não tem impacto, não.

Como é sua relação com a federação à qual você pertence?

Hoje a relação é muito melhor. A. tem uma visão maravilhosa, fazendo uma gestão com mais empatia à mulher. Então, a federação até melhorou por conta dela.

Houve mudanças ao longo do tempo?

Com a A., no feminino sim. Masculino, não.

Você acredita que os órgãos competentes como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol?

A Conmebol exigiu mulher nas comissões, mas não treinadoras, então eles contratam médicas, fisioterapeutas, psicólogas, mas a treinadora, não. Então, não incentivam essa carreira a partir do momento que não são regras claras. Olha! tem que ser treinadora na comissão, tem que ser auxiliar, ou seja, ligado diretamente à carreira de treinadora, para mim não há incentivo algum.

Como elas impactam/impactaram na sua carreira?

Olha, se eu não me preparar, se eu não tiver competência, o impacto pode ser maior. Então, antes de eu pensar que esses órgãos não me dão oportunidade, eu preciso me preparar para, aí sim, poder ter a certeza de impactar ou não. Tenho que estar pronta e escolher onde quero estar e não porque a Conmebol quer mulher de treinadora. Eu quero ser escolhida pela competência não pela imposição de órgãos em ter mulher lá. Mas sei que seremos questionadas pelo fato de ser mulher.

Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?

As treinadoras que conheço, elas estudam absurdamente, não têm uma que conheço que não tenha se preparado. Se preparam muito, talvez não da forma planejada, mas ainda falta muito; as mulheres vão agora para a carreira por obrigação e vai ter gente convidando mulher para assumir no susto: “Olha, preciso de uma treinadora ou auxiliar você não quer ir lá?” Então, ainda falta em estrutura para a nossa carreira.

Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

Em questão de cursos, tem oferecido coisas bem bacanas, caras, mas importantes. Mas no mercado, a inserção elas não ajudam; poderiam oferecer os estágios para observar essas mulheres atuando. A relação,

principalmente da CBF, vem da imposição e isso não é bom, ajuda mas não é bom. A gente faz o curso, mas ninguém te vê: fez e tchau.

Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres?

Eu acho que de forma efetiva não, muito genérico, nada publicamente de ter que ter mulheres, investimento. Mas acho que elas não impactam.

O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?

Olha, nunca parei para pensar efetivamente nisso, mas, provavelmente, sim, o fato de ter pessoas competentes e elas não poderem estar lá. As coisas têm acontecido de forma informal, fora essas instituições, muitas treinadoras trabalhando em vários e ótimos lugares, mas que esses órgãos não divulgam.

Como foi o início da sua participação no esporte?

Meu pai sempre fez questão de que praticássemos algum esporte em casa: me colocou na natação, no ballet, até que um dia me viu chutando uma bola na parede e me levou para a escolinha junto com os meninos mesmo. Ele deve ter pensado que eu tinha talento.

Como ingressou na carreira de treinadora?

Me tornei atleta de futebol e, logo em seguida, após parar, fui convidada a treinar as equipes de base e adulta da cidade que eu morava.

Como foi se tornar uma treinadora?

Ao mesmo tempo que parecia um nível que eu já sentia que eu tinha, porque fui capitã das equipes que passei, então já tinha essa liderança. No início, senti que tudo parecia igual, só que do lado de fora do campo e sem chuteiras, percebi o quão era natural, fui me aprimorando... Quando tive que cortar uma atleta, eu percebi que não estava mais de chuteira e aí a ficha caiu, as problemáticas para resolver, e hoje estou bem confortável.

Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou?

Tenho facilidades pelo fato de eu estar inserida no futebol desde sempre e saber como tudo funciona aqui dentro da modalidade; e tenho dificuldades também, pois estar inserida aqui faz com que eu tenha a todo instante que mostrar que, como mulher, eu também posso desfrutar da carreira.

Você teve oportunidades em outras áreas?

Sim, na área da educação física, professora, personal.

Por que decidiu especificamente pelo futebol?

Futebol foi minha vida, meu amor desde sempre, meu maior prazer é nesse caminho que estou inserida, já tive outras oportunidades, mas gosto daqui, amo aqui.

Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?

Eu nunca tive problemas com isso. Meu pai sempre foi um incentivador; minha mãe, inicialmente, não me queria no futebol, mas isso não influenciou em nada; os amigos sempre me viram no futebol e de forma natural. Tudo isso sempre me gerou influências positivas para estar aqui.

Como enfrentou os desafios do contexto do futebol?

Os desafios acontecem a todo momento, mas eu penso e enxergo como posso melhorar; o tanto que gosto de fazer o que faço; eu penso que nada pode ser maior que isso, então vou lá, enfrento e supero.

O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil?

Eu preciso de segurança. Onde me sinto segura eu consigo me realizar, ter autonomia, então essa longevidade no futebol e o gostar me faz permanecer, determinação e alcançar o que quero; a possível melhoria do futebol feminino no Brasil me dá uma vontade enorme de permanecer atuando e enfrentando tudo o que aparece.

Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira?

Boas, afinal a possível melhoria do futebol feminino me traz essa vontade de permanecer e ir para clubes da série A do Brasil. Como falei, uma luz no fim do túnel.

Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você?

A leitura de jogo que tenho, de como encarar o adversário, é uma virtude. Fui zagueira e via todo o jogo de trás, tanto é que não gosto de ficar na lateral do campo, mas essa leitura me facilita muito. Quanto a características prejudiciais, eu demoro para fazer trocas porque acredito sempre no ser humano, que ele vai melhorar, vai render, e perco tempo às vezes.

Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?

O fato de ter a cabeça louca, digamos, as reações intempestivas; isso me consome. E o que me favorece é a liderança que passo e já tinha quando atleta.

As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual?

Eu achei que fosse tudo mais natural, mas eu ingressei como treinadora e foi desta forma que imaginei que fosse acontecer, criei as expectativas e não me arrependo de ter trilhado e seguido por esse caminho.

Existe algo que a faça ou a fez pensar em desistir da carreira?

Não! E olha que eu já senti pressão de dirigentes para largar tudo, principalmente no começo, mas superei e estou aqui, e se precisar eu me reinvento.

O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira?

Eu tenho possibilidades que me inspiram e meu pai é meu exemplo, meu torcedor e minha motivação diária em relação à carreira. A. também é minha inspiração no momento, ela é transpiração, inspiração, simplicidade e de uma competência absurda. C. também me inspirou: com trinta anos de carreira, conseguiu ter essa longevidade no futebol, isso me inspira, me motiva estar aqui.

As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Uma vez escolhi ficar dirigindo uma equipe que não andava, a coisa não saía; fiz de tudo, mas não fluía. Daí pensei: “nossa, eu não sirvo! Tchau.” Mas pensei que não eram só eles, eu também comecei a perceber que aquela equipe não precisava de gritos e apontamentos, eles precisavam de motivação. Foi só nessa vez que pensei no abandono. Mas permaneci porque também mudei de postura, vi que eu também precisava mudar, me reinventar.

E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Não, não interferiu ainda, nem no abandono e nem na permanência; senti uma pressão quando comecei em 2014, eu mesma me cobrei se daria conta, até pelos outros falarem que eu tinha o perfil de treinadora. Mais motivador do que me frear.

O que significa o futebol para você?

Nossa, eu poderia falar coisas, mas simplesmente é minha vida. Vejo jogo o dia todo, em qualquer lugar, notícias, comentários, então assim é o dia inteiro. Deixar de estar fazendo coisas relacionadas ao futebol eu nunca vou deixar.

O que significa a carreira de treinadora para você?

Um desafio diário, muitos até parecidos de quando eu era atleta, porém muito mais complexo do que eu poderia imaginar; é entender o futebol como um todo, é entender a pessoa.

T5**Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol em uma ordem cronológica.**

Então, eu parei de jogar e tive problemas de depressão, e daí fui convidada pelo clube S. para ser treinadora, eles acharam interessante eu poder continuar no esporte. Avaliaram meu curriculum e o um dirigente, ex-jogador, me contratou para a base e o principal feminino.

Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou?

No começo muito tranquilo. Fiquei um pouco com o pé atrás porque tinha uma moça que chegou como fisioterapeuta, mas as pessoas a tratavam com desdém e a mim também, porém menos porque viram que quem me levou foi esse ex-jogador, até que não sossegaram enquanto a fisioterapeuta não foi embora e a comissão técnica era toda de homens. Logo na sequência queria fazer a mesma coisa, mas trabalhei, fui campeã e prossegui.

Como era/é sua relação com os atletas?

Com as atletas era a melhor possível, respeito que todas tinham por mim, tanto base quanto principal; nesse time tinham muitas jogadoras que jogamos juntas, mas sempre muito respeito. Era muito bom com elas, sempre.

E com sua comissão técnica?

Com a comissão técnica a relação sempre foi difícil, muito fechado; eles se fechavam entre eles e me excluía: difícil a convivência assim, talvez pelo fato de eu ser mulher e eles terem medo de eu pegar o lugar deles.

Que condições você tinha/tem para trabalhar?

Trabalhei três anos no S. e lá as condições eram muito boas, apesar de ser bem menor do que o masculino, inclusive da base, mas era boa em termos de dependências, materiais.

Você já mudou de clube?

Como treinadora, não.

Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube?

Não mudou.

Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento?

Sim, como treinadora.

Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.

Pela história que tenho no futebol, de muitos anos como atleta e de alto nível, não deveriam, mas eles (os homens dirigentes) sempre agiram com preconceito para cima de mim, com palavras e conotações machistas; na verdade, era o medo deles de eu tomar o lugar, assim como tomei.

Quais eram ou são os outros microsistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola etc.?

Então, eu até conseguia porque sou muito caseira, sempre trabalho em casa, mas às vezes é cansativo porque temos poucas folgas, mas quando dava eu estava em casa.

Como é a relação entre esses microsistemas e o seu trabalho?

A relação é complicada porque temos poucas folgas e, quando tenho, procuro realizar cursos de aperfeiçoamento para me aprimorar e evoluir, além, claro, de achar um espaço para minha família, mas isso é cansativo, ter que achar espaço e encaixar tudo.

Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?

Não como treinadora, porque procurei usar a família como apoio.

Como é sua relação com a federação à qual você pertence?

A relação é boa por conta de A. estar lá e ter ela a frente do departamento só feminino, então a mudança já foi muito boa.

Houve mudanças ao longo do tempo?

Com certeza! Só em ter um calendário para as categorias e ter a A. a frente dentro de um departamento só de futebol feminino já foi uma mudança muito boa.

Você acredita que os órgãos competentes como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol?

Acho que não, não tem incentivo grande porque às vezes parece que a CBF não quer que a modalidade cresça, que as mulheres treinadoras apareçam; ao mesmo tempo que ajuda ela vem e atrapalha.

Como elas impactam/impactaram na sua carreira?

Não impactaram porque fui atrás dos meus objetivos, sem precisar delas para ser treinadora.

Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?

Olha, dependendo de onde você estiver, do clube, da entidade, você vai ficar tranquila, precisam muito de apoio, sempre falta alguma coisa, às vezes você nem campo para treinar tem, você não pode usar o campo do CT porque é do masculino, não pode ter contato, então isso é difícil, é ridículo.

Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

Olha, a CBF melhorou um pouco e acho que a FIFA também; tem que caminhar juntas, esses departamentos, as equipes femininas. Mas falta muito, elas não apoiam, fingem que não existimos.

Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres?

Ah, no sentido de interferir fazendo crescer a modalidade ou não, elas têm o poder de fazer o futebol ser grande, crescer ou sumir.

O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?

Acho que não interferem, até porque já estão aí os clubes para tratarem com as treinadoras, mas a licença é muito cara da CBF, para ser treinadora é um absurdo essa licença que logo menos será obrigatória.

Como foi o início da sua participação no esporte?

Eu, desde pequena, adorava o futebol, estava sempre com meus irmãos jogando no meio dos meninos, comecei direto com a bola nos pés, depois fui para Brasília fazer teste em uma equipe, passei e comecei a carreira de atleta.

Como ingressou na carreira de treinadora?

Fui convidada logo que parei de jogar no S. Quando parei de jogar fui convidada a ser treinadora logo em seguida e foi o que aconteceu, fui direto para categorias de base ser treinadora.

Como foi se tornar uma treinadora?

Eu me vi com os problemas da depressão por parar de jogar, não queria sair do futebol e daí optei por ficar lá e ser treinadora; gosto e quero me aprofundar mais ainda na profissão.

Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou?

Facilidades foi o fato de ter sido ex-atleta e já estar no clube, joguei a vida inteira. Dificultou o fato de sofrer o preconceito como mulher e ter uma comissão técnica somente de homens.

Você teve oportunidades em outras áreas?

Não, eu só sei futebol.

Por que decidiu especificamente pelo futebol?

Pelo gosto, porque amo demais, é minha vida e vai continuar sendo: o futebol tá na veia.

Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?

Pelo meu marido, eu ainda estaria jogando; tive sempre um super apoio para estar no futebol, de pais, irmãos, amigos. Seja atleta ou treinadora como agora, são situações que me influenciam de forma muito boa.

Como enfrentou os desafios do contexto do futebol?

O maior desafio que tive foi engravidar e por todos os clubes que eu passava tinha que deixar a minha filha com alguém para prosseguir, isso sempre foi um desafio, mas com superação, venci.

O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil?

A minha vontade de continuar fazendo o que eu gosto e no meio do que eu gosto, o futebol; quero ajudar a melhorar o futebol feminino.

Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira?

Difícil. Você tem que querer, resistir e não desistir. Mesmo eu tendo sido atleta experiente e conceituada a nível de seleção, o treinar vai ser sempre um caminho árduo de persistência e superação.

Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você?

Pela minha vivência no futebol, eu consigo ver um pouco de tudo no campo, essa visão, ler o jogo. Não acredito em algo que me prejudicasse.

Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?

Ajudado no sentido de ser muito tranquila e prejudicado, não vejo.

As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual?

Expectativa a gente tem, sempre cria, sempre quero mais, porém às vezes no S. não dei conta então não foram as mesmas.

Existe algo que a faça ou a fez pensar em desistir da carreira?

Não, sem pensar nisso.

O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira?

Sim, continuo aqui firme com meu marido me incentivando, ele passou a vida inteira do meu lado me ajudando, me apoiando, como atleta e agora como treinadora, ele me inspira a seguir, me estimula.

As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Sim, na permanência, porque sei que sou boa no que faço, vou estudar mais, me dedicar mais, aprender mais; porém tenho certeza que posso permanecer porque sei ser treinadora.

E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Já pensei em abandonar por conta de outras pessoas, principalmente os homens, dirigentes do clube, eles não me deixavam trabalhar em paz, porque eu, com certeza, iria me sobressair, como de fato aconteceu e continuo aqui.

O que significa o futebol para você?

Minha vida! Só e tudo isso: minha vida, nada mais.

O que significa a carreira de treinadora para você?

Um aprendizado e um desafio onde quero cada dia crescer mais e a cada dia aprender mais para poder ajudar mais a modalidade e as mulheres.

T6

Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol em uma ordem cronológica.

Em 2008, fiz curso de treinadores no Rio Grande, do Sindicato dos Atletas; em 2014, parei de jogar e o futebol estava parado no Rio Grande e meu papel era movimentar o futebol feminino aqui. Daí, resolvi montar uma equipe em Ca.; as atletas trabalhavam fora e treinavam. Aí fui para disputa do gaúcho com ajuda, rifa e parceria com o clube da cidade; disputamos e fomos campeãs. Foi a primeira experiência como treinadora, foi o 11 Us., clube amador da cidade. Posteriormente, em 2015 recebi o convite da D. de ir para o Cas. e ela acreditou e me abriu as portas. A primeira coisa que a gente precisa é alguém que acredite no nosso potencial e nos dê oportunidade. Daí recebi o convite da Associação G. de montar a Seleção G. de Futebol para disputar o brasileiro e comandi a equipe em 2017, parceria feita com o Go., e com muitas dificuldades, com treinos somente três vezes por semana, à noite, porque todas trabalhavam durante o dia. Em 2018, fui ser auxiliar uma treinadora no SCI e em 2019 fui para o GFPA como treinadora principal e permaneço.

Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou?

O ambiente está mais profissional, porém com dificuldades como as categorias femininas, distante do ideal e ainda ter que lidar com a desconfiança da sua competência, o julgamento do teu trabalho, principalmente por parte dos dirigentes homens quando você é mulher dentro do futebol.

Como era/é sua relação com os atletas?

Procuro com elas (atletas) uma relação mais próxima, é ótima; fui atleta e você tem que se colocar nessa situação. No feminino é diferente, elas são mais sensíveis e você tem que se colocar como amiga, entender a história de vida delas, acolher.

E com sua comissão técnica?

Ainda não tive a experiência de poder montar a minha comissão técnica; às vezes, índico, tento, acho isso muito importante para o andamento do trabalho mas, independente disso, a relação sempre foi boa. No clube que atuo os diretores preferem mulher trabalhando com as atletas.

Que condições você tinha/tem para trabalhar?

Hoje, tenho uma estrutura boa, profissional, porém já foi difícil, colocando dinheiro do bolso mesmo; está melhorando. Sei que não tenho a melhor estrutura para trabalhar, mas já está bem melhor.

Você já mudou de clube?

Sim.

Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube?

Já mudei de clube algumas vezes; essa mudança para mim se deu por ascensão, por estruturação dentro do futebol feminino, por melhores condições de trabalho e até por atletas.

Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento?

Sim.

Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.

Na minha carreira como atleta a gente ouvia: “hoje mudou bastante”. Hoje, o que a gente escuta e sente é: “será que ela tem capacidade para estar à frente da equipe, será que tem competência?” Esses são os constrangimentos que passo, a dúvida da minha competência, mas isso me torna mais forte. Essas falas sempre me deram força para permanecer forte e consistente.

Quais eram ou são os outros microsistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola, etc.?

Família e escola.

Como é a relação entre esses microsistemas e o seu trabalho?

A relação com outras pessoas e com outras situações é muito difícil porque demanda muito tempo para gente no treinamento e jogos, porém eu troco a vida social para ficar com a minha família. Quando você é protagonista, e para mim o papel do treinador é esse, você abdica de muita coisa, seu tempo fica escasso e as relações fora desse mundo, também.

Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?

Essa relação difícil que eu tenho do meu trabalho, da minha carreira com a família, os amigos, enfim, nunca me impactou, mas eu sinceramente gostaria de ter mais tempo com eles.

Como é sua relação com a federação à qual você pertence?

Acho que a Federação daqui poderia ajudar mais e se espelhar na de São Paulo, com departamento feminino; fazendo o que está fazendo, a nossa poderia intervir mais, ajudar mais nos clubes, mas não vejo ela tão empenhada em fazer isso.

Houve mudanças ao longo do tempo?

Acho que sim; o presidente mudou esse ano, foi muito tempo o mesmo presidente. Foram mudanças de ter o feminino e depois a federação acabar, sem ter mobilização e agora deu uma melhorada de novo. Mas tudo muito cheio de ganância, achando que não vale a pena investir no feminino, mas a posição da FIFA fez com que a federação engula algumas situações. Mas tem dado uma melhorada.

Você acredita que os órgãos competentes como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol?

Eu acredito que não, não vejo nada ser feito. Poderiam fazer mais ações para incentivar mais mulheres. O curso da CBF é supercaro e muitas mulheres que estão na transição poderiam ter mais oportunidades. Eles não ajudam e não incentivam o aparecimento delas.

Como elas impactam/impactaram na sua carreira?

Eu acho que sim, na maneira de poder nos auxiliar a capacitar, mas, no geral, não, porque as outras coisas sou eu, se quero ser treinadora consolidada, preciso ter minhas ambições pessoais e não ficar esperando por eles: federação, confederação.

Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?

A paixão que nos move e nos moveu por ser jogadora; acho que nunca foi interesse financeiro, foi mais em querer ajudar a modalidade, chegar no patamar que queremos. Ou seja, a estrutura não tem.

Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

A FIFA tem colocado regras para competições de ter mulher nas comissões; acredito que seja uma maneira de conscientizar os clubes e a CBF, de saber das mulheres lá dentro; não gostaria que fosse assim, mas, sem a obrigatoriedade, os clubes não fariam. Acredito que essas melhoras são pelas obrigações impostas.

Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres?

Principalmente quando são persistentes, a CBF e a FIFA estão forçando os clubes a participar, a se preparar para o desenvolvimento da modalidade e da carreira fazendo imposições e isso é um impacto positivo.

O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?

Eu acho que elas interferem de forma positiva a partir do momento que passam a exigir mais mulheres nas comissões; vai fazer com que os clubes se mexam e isso incentiva as treinadoras, me incentiva, mais mulheres engajadas para treinar equipes.

Como foi o início da sua participação no esporte?

Eu sempre gostei muito da educação física na escola, de esporte, sempre joguei de tudo... Na escola, eu jogava todos os outros esportes porque não tinha o futebol para menina... Minha mãe, de tanto eu insistir, me levou para uma peneira no Inter, passei e segui como atleta.

Como ingressou na carreira de treinadora?

Após eu parar de jogar, fui metendo as caras e pedi para fazer parceria em um clube no interior do Rio Grande; eles toparam e segui assim dirigindo a equipe.

Como foi se tornar uma treinadora?

Ser treinadora é uma coisa que eu nunca coloquei como objetivo, nunca sonhei, aconteceu naturalmente, até porque abdiquei de tanta coisa como atleta que não queria continuar isso, mas aconteceu.

Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou?

As dificuldades pela estrutura mínima que te dão e os questionamentos de acharem que você, como mulher, nunca está pronta para o futebol. E têm as facilidades que, para mim, foi de sempre encontrar dirigentes que me proporcionaram boas relações, assim como foi na vida de atleta.

Você teve oportunidades em outras áreas?

Sim, tive até oportunidades como jornalista.

Por que decidiu especificamente pelo futebol?

Pela vivência familiar, por ser um esporte tão masculino e de pouca abertura para as mulheres eu quis então enfrentar o desafio, de propósito.

Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?

Olha, por mais que no início não tinha equipe feminina para eu jogar, eu continuei, por apoio dos meus familiares e amigos, e eu fazia diferente das outras meninas, então, eles que insistiram para eu continuar e seguir, queria que eu insistisse e foi por eles que insisti, continuei na carreira de atleta e segui como treinadora por essa relação.

Como enfrentou os desafios do contexto do futebol?

Ah, devido a muita paixão, se não fosse isso, superar tudo que superei seria difícil, mas como era uma coisa que eu queria muito e o decorrer dos anos foi dando tudo certo, eu permaneci aqui.

O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil?

É louco, né? Tu passa por tantas coisas e entre elas a principal, que é o questionamento da tua competência. Mas acho que cheguei até aqui e permaneço porque sempre procurei ouvir as coisas boas, positivas, e é isso que me motiva a continuar na carreira.

Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira?

Acho que cada vez mais vai ficar competitivo, o futebol feminino vem crescendo, a visibilidade está um pouco maior e olhar esse crescimento é ver como uma oportunidade para mim. Por isso acho importante a CBF também colocar a obrigatoriedade de mulher dentro da comissão técnica, como faz a FIFA para competições internacionais.

Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você?

Procuro estudar bastante, focar nisso para poder ler também o jogo; todo treinador, se ele além dos treinos diários, ele não focar no adversário, visualizar além, ele não modifica o jogo. E me prejudica quando muitas vezes penso mais nos outros, mais nas atletas do que em mim.

Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?

Em termos psicológicos, eu sou muito calma, tranquila e isso me favorece; mas, olha só, as atletas pedem mais rispidez, talvez porque já foram treinadas por homens e a maioria deles é assim, na minha opinião, só que isso não consigo fazer e às vezes atrapalha.

As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual?

Já fui campeã g. três vezes, eu almejo coisas maiores; lá atrás, quando eu iniciei, eu já pensava em galgar isso, já me motivava nesse caminho que acontece agora. As minhas expectativas são muito reais e condizentes.

Existe algo que a faça ou a fez pensar em desistir da carreira?

Não existe nada que me faça pensar em desistir, por tudo o que eu vivi. Se acontecer, é somente por mim mesma, pela hora de parar, eu observar se tenho ou não um bom nível, mas nesse momento visualizo seguir porque tenho potencial e estou sempre buscando mais.

O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira?

Meu irmão é treinador profissional e isso também me favorece a continuar na profissão; ele é uma referência para ficar na carreira, temos semelhanças e me inspiro nele.

As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Olha, isso eu penso comigo mesma, observar se tenho um bom nível ou não a ponto de parar; mas eu, nesse momento, visualizo seguir, meu desempenho é para buscar, seguir na carreira porque tenho potencial e estou sempre buscando mais.

E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Quando a gente está à frente de um grande clube, os diretores, torcedores, podem me influenciar a desistir, principalmente se eu não obtiver os resultados esperados, vai acontecer questionamentos, então isso pode interferir na minha permanência, mas a gente tem que estar preparada para superar.

O que significa o futebol para você?

Olha, o futebol hoje posso dizer que é minha vida, são 23 anos dedicados a ele, é uma prioridade dentro da minha vida; difícil pensar na minha vida hoje sem estar envolvida com o futebol, principalmente o feminino.

O que significa a carreira de treinadora para você?

Uma carreira de muitos desafios, mas que não foi diferente da minha carreira de atleta, cada dia um desafio diferente. Claro que a responsabilidade é muito maior, tomar conta de todo um departamento, 27 jogadoras, você precisa persistir, principalmente como mulher, para poder fazer parte de tudo isso.

T7

Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol em uma ordem cronológica.

Fui estudar, em 2000, na UFSCAR e entrei para o mestrado e abriu concurso em TS para esportes e comecei a trabalhar nas escolinhas de esporte e recebi convite para a competição. Aceitei como preparadora física no masculino e recebi o convite para treinar a equipe feminina depois. Aceitei o desafio e encaixei nessa trajetória um projeto para a categoria. Criamos o adulto e a base do feminino. Hoje, isso é um dos maiores case do futebol feminino no Brasil.

Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou?

Num primeiro momento, aqui em TS, tem a questão política forte, então você tem que convencer que o trabalho é sério, sólido e idôneo e ter a participação política para se estruturar. Então, tudo é uma construção da gestão que está aí, de ter que mostrar o seu trabalho. Hoje, temos autonomia, na parte de estrutura boa, gostaria

de ter mais recurso, mas temos diálogo. O ambiente é desafiador: no começo, passei por situações de ouvir as pessoas dizendo “será que sabe mesmo?” A gente percebe os comentários de não acreditar na competência do teu trabalho, de ser mulher no comando, provar sua competência a todo instante. O fato, no fundo, é não aceitar as mulheres no comando com capacidade.

Como era/é sua relação com os atletas?

Hoje, a relação é profissional. Já foi uma relação amadora e foi um processo. Hoje, temos momentos de ambiente de confraternizações e tal, mas a relação é bem profissional e tranquila, deixando todas a par da importância que elas têm, do coletivo.

E com sua comissão técnica?

A comissão técnica é grande e já está junto a algum tempo e a maioria são mulheres e a relação é muito boa de entendimento, planejamento.

Que condições você tinha/tem para trabalhar?

Já sofremos muito, passamos por todas as etapas, desde time limitado até equipe campeã brasileira. Hoje, a gente tem uma estrutura melhor, uma valorização, tem alojamento custeado, alimentação, material, fisioterapia, fisiologia e a preocupação e ajuda as atletas além quadra, como parceria com faculdade para as atletas também, em formato de bolsa de estudo.

Você já mudou de clube?

Não, somente de categoria.

Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube?

Eu nunca mudei de clube, mas já mudei de categoria, da base para a adulta e já mudei de preparadora física a treinadora, mas sempre no mesmo clube e tudo isso foi por uma evolução profissional.

Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento?

Sim.

Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.

O maior constrangimento para mim, e inaceitável até, é o fato da equipe masculina da cidade torcer contra, os homens torcem contra, isso torna o ambiente hostil, atrapalha nosso desenvolvimento, atrapalha os treinamentos, não respeita. Os homens querem tomar conta e é nítida a sensação de machismo, resistência e hostilidade e acho isso um fator demais de constrangedor, até de preconceito mesmo.

Quais eram ou são os outros microssistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola, etc.?

Ambiente acadêmico, família, amigos, tudo muito pré-estabelecido, mas frequente.

Como é a relação entre esses microssistemas e o seu trabalho?

A família ou os amigos sempre perguntam se em tal data pode marcar o evento, isso é muito complicado pelo calendário dos jogos e viagens. O trabalho consome essa relação, mas a gente tenta ajustar, sempre que dá.

Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?

As relações de família, amigos, enfim, já me trouxeram impactos negativos, principalmente quando tive que escolher entre a carreira e o casamento. Escolhi a carreira.

Como é sua relação com a federação à qual você pertence?

Vejo a relação com muita tristeza porque não vejo muita vontade de movimentarem o feminino, não dá retorno, visibilidade. Eu esperava mais deles em propor ações para motivar a participação. Vejo uma omissão nesse aspecto.

Houve mudanças ao longo do tempo?

Não houve melhoras, não me sinto tendo voz, não levam em consideração nada do que você propõe, principalmente as mulheres, são machistas e não querem ver a modalidade crescer muito menos a carreira de treinadora.

Você acredita que os órgãos competentes como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol?

Não, não incentivam. Não recebi nem e-mail, ou parabéns como indicada entre as dez melhores do mundo.

Como elas impactam/impactaram na sua carreira?

Elas não impactam, mas talvez, se valorizassem mais as mulheres treinadoras, teríamos uma chance a mais de chegar a seleções estaduais e avançar na carreira.

Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?

Eu vejo guerreiras. Não gosto de falar assim, mas as poucas treinadoras tentam se sobressair. A gente vem mudando, já temos algumas referências e acredito que em breve teremos mais, vejo um movimento das mulheres querendo de inserir, buscando formação, gestão, então acredito que logo teremos mais mulheres inseridas.

Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

Na confederação a gente sabe um pouco mais e vê vontade de fazer as coisas acontecerem, mas a questão é a estrutura, falta de subsídios vindo para os clubes e para as treinadoras.

Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres?

A partir do momento que elas têm o poder sobre os clubes, em alguns aspectos: eu digo calendário, transferência, valores para repassar aos clubes. Ela dá diálogo, mas dificilmente reverte nas suas questões, nas suas solicitações, mas tem acesso. Falta recurso chegar.

O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?

Elas não interferem porque sei daquilo que posso fazer, posso buscar independente desses órgãos.

Como foi o início da sua participação no esporte?

Fui atleta de futebol, futsal, sempre apaixonada pela competição, desde criança, adolescente até a faculdade. Tive muita vivência, um pouco de tudo.

Como ingressou na carreira de treinadora?

Direto em TS e fui convidada depois do trabalho de preparação física no masculino.

Como foi se tornar uma treinadora?

Não foi fácil, foi desafiador; me tornar treinadora me ensinou a enxergar melhor como é o contato com outras pessoas, essa responsabilidade com atletas.

Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou?

Tive a facilidade de ter passado em concurso público e poder abraçar a ideia da construção do projeto de futebol feminino na cidade, de ter sido atleta e conhecer os caminhos. E tenho também dificuldade na profissão, que é de mostrar a todo momento meu potencial.

Você teve oportunidades em outras áreas?

Quase segui na área acadêmica, mas preferi o futebol por amor, escolhi pela oportunidade que apareceu; aliás, o futebol me escolheu.

Por que decidiu especificamente pelo futebol?

Teria ido para outras modalidades; o futebol foi uma oportunidade que apareceu e o fato de ter jogado me influenciou na escolha. Talvez o futsal deva ter me escolhido.

Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?

Olha, para ser sincera, foi natural, estava predestinado a ser, sou da época de jogar bola na rua; claro, com olhares desconfiado por ser mulher e jogar futebol, depois treinar equipes. Mas meus pais, amigos, todos, sempre me apoiaram porque viam que era aquilo que eu gostava e sabia fazer, que eu respirava o futebol.

Como enfrentou os desafios do contexto do futebol?

Das diversas formas: já chorei, já quis largar tudo, já perdi duas finais seguidas; não é fácil, mas ganhando ou perdendo, o processo de avaliação para mim é o mesmo, vivo o luto e enfrento tudo com superação.

O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil?

Evolução dos resultados, sair de uma equipe limitada para uma equipe campeã nacional, aspecto motivador, experiências e relatos do dia a dia.

Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira?

Como te disse no início, politicamente tem que ser favorável para o projeto continuar e minha meta é treinar uma equipe fora do país, novo desafio.

Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você?

Tenho inteligência em conseguir entender o jogo, tornar e criar uma metodologia que as atletas entendam, consigo projetar e fazer com que as atletas tenham variações na prática, facilidade na leitura do jogo. Não vejo dificuldades.

Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?

Nas questões psicológicas, eu sou determinada e tenho boa autoestima, isso ajuda; tenho habilidade para me relacionar, mas a principal para mim é a liderança, me vejo como motivadora. E a teimosia me prejudica demais porque o trabalho é em equipe.

As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual?

Eu não imaginava estar na lista das dez melhores treinadoras do mundo, nem ser campeã do Brasil, de ir para uma Libertadores; as minhas expectativas foram totalmente superadas, mas todas essas conquistas me levam adiante.

Existe algo que a faça ou a fez pensar em desistir da carreira?

A falta de valorização na modalidade, decisões equivocadas de quem rege o futebol, falta de incentivo me deixam louca e me fazem querer desistir.

O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira?

Sabe, a minha família é a minha motivação; a C. me motivou também, me inspirou, uma grande treinadora, mas a família é a principal na permanência.

As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Ah, sim, com certeza podem interferir: o reconhecimento financeiro não acontece, desmotiva é algo que precisa melhorar, mas estou aqui forte por gostar demais disso tudo.

E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Já pensei em abandonar a carreira, principalmente quando senti que os dirigentes desconfiavam do meu trabalho; as pessoas podem interferir em abandonar a carreira se não quiserem que eu fique.

O que significa o futebol para você?

Significa, hoje, uma parte muito importante da minha vida, muitas coisas que faço são voltadas para o futebol, tudo está relacionado a ele.

O que significa a carreira de treinadora para você?

O significado da carreira, para mim, é ser uma referência para muitas outras mulheres que também querem ser treinadoras, ingressar na modalidade, na carreira; eu carrego essa bandeira para outras mulheres.

T8

Fale sobre sua história como treinadora de equipes de futebol em uma ordem cronológica.

Parei de jogar e já recebi o convite do M. para ingressar a comissão técnica de uma seleção nacional.

Como eram/são os contextos de prática em cada clube pelo qual você passou?

O ambiente, eu acho muito positivo, muito legal mesmo; a gente já vem num convívio grande a tempo, mais de cinco anos, então o ambiente é superpositivo.

Como era/é sua relação com os atletas?

De muita liberdade de respeito, de entender até o momento de experiência, mas tudo muito positivo.

E com sua comissão técnica?

Também muito boa, desde atleta; agora, na comissão técnica, é de muito respeito.

Que condições você tinha/tem para trabalhar?

Sou funcionária de uma seleção nacional, portanto eu tenho boas condições de trabalho; sei que não é o que acontece com a maioria, mas as minhas são boas.

Você já mudou de clube?

Não.

Quais foram os fatores principais que a levaram a mudar de clube?

Não mudei, somente de categoria.

Estar inserida nesse contexto fez com que você tenha vivenciado algum tipo de constrangimento?

Sim.

Se sim, descreva uma situação que tenha marcado essa experiência.

O fato de você precisar reforçar a todo tempo que você pode fazer isso, sempre a única mulher dentro dos cursos, 80 homens e eu de mulher, sempre desafiador e às vezes constrangedor. Depois que os homens percebem que você pode contribuir e existir troca, essas barreiras são quebradas, mas antes sempre tem um ar de preconceito e constrangimento.

Quais eram ou são os outros microssistemas que você participa ativamente, por exemplo, família, igreja, escola, etc.?

Participo desses ambientes. Hoje, ainda faço mais uma faculdade, cuido da parte religiosa e minha família é minha base, sempre que posso estou aqui com eles. Estudar, sempre, faz parte sou curiosa. Fiz licença A da CBF, pós-graduação em gestão da FGV e precisamos disso.

Como é a relação entre esses microssistemas e o seu trabalho?

Na verdade, eu sempre tentei deixar tudo entrosado, sempre tive suporte das pessoas desses ambientes; isso ajuda você a sair um pouco do seu ambiente mais dia a dia.

Essa relação de alguma forma impacta/impactou no seu trabalho?

É muito bom quando eu estou com a minha família, isso me fortalece me impacta positivamente poder desfrutar desses momentos, eu volto para o meu trabalho mais fortalecida, me parece.

Como é sua relação com a federação à qual você pertence?

A Federação Paulista tem esse campeonato feminino há tempos, e a chegada da A. é um exemplo a ser seguido por outras federações, suporte, ela tem voz poderosa lá dentro, ações positivas, gera debate.

Houve mudanças ao longo do tempo?

Teve, no feminino com a chegada da A. e ela tem suporte por traz, então a Federação Paulista ganha forças. Mas somente essa federação, outras não acredito em mudanças, talvez realidades diferentes, mas devem tentar mudanças.

Você acredita que os órgãos competentes como federações, confederações, incentivam ou não a carreira de treinadora de futebol?

Eu acho que agora, sim; antes não tinha espaço. Eu vejo isso mais forte agora, um movimento novo, uma onda de ordens de cima para baixo que são fundamentais, com obrigatoriedades, incentivo e isso deve acontecer. Ex-atletas querendo fazer parte, antes cada um tinha que sobreviver, mas agora, pensar isso agora, eu acho que a realidade está mais próxima.

Como elas impactam/impactaram na sua carreira?

São muitas portas que se abrem quando você está onde estou, mas a sua responsabilidade de abrir portas é maior. Então, para mim, impactaram na forma de plantar sementes, estar ali não é o mundo real da maioria, mas preciso deixar isso aberto e trazer possibilidades para outros também.

Como você vê em geral a estrutura da carreira de treinadora de futebol no Brasil?

Lá fora, na Europa, elas começam cedo, as atletas da seleção da Alemanha já com licença UEFA de treinadora; imagina uma atleta que tem o nível de conhecimento de uma licença pró. Aqui, essa transição é

diferente: acontece quando para de jogar, daí você pensa em um sistema que poderia compor e você estudar enquanto atleta, cursar as licenças e depois treinar a base, seria fundamental. Portanto, essa estrutura aqui pode e deveria melhorar.

Como você vê o papel da CBF e da FIFA em relação ao futebol feminino e às treinadoras?

Apresenta uma melhora de estrutura e incentivo quando elas (FIFA, CONMEBOL e CBF) têm pegado forte, a partir do momento que fizeram o plano de desenvolvimento do futebol feminino e uma das bases é capacitar e desenvolver treinadoras; isso, a FIFA vem de cima para baixo, a CBF e a CONMEBOL vão ter que cumprir e essas obrigações vieram para chacoalhar.

Como elas impactam dentro dos clubes de futebol em relação às mulheres?

Nesse momento, na obrigatoriedade que a FIFA está impondo, vejo o impacto positivo de crescimento.

O quanto elas (CBF / FIFA) de alguma forma interferem ou interferiram na sua carreira como treinadora?

Agora, incentivam a carreira; antes não tinha espaço. Eu vejo isso mais forte agora, um movimento novo, uma ordem vinda de cima para baixo, desses órgãos superiores ligados ao futebol que são fundamentais, obrigações, incentivo e isso deve sempre acontecer.

Como foi o início da sua participação no esporte?

Meu pai sempre gostou do futebol e me levava junto, mas eu era karatê, futebol e tudo junto com meninos no bairro; gostava de praticar esporte sem importar qual, mas o futebol sobressaiu mais.

Como ingressou na carreira de treinadora?

Direto do campo, de atleta para a comissão técnica de uma seleção nacional.

Como foi se tornar uma treinadora?

Foi maravilhoso me tornar treinadora, é muito bom poder seguir dentro do que gosta de fazer.

Quais as facilidades e dificuldades que você enfrentou?

A dificuldade que enfrentei, principalmente no início, foi de entender o papel de treinadora, de me perceber nessa comissão técnica. A facilidade é poder estar em um lugar que está tudo ali, que se tem tudo, seja como treinadora ou atleta.

Você teve oportunidades em outras áreas?

Eu nunca tive nenhuma outra oportunidade porque desde sempre estive no futebol, como atleta primeiro, sobrevivendo da modalidade, e depois como treinadora.

Por que decidiu especificamente pelo futebol?

A decisão aqui é por amor, paixão, sempre fiz isso.

Como as pessoas viram a sua escolha (família, amigos)?

Muito tranquilo, todos sempre acompanharam e apoiaram; só os questionamentos de seguir e escolher pelo futebol, mas isso não foi impeditivo.

Como enfrentou os desafios do contexto do futebol?

Eu sempre tirei muito de letra as coisas; eu lembro dos questionamentos que citei, mas enfrentei o que eu queria. Eu sempre tive claro o que queria ou se não tinha profundidade dos problemas e assim seguir de boa.

O que faz com que você permaneça/permanecesse atuando como treinadora de futebol no Brasil?

Eu quero contribuir com o futebol, essa modalidade é transformadora, então quero poder ficar aqui, ajudar, ele tem poder, ele tem voz para transformar vidas e quero ajudar.

Como você analisa as oportunidades de permanência na carreira?

Eu analiso as oportunidades como se mostrar e ser capaz, o mercado é muito fechado para nós até o momento em oportunidades, mas está chegando aos poucos a hora dessa abertura e precisamos estar preparadas, principalmente com estudo.

Quais características que você tem que podem ter favorecido a sua carreira de treinadora de futebol? Há características que, ao contrário, podem ter prejudicado você?

A percepção e entendimento de jogo são características que tenho que me ajudam muito, sempre fui uma atleta inteligente nesse quesito e trouxe isso para a carreira como treinadora. Prejudicado, não vejo isso, não observo.

Em termos psicológicos, quais características que você tem que podem tê-la ajudado na sua carreira como treinadora? Há alguns que podem ter prejudicado?

Psicologicamente, eu sou agregadora, sei tirar o melhor do outro. Ser emocional me prejudica, ir só com a emoção, isso é muito ruim para mim.

As suas expectativas iniciais da carreira são condizentes com a realidade atual?

As minhas expectativas não são condizentes com meu início. Na verdade, eu nunca pensei que pudesse estar onde estou hoje, logo de cara em uma seleção nacional, isso nunca passou pela minha cabeça, nunca me motivei pensando em estar aqui.

Existe algo que a faça ou a fez pensar em desistir da carreira?

Desistir é chance zero para mim, nem da carreira e nem do futebol feminino pelo amor ao que vivo.

O relacionamento com pessoas significativas pode ter favorecido para sua permanência como treinadora? E na sua intenção para abandonar a carreira?

Meu pai, ele sempre me apoia, e minha mãe são essas duas pessoas. Para abandonar, não, nenhuma pessoa me interfere.

As suas expectativas pessoais em relação a seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

No início, eu me sentia incapaz, despreparada e isso me fez pensar em não permanecer, mas resisti, tomei coragem, aprendi e estou buscando sempre o melhor.

E as expectativas dos outros sobre seu desempenho podem ter interferido na sua permanência? E na intenção de abandono?

Sim, já na intenção de abandono, mas não levei muito em consideração e prossegui.

O que significa o futebol para você?

É o que eu respiro desde sempre, é o meu agente transformador, o que conheci, passei, o que vivenciei, sempre foi muito importante para mim o futebol, meu amor.

O que significa a carreira de treinadora para você?

Hoje, a carreira é minha grande missão, aprender mais e poder dividir isso com outras treinadoras e atletas, como exemplo a elas.